Roberto Axe

A TRILOGIA

Uma cidade refém da imaginação de um escritor? Ou nas mãos de um assassino?

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudíavel a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.us*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

Roberto

Axe

A TRILOGIA

PREFÁCIO

Este é um livro irreverente, haverá quem diga: 'satânico'. Fala de individualidade e autodescoberta, mesmo que estas importem em afastar-se dos demais, esmiuçar a vida por conta própria e cometer crimes. O protagonista Renato Daemon é um escritor que resolve morar nele mesmo, e não o faz sem passar por descobertas assustadoras e mesmo avassaladoras, no intuito de incorporar sua sombra como fonte de poder. Fazer isto não é para qualquer um, requer uma atitude destemida que obviamente desagrada aqueles que têm uma leitura de mundo bastante simples, os comuns. Ele seguirá em frente, fazendo desta descoberta sua arte e confrontando este novo mundo com o mundo confortável das pessoas corriqueiras, levando isso às últimas conseqüências. Um homem solitário e corajoso que receberá o epíteto de 'monstro', por negar-se a refletir os comportamentos aceitos e o pensamento estagnado que aquece os acomodados e até legitima essa inércia. Mas, nem todo mundo é todo mundo, e a mim parece que esta é a equação mais difícil de resolver na cabeça da chamada 'maioria'. O pensamento gregário reluta em aceitar a originalidade, - vide a Arte - como se esta fosse fazer desmoronar o castelo de areia que foi construído com tanto esmero e paciência para que sirva de abrigo àqueles que não tem coragem de arriscar. A vida é muito curta e preciosa para nos darmos ao luxo de alguma vez não saltarmos na vastidão negra de nossos abismos mais profundos, mesmo que lá nosso rosto assuma feições demoníacas. Mas, afinal, a quem interessa que não realizemos essa viagem fantástica da autodescoberta? Até mesmo ameaçando-nos com noções de inferno? Deixo a pergunta no ar. Será mesmo que os arautos da Moral, aqueles que se beneficiam com ela, não possuem vãos escuros na chamada alma? Hmmm... Bem, Rio Cercado, a cidade onde se desenrola esta estória, é uma localidade acomodada e corriqueira, que tem seu amado sossego quebrado quando percebe que o 'outro', o 'invasor' é 'diferente'. A autonomia é algo perigoso aos acomodados e tem de ser, ou não é nada! Sendo planificada – a cidade - e horizontal em comportamento, é logicamente acéfala [o fato de não ter um prefeito, ou, que este seja irrelevante na história, demonstra isso], porém, o inusitado faz com que algumas nuances humanas se desvelem, e alguns rostos apareçam por detrás das máscaras. Ficar agarrado ao lado apolíneo, desprezando e anatematizando, sempre, as deliciosas artes de Dionísio, só pode gerar pessoas pela metade. Pois bem, que cada um enxergue, então, até onde esse sol de Apolo alcance, e que seja um perigoso abismo o que for para mais além. Mas que nunca se esqueçam: existem seres que carregam imensos abismos dentro de si, que brincam com luz e escuridão com a habilidade dos mestres! São os 'diferentes'... os diferentes dos chamados 'bons'. O 'bem' é um rótulo que abriga todo tipo de hipocrisia, e é sob essa égide, e forçação de barra platônica, que toda uma canalhice existencial se esconde, e a História não nos deixa mentir: Sade nunca matou ninguém, mas era o libertino 'mau', já o 'bom' Robespierre... [...e não estou emitindo juízo moral aqui, só demonstrando quanto se pode ser hipócrita conforme as circunstâncias]. Pois é... é tudo uma questão de perspectiva [mais uma vez, dá-lhe Nietzsche!]. Bem e Mal são conceitos

manobrados de acordo com o momento histórico e as conveniências, nada mais; porém, servirão sempre como esconderijo para todo tipo de gente. Quem não pode criar-se a si próprio, abriga-se sob as coisas e conceitos criados, paciência, mas isso não torna ninguém 'melhor', ah, isso não. Um homem versus a Cidade, a Cidade versus um homem, taí uma luta justa, o mau Renato Daemon contra a boa Rio Cercado e vice-versa, que cada contendor use as armas de que dispõe, da maneira que melhor lhe convier. Enfim, espero que as pessoas inteligentes entendam as metáforas contidas neste livro, as demais, gostaria que ficassem longe dele, pois não faltariam acusações ao autor, tipo: tem uma mente psicopata! Mas... pensando bem, até que isso seria divertido, então a esses eu responderia... ou melhor... seria mais divertido, também, deixar esta resposta no ar...

Este livro é dedicado a todos que moraram, moram, ou um dia morarão na casa da colina...

‘Nossa voz ecoa melhor nos abismos mais profundos...’

O Autor

‘Escravo é todo aquele cujo
pensamento não é uma arma!’

A TRILOGIA

CAPÍTULO 01 ***INCIPIT TRAGOEDIAE!***

Desceu a Alameda do Arvoredo como fazia sempre naqueles dias. Naquele horário, cedo da manhã, apenas o compasso de sua corrida matinal podia ser ouvido por onde passava. A batida

ruidosa de seus tênis sobre o solo às vezes irregular, às vezes empoeirado das estradinhas singelas e dorminhocas da pequena cidadezinha era entrecortada pelo canto longínquo dos galos. Renato adorava correr naquele horário, sentia o cheiro orvalhado das árvores e do aroma manso exalado por aquele mato indolente e serenamente alheio. Impressionava-se com o sossego desta cidade. Rio Cercado. A impressão que tinha era de que tudo dormia, aguardando o estalar das batidas ritmadas de seus pés, como se estas anunciassem que o Sol já espreitava por detrás dos imensos montes que mais pareciam muralhas a cercar o pequeno burgo. A manhã fria lá fora já começava a contrastar com a realidade 'intramuros' de seu training. Todos os dias, quando chegava perto da pequena igreja, já estava transpirando o suficiente para sentir um entusiasmo tímido no tocante ao que julgava ser um incômodo excesso de peso. Além do mais, já passara dos quarenta, e a decisão de mudar-se para aquela pacata cidade havia sido, julgava ele, a decisão mais acertada para botar sua saúde e situação financeira em ordem. Longe de tudo e todos, poderia dedicar-se finalmente a sua grande paixão: a Literatura. Queria escrever, sentia-se um escritor pronto, maduro. Um escritor, pensava, precisa amadurecer, precisa debruçar-se sobre sua própria vida e a dos outros, num exercício contínuo de observação, ruminação, preparação, enfim, um agente invisível das coisas visíveis. Sempre disfarçado de si mesmo e ao mesmo tempo, disfarçando o 'si mesmo' que nem ele conseguia compreender. Naqueles dias, Renato achava tudo um pouco complicado; afastado para melhor observar a vida, esta 'matéria' com que o artista molda sua obra, não conseguia ver nada. Talvez mesmo, tivesse errado seus cálculos; quem sabe deveria ficar mais tempo envolto em seus próprios problemas, que já não eram poucos, e retirar dali sua matéria-prima? A verdade é que estava enojado de tanto se perder e se achar(?) como um cachorro que rodopia querendo morder o próprio rabo. Este era o motivo de estar ali, na pequena Rio Cercado. Sua mente precisava respirar, conspirar, e a partir daí, criar. Alugara a famigerada 'casa da colina' por uma ninharia, pois todos na cidade a julgavam mal-assombrada, porém ele não acreditava em fantasmas e não perdeu o negócio de ocasião. Só havia aquela casa na colina, assim ficava livre de vizinhos indesejáveis e xeretas, sempre tão zelosos em enfiar o nariz na vida dos outros. Ainda mais que não era uma pessoa de hábitos muito ortodoxos, possivelmente, se houvesse vizinhos por perto, já estariam escandalizados com as noites de intermináveis orgias que promovia com algumas prostitutas do bordel local, o Bordel da Rosa. Não foram poucas as vezes que encheu a cara de uísque e correu pelo campo, no meio da noite, totalmente nu, juntamente com as putinhas da Rosa. Corria livre pela escuridão tal qual um Apolo noturno atrás de sua Dafne fujona; gostava de brincar assim. Sentia-se livre quando não estava sob os olhares curiosos e indiscretos da população de Rio Cercado. Aliás, farejava com facilidade a surda indignação daquela pacata gente; desde que alugara a casa da colina, o sentiam como um cisco no olho. Era um homem misterioso aos olhos mornos dos habitantes da cidade, habituados à vida corriqueira, e sempre zelosos de que nada nem ninguém abalasse o dia a dia insosso se suas vidas. Renato alugara a casa assombrada, logo, não tinha medo, e isso não era bom. Como assim? – fofocavam – não ter medo de fantasmas? Que estranho homem é esse? Não pode ser coisa boa! Renato remoia estas coisas sempre com um sorriso nos lábios, realmente era muito divertido sentir no ar a preocupação incômoda que ele causava, mesmo sem dar absolutamente nenhum motivo para tal. Raciocinava sobre essas coisas quando entrou em uma pequena rua para ganhar a avenida principal da cidade, ali, havia uma característica que já havia lhe marcado a memória; logo ao 'dobrar' a esquina, passava pela loja

de seu Haroldo, um velhote gordo e bonachão que consertava eletrodomésticos e que não se furtava a lhe enviar um breve aceno acompanhado de um sorriso que julgava ser sincero. Seu Haroldo costumava deixar um imenso rádio voltado para a rua, de onde Renato ao passar, podia escutar o programa matinal de notícias, como se estas pudessem existir naquela singela urbe. Escutava coisas como: *'a noite de ontem foi tranqüila em Rio Cercado, afora o sr.Fulano de tal que reclamou de um cão que latiu insistentemente...'* Não foram poucas as vezes em que caiu na risada ao ouvir as banalidades da noite anterior à sua passagem pelo pequeno negócio do Sr. Haroldo. Obviamente, sempre disfarçava sua hilaridade, pois não queria parecer acintoso aos habitantes da pacata localidade. Já na avenida principal e com o Sol esparramado alegremente sobre Rio Cercado, costumava passar por vários locais, padaria, armazém, bar, loja... Enfim, todos abrindo suas portas para mais um dia tranqüilo, com nada fora do lugar, a não ser a poeira e os pequenos dejetos que eram agora varridos da frente dos discretos comércios. Ao final da avenida principal e já sentindo o abraço morno do Sol, Renato começava a ofegar e sentir os primeiros sinais de cansaço, porém, era difícil não ostentar a esta altura um sorriso nos lábios ressequidos. Era na avenida que podia perceber o cochicho matutino dos habitantes, bem como, os olhares curiosos, temerosos e até agressivos daqueles que o viam passar em sua corrida compassada. Julgava mesmo, que algumas pessoas se pudessem lhe atirariam pedras. Para aguçar mais corações e mentes, usava sempre o capuz do abrigo para encobrir o rosto. O 'monstro' da colina. Sim, já ouvira algum boato de que pesava sobre ele a sombria alcunha de 'monstro'. Não foi uma nem duas vezes que se pôs a pensar o que levaria alguém a considerar um monstro um sujeito apenas por ser um solitário. É bem verdade que Renato não freqüentava a pequena igreja que lotava nas manhãs de domingo, e isto em uma cidade como Rio Cercado era quase considerado um crime. Assim, era visto como uma espécie de criminoso, pois desde que começara a viver naquela pequena comunidade, não movera uma palha no sentido de se 'enturmar' na sociedade local, nem mesmo dava muita conversa aos moradores, afinal estava lá para escrever. Tinha de ser sincero consigo mesmo se quisesse ser autêntico em seu trabalho, mentir para si seria um crime a ser impetrado na atividade a que se propunha e era para isso que estava ali. Um escritor não mente para si mesmo, se o fizer, estará mentindo, por osmose, a seus leitores; a ficção é apenas a mentira em que vem embalada a verdade do autor. Se for autêntico, deverá ter ouvidos e olhos atentos a tudo e a todos, porém, deverá traduzir o que ouve e vê através da própria experiência. Renato não julgava que Rio Cercado lhe pudesse proporcionar qualquer tipo de alimento intelectual capaz de gerar Literatura; era apenas a cidadezinha sem graça que poderia acolher sua solidão, sem problemas, comunidade mansa e inócua, com capacidade de se manter assim, oferecendo as condições necessárias para sua produção criativa. Porém, esta ainda não havia se manifestado e isso começava a gerar uma certa aflição no autor neófito. Quando do aluguel da casa na colina, Renato constatou a desconfiança dos locadores ao escutarem a palavra 'escritor'; como se não bastasse a estranheza por aquele ser misterioso vindo de fora interessado em alugar a casa 'mal assombrada'. Renato tinha a pretensão de conhecer um pouco o gênero humano, por isso tinha certeza de que fecharia aquele negócio com alguma facilidade; ora, era uma casa velha, de madeira e condenada às teias de aranhas graças à sombra 'sinistra' – ele preferia o termo 'folclórica' – com que a população lhe 'abençoara'. Era totalmente impensável que alguém na cidade fosse um dia morar lá, logo, o pensamento dos locadores fora estritamente pecuniário, ainda mais quando o locatário anunciou que daria um

belo adiantamento. Estava tudo bom, apesar do receio dos habitantes com o 'monstro' da colina; o monstro não freqüentava a missa, mas era assíduo no bordel, não era então de estranhar os olhares e cochichos. Agora, o Sol estava quente e o corredor retornava à sua casa, transpirando e arfando, no retorno de mais uma divertida jornada atlética por Rio Cercado.

Renato mantinha uma rotina frugal. Tão logo voltava de sua corrida matinal, tomava seu banho e comia qualquer fruta que encontrasse. Sentava-se então à frente de sua máquina de escrever mecânica; sim, não queria nada muito tecnológico e nem ligações diretas com o mundo lá fora; nessas horas tranformava-se num misantropo e desligava inclusive seu celular, único canal com sua vida pregressa. Não queria que vozes do passado, nem que assuntos repisados e comezinhos atrapalhassem suas idéias em gestação. Mas aí começava seu único problema: não lhe ocorria nada. O pior é que não podia voltar atrás, vendera seus poucos pertences para dedicar-se àquilo que julgava sua vocação, isso sem levar a sério alguns comentários de amigos, tão suspeitos quanto a alguns elogios. Porém, o que importava era de que ele, Renato, estava disposto a tudo pela arte da escrita. Tinha de seguir adiante, já não havia caminho de volta, e olhando atentamente aqueles móveis velhos que lhe circundavam e ofereciam a metáfora perfeita para seu passado, julgou ser o ambiente ideal para fazer o ninho da Fênix. A casa era franciscana. Uma velha casa de madeira constituída de uma sala relativamente grande, dois quartos acanhados, cozinha e banheiro idem. Não levara nada além de roupas, livros e pequenos pertences que incluíam um revólver calibre 38, cromado, cano curto. A varanda da residência era relativamente grande e era seu local preferido para leitura, sempre sentado em uma velha cadeira de balanço na qual embalava-se tranqüilamente levantado os olhos acima do livro de quando em quando, para ver se nenhum intruso incômodo se aproximava. A paisagem dali era privilegiada, podia ver toda a pequena Rio Cercado a seus pés. Era o topo da colina e lá embaixo uma paisagem bucólica e ingênua se entregava, mansa, aos olhos do morador solitário. A pequena localidade não tinha prédios altos, deixando que a torre da igreja reinasse soberana em seu seio feito um dedo apontado para o céu, que quase sempre se apresentava ensolarado e azul. Mas o que mais impressionava o homem da colina eram aquelas montanhas verdes ao redor da cidade, unidas numa ciranda extática como que a proteger a singela cidadela, talvez dos perigos selvagens daquele verde infinito de que era refém. Em seu pedaço, embora o pátio fosse pequeno, Renato havia criado uma pequena horta ao lado da casa, tudo isso circundado por uma acanhada cerca de madeira já apodrecida que ele julgou não valer a pena trocar. Quando a noite caía, tudo se afundava em intensa escuridão, apenas quebrada pelo brilho tímido das luzes da cidadezinha lá embaixo, e obviamente, pela luz amarelada gerada pela 'casa assombrada'. Às vezes divertia-lhe a idéia de que o único fantasma naquela colina era ele mesmo, tão perdido se sentia em sua falta de inspiração; sentia de tanto em tanto, o leve roçar do desespero. O dinheiro logo iria acabar, o que faria então? Pediria emprego na loja de seu Haroldo? Mas então seria a bancarrota total, o escritor estaria morto, tudo não teria passado de uma idéia delirante e teria de habituar-se à vida na cidade, ruminando e acalentando o autor defunto em seu ventre pelo o resto

de seus dias. Não, não podia cogitar destas coisas, a inspiração viria, sim, viria, era uma questão de tempo. Se ao menos Rio Cercado fosse mais interessante, tivesse habitantes humanamente mais vivos, tipos mais atraentes, que estivesse fundada em cima de um vulcão, qualquer coisa! Precisava se apaixonar por algo, algum acontecimento, algum tipo estranho; Renato então riu. Ora, se havia um tipo estranho naquela localidade este era ele, Renato. Mas aí algo lhe ocorreu. Quase como de um estalo, deu-se conta de que não deveria perscrutar a acanhada comunidade à procura de qualquer tipo de inspiração para seu trabalho. Chegara a esta conclusão com um incômodo sentimento de vergonha. Vergonha por não encontrar em si mesmo o manancial para sua estória. Vergonha, talvez, por não possuir vitalidade suficiente para remexer suas entranhas e trazê-las para fora, atirá-las na mesa e tal qual um médico legista, acostumado a revolver tripas, pinçar equimoses negras, tumores malignos ou benignos, encontrar cicatrizes intestinas ou restos de qualquer má digestão, qualquer coisa enfim, mas será que os possuía? Teria condições de remexer suas vísceras com uma caneta? Sim, pensou, era um homem constituído por imensos abismos. Perigosos labirintos, becos escuros e tenebrosos, muitas vezes teve medo de si mesmo; e também muitas vezes nessas ocasiões se perguntou se o verdadeiro Renato era o medroso ou o que amedrontava! Não era fácil descobrir-se quando dividido. Chegou a conclusão de que era realmente ambos, porém um vivia ao Sol e outro à sombra, mas então não teria chegado a hora de promover o abraço micro-cósmico destes dois 'Renatos'? E que aquele da luz enfiasse seus dentes de vampiro solar na jugular negra do outro? Um vampiro ao contrário! O solar precisa sugar o sangue de sua sombra! Tudo está na sombra! Agora ali, tão distante de tudo e todos, tão para além da Moral! Ora, foda-se Rio Cercado! Tinha era de olhar para seu próprio umbigo, talvez até enfiar-lhe uma faca, o que não podia era depender daquela linear comunidade se quisesse realizar seus planos. Não havia nada ali que pudesse interessá-lo... ou quem sabe ele não estivesse olhando para Rio Cercado com a devida atenção.

A página seguia em branco e então Renato decidiu bebericar uísque. Botou dois dedos da bebida, sem gelo, em um pequeno copo e puxou a garrafa para a vizinhança de sua máquina de escrever. Sentado a olhar o papel, não lhe ocorria nada a não ser pensamentos desencontrados; pensamentos que invadiam sua mente como se esta fosse uma espécie de bordel barato, onde bastasse remover as pesadas pedras colocadas de dia para que seres noturnos e perigosos viessem dançar sob o sol vermelho de sua inspiração tão menina e já tão despedaçada. Bebeu de novo e de novo... Após algum tempo levantou-se e perambulou pela casa, de repente parou diante de um velho espelho de parede e olhou-se nos olhos, já eram outros olhos, eram os olhos que se acostumara a ver por esses espelhos da vida, quase com força para quebrá-los. Era o Renato recalcado que agora, via álcool, apoderava-se de seu semblante... pois então que viesse! bebeu mais. Renato conhecia bem esse outro Renato. Não foram poucas as vezes em que esse homem poderoso vindo das sombras e que assumia o corpo do pacato homem solar, quase lhe botou em perigosas encrencas. Lembrava-se de Márcia, morena voluptuosa de belos cabelos negros, rosto brejeiro e sorriso malicioso que durante uma das tantas fantasias de Renato, quase

perdeu a vida sendo asfixiada durante o ato sexual. Não fosse o homem solar aflorar no último instante e pronto, haveria um assassinato! Mas também era preciso reconhecer de que o homem sombrio era o responsável pelos prazeres mais inebriantes, pelas fantasias mais intensas e extasiadas. Era por isso que amava tanto o bordel da Rosa, lá encontrava as meninas que quisesse a bom preço e dava vazão a seus melhores instintos e fantasias! Agora se olhava no espelho com seu olhar e sorriso demoníacos, sim, ah... Meus melhores instintos! – disse em voz alta - Isso ainda não é nada! Nada! Esta cidadezinha de merda vai conhecer o escritor! Ah, vai! Agora posso ver tudo! O Renato 'bonzinho' não pode escrever, não tem condições, é estéril. Pouco se diferencia dos habitantes desta porra de cidade! Mas eu não! O escritor sou eu, não ele! – Sentou-se à máquina quebrando uma velha regra sua: não beber durante o dia e não escrever embriagado, - Ora, fodam-se as regras! - Uma intensa gargalhada envolveu a velha casa, então deu mais um gole e começou a dedilhar fervorosamente a velha máquina.

Renato acordou abrindo olhos pesados. Estava tudo envolvido em uma incompleta escuridão, entrecortada pela claridade que subia de Rio Cercado e invadia, tímida, através das janelas do casebre. Ergueu a cabeça dolorida e percebeu que havia adormecido com seu rosto sobre a máquina. Era noite. Levantou-se e cambaleou até o disjuntor na velha parede de madeira, tropeçou em uma cadeira, acendeu a tíbia luz e quando olhou para a mesa, arregalou os olhos inchados. Havia escrito um considerável número de páginas; apagou novamente a luz num gesto inconsciente, como se quisesse que o conteúdo assustador contido naqueles papéis permanecesse nas sombras. Cambaleando na penumbra, foi para seu quarto e desabou na velha cama que estalou seu esqueleto de madeira, num protesto de velha senhora, pelo desleixo dos movimentos do corpo que era obrigada a acolher em seu seio cansado. O gosto azedo do uísque dormido em sua boca não foi suficiente para que se dignasse a lavar-se e escovar os dentes. Queria apenas descansar o esqueleto dolorido e a mente dilacerada pelo aço afiado do bisturi perscrutador de si mesmo. Renato sentia uma espécie de crise de identidade, algo para o qual não encontrava as explicações adequadas. Novamente o turbilhão começava a invadir lentamente sua cabeça cansada, não queria mais pensar, queria dormir, porém algo lhe tirava o sono: o que estaria escrito naqueles papéis na sala? Um sentimento de raiva começou a apossar-se de seu combalido ânimo, era só o que faltava! Ter medo de si mesmo! Ou quem sabe lutava inconscientemente para que o escritor não se apossasse de sua existência já tão mal resolvida, botando tudo a perder. Porém, pensou melhor e chegou rápido a uma conclusão: o que tinha a perder? Não queria ser um autor afinal? Não teria acaso que se auto-infligir talhos, talhos profundos? E se por estes cortes vazasse o 'outro', o Renato das sombras, o Renato a quem o Sol impõe o sono forçado, para que o ente social possa arrastar suas misérias a céu aberto? Tendo assim as condições necessárias para ser alguém em que se possa passar a mão na cabeça, tal qual um cachorrinho obediente? Bem encaixado no ramerrão dos dias mornos dos que são função, nada mais? Sabia que o artista não estava aí, sabia que nesse limbo que serve de fachada para apertos de mãos e outras coisas do dia a dia necessário, não há nada que se preste a terreno fértil em que possa brotar a flor criativa. Mas se não é aí, teria obrigatoriamente que evocar sua outra metade, aquela que precisa estar

morta para que o Renato social viva. O artista está em seu túmulo, é preciso arrastar a lápide pesada da miséria existencial e suportar os primeiros odores sem voltar atrás para tampá-lo novamente, sob pena de amanhã não haver mais nada a ressuscitar. Renato virou-se na cama e abraçou seus joelhos numa posição fetal. Do que tinha tanto medo afinal? Dele mesmo? Mas então não teria chegado a hora deste abraço cósmico? Ou ele teria medo deste abraço por causa de todas as imundices que um ser saído de um pântano carrega consigo, seu outro lhe deixaria sujo de lodo negro trazido de lugares impensados, profundezas inimagináveis? Mas então, se negasse esse abraço lodoso, estaria negando a si mesmo! Um frio lhe correu na espinha... Não estaria carregada de águas caudalosas aquelas páginas ali na sala? E se estivesse, não teria sido sua mão a vertê-las? Do que tinha medo então? Respirou fundo. Era chegada a hora de incorporar a si mesmo, assumindo todos os riscos do empreendimento, seu lado mais negro era *'ele mesmo'*, afinal, como poderia passar o resto de sua vida sufocando sua vertente mais pura? Vertente negra! Vertente instintiva! Vertente criativa e assustadora! A fenda pela qual vertia a si próprio! Chega! Coragem! O livro havia iniciado com aquelas páginas misteriosas ali na sala, as coisas mais puras estão no escuro! Renato aos poucos foi relaxando sua tensão e adormeceu com um involuntário sorriso nos lábios; lábios através dos quais exalava o odor do uísque azedo, reminiscência de um beijo íntimo com gosto de horror.

Desceu a Alameda do Arvoredo, o velho e bom som se suas pegadas fortes ia acordando a Natureza. Os galos, arautos do novo dia, realizavam sua sinfonia desencontrada, numa competição de gargantas estridentes como que para descobrir quem mais alto anunciava a chagada do Sol. Renato seguia seu trajeto rotineiro, saíra naquela manhã sem ler seus escritos, resolvera deixar o mistério para a volta. O capuz enfiado na cabeça, o training preto, o homem soturno, o monstro da colina! Passada à passada, ritmo, suor, Sr. Haroldo, trivialidades no rádio, Av. principal, tudo no seu lugar. Olhos que miravam qualquer coisa por onde passava, espiando através do capuz negro. Lá vai o corredor solitário levando consigo todo o mistério da colina; cruzava por olhos curiosos e indecisos, cumprimentos tímidos, pragas surdas, impropérios engolidos, mãos ansiosas por pedras, cuspes ruminados; lá vai o homem que não tem medo de fantasmas! Como pode! Tem parte com o Demo! Mal sabiam eles que seus fantasmas não eram os mesmos de Renato. Os de Renato corriam ali, com ele, não estavam na casa, mas onde o corredor estivesse e ao contrário da população, o escritor queria a amizade desses seres invisíveis. Mais que isto, precisava formar uma família com eles. Também, eram fantasmas diferentes, não se tratava de almas penadas, estas que apavoram os simples. Não. Eram demônios internos e que formavam sua própria anatomia, precisava era estar de bem com eles para dar mais vigor a esta dança incessante da existência. Renato lembrava de tanto em tanto, das folhas de papel em sua mesa, redigida por demônios, seus demônios, e tudo de que precisava agora era incorporá-los de vez. Pois bem, cada um com seus fantasmas; porém, ele não acreditava em fantasmas, a população sim. Portanto, lá vai o Monstro da Colina. Só que desta vez o 'monstro' teve uma idéia, resolveu aproximar sorrateiramente seus ouvidos das bocas

maledicentes da cidade, então interrompeu sua corrida para comprar um jornal na lanchonete de Dona Santa. Entrou no local e parou à porta; umas dez pessoas faziam o desjejum na acanhada lanchonete, todos pararam. Desta vez sem disfarce, todos olharam ao mesmo tempo para o estranho; tanto no balcão como nas poucas mesas havia pessoas com pedaços de torradas suspensas entre a mão e a boca, como na velha brincadeira de 'mandrake'. Renato então puxou o capuz, oferecendo à platéia o espetáculo pelo qual tanto ansiava, deu-lhes a sua cabeça! Mas para espanto geral, o monstro não era um monstro! Ao contrário, era até bem apessoado, o cabelo preto e fino já recebia as primeiras neves da idade, bem como as entradas um pouco aprofundadas que revelavam não se tratar de um garoto. Os olhos grandes e negros estavam indecisos entre amedrontarem-se ou amedrontar. A barba espessa e mal feita contribuía para que o rosto de mandíbulas fortes e nariz pequeno, um pouco adunco, ostentasse um desleixo 'de artista'. O visitante inesperado caminhou tranqüilo até os jornais, que ficavam em uma pequena mesa apartada em um canto. Dona Santa era uma velhota gorda de cabelos grisalhos presos que faziam ressaltar mais ainda as bochechas coradas na cara redonda, quase sem nariz. Ela observava o intruso com seus pequenos olhinhos. – Parece um porquinho – pensou Renato enquanto observava os jornais.

- É tudo de ontem! – gritou a velhota.

Os comensais retornaram a seus sanduíches e cafés, como se a exclamação de Dona Santa fosse uma ordem para que seguissem normalmente suas vidas, porém, a curiosidade de olhares rápidos e soslaios era impossível de conter.

- O senhor sabe... Cidade pequena... Os jornais chegam tarde, lá pelas dez horas. – as palavras da velha fizeram Renato corar, era óbvio que àquela hora não poderia ter os jornais do dia. Como não pensou nisso? A vontade de Renato era de enfiar o capuz e sair correndo daquele constrangimento, até porque, pôde observar e escutar alguns risinhos e até um 'otário' pronunciado por uma voz revestida de alguma valentia. Porém, repentinamente cravou os olhos em Dona Santa e todos cravaram os olhos nele.

- O cheirinho está bom, vou querer um café! – proferiu, ensaiando um sorriso. Ato contínuo caminhou ao balcão e enquanto aguardava fez uma visão panorâmica do local. Todos que estavam ali eram pessoas mais velhas, possivelmente trabalhadores da avenida e seus olhares estavam entre curiosos e hostis. A palavra 'otário' agora não lhe saía da cabeça; proferida entre os muitos, anunciava uma atitude covarde típica dos que se escondem no número para poderem dizer o que querem. Um gosto azedo de desprezo apossou-se de seus pensamentos – Açúcar ou adoçante? – a voz da velha pareceu uma lixa em sua mente - Açúcar, sim, obrigado. – estava com vontade de atirar a polidez no lixo, apontar o dedo para aquelas caras patéticas e realizar um pequeno discurso, tinha vontade de dizer: - Seus fodidos, mortos-vivos! O que eu fiz para vocês para me odiarem tanto? Detestam-me por que eu não arrastei minha vida para debaixo dessa sombra morta na qual vocês existem mesmo não existindo? Por que eu tenho algo a dizer, e isso não é do agrado geral? Fodam-se! Sou 'otário' então. Certo. – Parou de delirar, virou-se para o balcão e começou a bebericar o café. Dona Santa então puxou assunto, como quem tateava um saco com algo desconhecido dentro, talvez uma bomba.

- O senhor alugou a casa da colina não é? – o silêncio que se fez após a pergunta deixava claro que a resposta seria acompanhada por um batalhão de ouvidos.

- Sim. – respondeu lacônico, enquanto observava no espelho atrás de velhota, o semblante de seu

rosto ir mudando. Aquele velho e demoníaco brilho apossou-se de seus olhos e um sorriso sarcástico brotou nos lábios secos. Achou que a resposta era esta e mais nada havia a ser dito, porém, repentinamente resolveu divertir-se um pouco.
- A senhora quer saber se existem fantasmas na casa não é? – traídos pela súbita pergunta, todos se inclinaram em direção à resposta, instintivamente e em respeitoso silêncio.
- Bem... – a velha estava visivelmente sem jeito – é que... o senhor sabe, dizem...
- Eu sei o que dizem, minha senhora. A resposta é sim, existem. – um pequeno alvoroço formou-se às costas de Renato. Cochichos acompanhados por olhos arregalados e até algumas pequenas gargalhadas ruidosas surgiram dando vazão a uma curiosidade há muito tempo represada.
- O senhor viu algum? – esta pergunta era fruto da intromissão de um senhor meio balofo, muito vermelho e de cabelos loiros que Renato sabia ser um tal de Higino, dono da funerária Bom Descanso, a única de Rio Cercado. Parecia então, que os peixes começavam a mordiscar a isca jogada pelo escritor.
- Bem, para dizer a verdade, não os vejo, mas os ouço! E eles me dizem coisas, muitas coisas a respeito desta cidade, até segredos impensáveis me foram assoprados ao ouvido, imaginem só, que há muitos anos atrás... bem melhor não contar agora, pois acredito que todos aqui saibam de que sou escritor e tenho a intenção de contar estas histórias em meu próximo livro.
- Balela! – alguém interrompeu ameaçadoramente. Era um sujeito que não caíra na conversa de Renato e acompanhava tudo à distância. Um homem magro de meia-idade, terno e gravata impecáveis o cabelo pintado de preto para combinar com o bigode e o aro dos óculos da mesma cor, tinha um rosto saído de algum filme dos anos trinta. Todos silenciaram no instante da interrupção, Renato atribuiu aquele respeito instantâneo à submissão a algum tipo de autoridade. Não errou. Tratava-se de Dr. Dorival, o renomado advogado da cidade. Dr. Dorival gostava de um bate-boca e julgou ter ali um prato cheio.
- O que o senhor quer afinal nesta cidade? senhor... senhor...
- Renato, meu nome é Renato. Bem, o que quero nesta cidade é sossego para poder desenvolver meu trabalho, sou escritor.
- Não é não! – protestou Dr. Dorival adotando uma postura solene, como se fosse o defensor dos interesses daquela comunidade. A lanchonete estava agora lotada de curiosos que se acotovelavam como se uma luta de boxe milionária fosse iniciar naquele momento. – Caralho! Que hora eu fui escolher para comprar jornais de ontem! – pensou Renato, porém partiu dele a idéia de dar 'trela' às pessoas na lanchonete. Resolveu então, entrar de bem na dança – Não é não! – insistiu Dr. Dorival – fiz uma pequena investigação para saber se o senhor já havia publicado alguma 'coisa' e... Nada, nada vezes nada! O senhor não publicou nada! E permita que me apresente, sou Dr. Dorival, defendo os interesses desta comunidade!
- Pois então saiba, Dr. Dorival, se o que eu quiser publicar pela primeira vez receber do senhor o epíteto de 'balela' deverei continuar um autor sem obra! Pois vejo que a comunidade lhe escuta atentamente e sua sentença cortou a cabeça de minha inspiração! – nunca passara pela cabeça de Renato publicar absolutamente nada sobre a porra dos fantasmas! Porém, ao dizer essas coisas, inflava o peito e o ego do tal doutor; dar a sensação de poder ao causídico divertia Renato – Agora terei de pensar em outra coisa! Mas garanto aos senhores aqui presentes, serei o autor mais vendido na historia desta cidade! Este é um desafio que impus a mim mesmo, queiram os senhores ou não.

- Mas de que jeito? – contrapôs Dr. Dorival – Diga-me, de que jeito? Nem à missa o senhor vai? E mais, vejam, e mais! Não sai lá do Bordel da Rosa! Bem... sei disso porque me contaram. Porque me contaram. Diga-me senhor, como imagina tocar nos corações e mentes desta cidade tão ordeira? Como imagina que, sendo um devasso, poderá despertar essas pessoas para seus livros?
- Com talento.
- Talento? Que talento? Este que fez com que o senhor até hoje não escrevesse absolutamente nada?
- Este mesmo. Perceba, fiquei inibido muito tempo, e o senhor sabe por quê? Por ler e escutar muita merda! – Renato resolveu afrouxar um pouco as formalidades para ver se cutucava a empáfia do adversário – Quanto à missa, tenho comigo que quem é de missa é de missa, quem é de bordel é de bordel. Eu sou de bordel, sou aquele que o senhor chamaria de libertino, porém, acho que um homem que vai à missa e ao bordel não passa de uma merda hipócrita! O senhor não concorda comigo? – Dr. Dorival olhava para todos os presentes acusando um visível mal-estar, mas não estava só, muitos homens ali não sabiam onde pousar os olhos – Não vou à missa porque sou ateu! – prosseguiu - Vou ao bordel porque amo o cheiro de sabonete barato que exala das boce... bem, tem muitas senhoras aqui e a elas peço perdão se me exaltei, quanto aos homens, que completem a frase com suas imaginações, se tiverem.
- Herege filho da puta! – um velho gritou no canto da lanchonete lotada.
- Enfim, alguém disse alguma coisa original! – comemorou Renato, atiçando mais uma ira geral que se mantinha contida por um tênue fio. Neste ínterim, um homem forte de camisa aberta o suficiente para ostentar uma imensa corrente de ouro e com cara de poucos amigos abriu caminho em meio à pequena multidão – Vão trabalhar! Vão trabalhar! Já passou da hora! – vociferava o homem, sem tirar seus olhos duros dos de Renato. Ao chegar à frente deste, o homem falou entre dentes – O que você pensa que está fazendo?
- Ora, senhor delegado, não está vendo? Estamos tendo uma animada conversa de vizinhos! Mas talvez eu não tenha trazido espelhos suficientes para trocar com a tribo! Isso deixa muita gente furiosa, de uma próxima vez prometo que trarei muitas coisas da colina, inclusive fantasmas!
- Agora chega! – falou o homem, com energia – Venha comigo entes que seja linchado. – segurou então Renato pelo braço e retirou-o da lanchonete, entre apupos e ofensas. Uma pequena multidão havia se formado também do lado de fora do recinto e o sorriso debochado que o escritor fazia questão de não desfazer, irritava mais os indignados. – Faço questão de lhe dar uma carona – prosseguiu o delegado – acho melhor o senhor não prosseguir sua corrida. Deixo-lhe em casa. – ambos entraram no carro do policial, que arrancou entre a turba que xingava a plenos pulmões o 'monstro da colina'.
- Onde o senhor tem a cabeça? – perguntou o delegado.
- Se soubesse, não seria escritor. Estaria bem empregado como todos os que têm a cabeça no lugar.
- Ora, por favor! Pare com esse negócio de escritor! Ao que me consta, o senhor, e me permita que o diga, não passa de um desocupado que surgiu não se sabe de onde e cometeu a loucura de alugar a casa da colina! Pergunto-me quando acabará seu dinheiro e partirá de Rio Cercado. Não me leve a mal, é que desde que chegou aqui esta cidade não teve mais sossego. Sim, sim, sei que não é culpa sua, porém esta porra de aldeia não tolera estranhos, quanto mais um que decide vir

para cá viver em meio a fantasmas. Ah, sim, meu nome é Paranhos, delegado Paranhos.
- Sim, eu já sabia. Em lugares como este, o delegado é o primeiro nome que decoramos. Olhe delegado, não quero encrenca, preciso penas de algum sossego para escrever e quem sabe ganhar algum dinheiro, então vou embora, não se preocupe, não penso em viver aqui para sempre.
- Pois bem, que assim seja. Mas não lhe aconselho a criar polêmica com os moradores, digo isto para o seu próprio bem. Gente pacata quando fica assustada pode se tornar violenta e todos sabem onde você mora, não sei se a mística da colina pode ser suficiente para manter idiotas longe da casa. E mais, lhe aconselho a não correr novamente pelas ruas da cidade, faça isso pelo campo, é mais saudável, em todos os sentidos, se é que me entende.
- Perfeitamente. – Renato mantinha um discreto sorriso no rosto – Tenho que lhe confessar que também não vou com a cara desta cidade, é uma antipatia mútua, porém, essa desconfiança de que não sou um escritor, mas sim, um mero desocupado, tem servido de combustível para meu livro. Tenha certeza, agora é pessoal, vou embora, mas antes vou me forrar de tanto vender livros em Rio Cercado!
- Ha, ha, ha... – Paranhos deu uma sonora gargalhada, enquanto entrava na estreita e empoeirada estrada que levava ao alto da colina. Nem percebeu que sua risada fez Renato substituir seu sorriso por um olhar envenenado, uma mistura de desprezo e agressividade – Meu amigo, acho difícil o sucesso de seu empreendimento! Acho mesmo que tirando bula de remédio e livros religiosos, este povo não lê mais nada! He,he... – Paranhos parou o carro em frente à velha casa e Renato saiu do carro, bateu a porta e abaixou-se levemente para encarar o delegado sentado ao volante, o sorriso sarcástico havia voltado ao seu rosto.
- Mas esse livro, delegado, a cidade inteira vai comprar! – em seguida encaminhou-se para a casa. Paranhos botou a cabeça para fora do carro e em tom zombeteiro, perguntou: - Afinal, você tem visto os fantasmas? – Renato parou e voltou-se para o homem no carro, encarou Paranhos com tal intensidade que este perdeu o sorriso e reparou assustado no semblante sinistro que se apossara do rosto do escritor.
- Sim, tenho visto muitos, mas estes todos são meus. E saiba, são bem mais assustadores do que os da casa. – o delegado fechou a cara e arrancou, deixando um rastro de poeira. Renato tirou os olhos do automóvel que se distanciava no horizonte e mirou Rio Cercado lá embaixo. – A partir de agora vocês são meus reféns, e não o contrário! – disse em voz alta, e seguiu lentamente para dentro do casebre.

Renato preparou-se para o grande momento. Tomou um banho apressado, comeu algumas frutas e pegou os originais que havia escrito durante a fatídica madrugada. Sentou-se na varanda e colocou seus óculos de leitura. Antes, porém, de começar a ler, olhou por cima das lentes para a estrada de acesso a sua casa, o Sol estava a pino em meio à manhã, a visão era clara e um frio lhe correu a espinha. Era um alvo fácil. A seu favor contava o fato de ter uma visão privilegiada no alto da colina, mas não teria como manter uma vigilância permanente. Achava difícil que à

noite alguém quisesse aproximar-se da casa mal-assombrada graças às crendices do povo; porém, ao dia teria de estar atento. Sabia que seu sossego havia chegado ao fim, a partir de agora teria de ser vigilante, estar 'ligado'. Voltou seus olhos para seus originais e começou a ler; aos poucos seu semblante foi iluminando-se, começou a ler então com sofreguidão, pegou uma pequena caneta que sempre deixava ao seu lado na janela e não tardou a fazer pequenas correções. Passou-se uma hora e finalmente Renato tirou os olhos da papelada e fuzilou com o olhar a cidade lá embaixo. – Vocês serão meus! Eu quero as suas almas! – disse e deu uma gargalhada de puro júbilo. Cidade de merda! Desde quando questionar seu talento? Como pode? Nem o conheciam! Com que direito se achavam aptos a afirmar de que não era um escritor pelo mero fato de nunca ter escrito nada? Ora, o que isso importava? E mais, esse tal Dr. Dorival! Investigar sua vida! Sim, eles pagariam caro por isso! Meteram-se com o cara errado, que só queria tranqüilidade para escrever em paz. Sim, despertaram o monstro, o 'monstro da colina'! E em dizer que na noite anterior tivera crises de consciência no tocante ao seu lado mais sombrio, lado este que agora percebia, era sua maior força, ou melhor, era toda sua força! Talvez mesmo, se fosse agregado carinhosamente ao seio daquela sociedade tacanha, nunca pudesse realmente escrever. Seria convidado ao pensamento burocrático, inofensivo, gregário, mas não; chegara a uma conclusão: escravo é todo aquele cujo pensamento não é uma arma! Definitivamente, não podia mais fugir de si mesmo, seu nome era Renato Daemon e não Rio Cercado! Que venha o homem da sombra! Ele iria estender sua mão para que este subisse a bordo de sua existência! Não podia mais evitar este encontro, esta miscigenação de si mesmo, esta felicidade de não ser outra coisa que não ele! Com seus escuros, seus claros, enfim, assumir todas as cores e nuances, todos os tons, todas as vozes que brotavam puras da fonte, única felicidade possível! Agora, ali em suas mãos, estava tudo de que precisava e em sua mente, toda a força de sua vingança; se for para semear o terror, ele assim o faria. Era um sociopata? Um psicopata? Ora, fodam-se os rótulos! Que lhe chamassem do que quisessem! Não importava, era Renato e ponto. Retirou calmamente os óculos deixando à mostra um olhar cru e sangüíneo; uma sensação de poder tomou conta de mente e corpo, sentiu que uma força misteriosa e profunda reivindicava o trono, era chegada a hora de deixar cair todas as máscaras e que estas se espatifassem no chão em mil pedaços. Sentia-se tal qual uma cobra, deixando a antiga pele para trás, e que o novo Renato assumisse definitivamente seu reino. Quase podia ver seu próprio defunto caído ali no chão da varanda, não precisaria mais daquilo; dirigiu-se ao espelho no interior da casa e constatou de que o semblante ingênuo ficara no morto ali fora. Aquele olhar, quase insano, era o olhar que passara uma vida tentando disfarçar, passando açúcar na acuidade de seu brilho. Foi à mesa e acondicionou suas páginas com um carinho paternal, sentou-se à máquina e iniciou sua viagem rumo ao final de sua estória. As batidas secas das letras no papel confundiam-se com o canto das cigarras lá fora, quase como se estas insistissem num convite incansável: *para que tudo isso meu caro senhor? È tudo tão bom aqui ao Sol!* Renato apenas escrevia e escrevia. Sabia que seu tempo esgotara. Assumia com orgulho seu posto de monstro da colina e iniciava sua grande obra, mas esta teria de ser concebida a quatro mãos. Ela só estaria completa com a participação plena dos envolvidos nesta criação artística coletiva, queria produzir um monumento com final apoteótico! Sua obra prima! Quando enfim, as cigarras desapareceram para dar lugar aos gritos estridentes dos grilos, Renato fuzilou o ponto final em mais um capítulo de seu livro. Tirou os óculos e esfregou com a ponta dos dedos os olhos cansados que por muito tempo não saíram daquelas

folhas. Levantou-se, não lembrava nem de como havia acendido aquela luz mortiça da casa. Derramou 'dois dedos' de uísque no copo, estava excitado e pleno de uma felicidade que há muito não experimentava; estava produzindo finalmente! E o estopim fora simplesmente um rápido incidente com algumas pessoas lá embaixo, só isto e a divisão interna, se ainda existia uma, acabou. Talvez ainda não soubesse naquele momento, quem era... Apenas sabia que era! E isso lhe enchia de alegria; não queria mais conflitos internos, seus exércitos, tanto o solar quanto o negro, estavam em confraternização ruidosa gerando-lhe uma alegria extasiante; queria beber, comemorar este armistício cósmico. - Que esta alegria seja meu segundo nascimento! – exclamou em êxtase e em seguida entornou o uísque. Mas algo havia mudado. Os ruídos corriqueiros no entorno da casa começavam a despertar suspeitas no escritor; nunca se preocupara com barulhos causados pelos pequenos roedores que à noite surgiam remexendo qualquer coisa pelo pátio. Serviu então mais uma dose e foi ao quarto pegar seu revólver, deslocou o tambor e conferiu se estava completamente municiado. Tudo OK, voltou para a sala. Bebericou mais, olhou para a arma em sua mão, sorriu e guardou-a consigo enfiando no bolso da calça do abrigo. Pegou seu aparelho celular; havia prometido a um amigo editor que tão logo terminasse seu primeiro livro lhe comunicaria. Não que houvesse interesse desse amigo em bancar sua obra, ao contrário, Renato havia prometido financiar, ele mesmo, a primeira edição. Dedilhou um número, pegou seu uísque e aguardou.

- Fala meu irmão! – exclamou, tão logo alguém atendeu do outro lado – Sim, sim estou vivo! Muito vivo! Chegou a hora de publicar, meu velho! Não estou com muita grana, mas nem preciso, quero uma tiragem pequena para este primeiro livro, digo primeiro porque se trata de uma trilogia. Quero que você distribua, para venda consignada, só na cidade de Rio Cercado, nada mais. Este primeiro vai esgotar, lhe garanto, e então lançaremos o segundo com uma tiragem bem maior e o terceiro... Bem, o terceiro faça a tiragem que puder, vai vender tudo! Daqui a três dias mando os originais e combinamos os detalhes... Como? O nome deste primeiro? Ah, sim, vai chamar-se 'A Decisão'. Então, *Incipit tragoediae!*

‘ Cuidai senhores, ao encurralar alguém entre a parede e a ponta de uma faca! A vítima pode mandar Platão à merda e reagir com a arma mais poderosa que possui: ela mesma!

CAPÍTULO 02 Livro um - A DECISÃO

Mais uma bela manhã de Sol se anunciava em Rio Cercado quando um pequeno furgão de entregas entrou na cidade. Tão logo o comércio começou a despertar para mais um dia, o livro com o título A Decisão, começou a ser entregue para venda consignada e em quase todos os lugares eram recebidos com o mesmo desprezo, como se a reposta ao distribuidor fosse ensaiada previamente: - Se é venda consignada pode deixar, mas lhe garanto, aqui nesta cidade isso não vai vender nada. – ao meio dia, o furgão partiu sem nenhuma recusa, toda a pequena tiragem fora distribuída. Passara-se um mês desde o incidente na lanchonete. O monstro não foi mais visto na cidade, suscitando todo o tipo de especulação. Alguns rapazes aventuraram-se à noite pela poeirenta estradinha de acesso à casa da colina, mas não lograram êxito por puro medo e receio, pois ao aproximarem-se da casa, esta havia ‘sumido’ na escuridão. Não levaram lanternas por temerem, ao fazê-lo, virarem alvos fáceis para o solitário: sabe-se lá, vai que o homem tenha um rifle! Fora isso, nenhum incidente ocorreu. O sumiço do escritor foi recebido entre alívio e aflição. A aflição ficava por conta da população saber de que ele não partira; então, como se alimentava? Nunca mais comprou coisa alguma; então, como sobrevivia o eremita? A verdade era que desde o breve incidente não houve outro assunto na cidade; por um mês, foi só o que se comentou em Rio Cercado. O delegado Paranhos, neste ínterim, reuniu as principais lideranças do município para pedir calma, afinal o homem não havia feito nada para que justificasse tanta hostilidade. Escutou em contrapartida, que desde que chegara, o misterioso vizinho não se ajustara aos padrões da cidade, além do mais: não tinha medo de fantasmas e não ia à missa! Não podia ser boa gente! Ainda por cima confessara-se ateu! Não tinham dúvidas, era um homem mau, não era digno de Rio Cercado. Pressentiam de que algo estava por acontecer, não era à toa que aquele estranho mexia com os nervos da cidade. Paranhos escutou também de que o melhor seria reunirem-se os cidadãos de bem e em comitiva, todos juntos, e expulsá-lo da cidade; e que nunca mais voltasse! O delegado ponderou de que aquela não seria a melhor maneira de agir, que então esperassem qualquer deslize do ‘monstro da colina’ e ele mesmo, Paranhos, pediria para que fosse embora. A partir desta conversa todos aguardavam um motivo, por menor que fosse, para pedir a expulsão do intruso. Não estava fácil, o homem sumira na escuridão sombria da colina e se não o viam, como poderiam garimpar deslizes e motivos? Porém, naquela manhã fatídica e ensolarada, sem ninguém desconfiar de nada, tudo mudaria. Bastou uma tal dona Carlota, mulher curiosa e alcoviteira por profissão, não resistir à curiosidade

e comprar o livro, para desencadear o caos em Rio Cercado.

Era mais de meio dia, Renato voltava de sua corrida diária que agora era realizada nos campos. Carregava consigo dois incômodos inseparáveis: o fato de correr onde ninguém o visse e carregar o peso adicional de sua arma – Era só o que me faltava, ter de praticar esporte armado! – esbravejava de quando em quando durante sua trajetória mansa e bucólica. Teria preferido correr pelos campos abertos se soubesse antes da serenidade que isso proporcionava, porém, agora exilado, precisava ter múltiplos olhos; um estresse adicional que quase lhe tirava o prazer do exercício. Fazia repentinas mudanças de rota, guinadas estranhas, meias voltas repentinas, enfim, tudo o que a paranóia de ser um potencial alvo ambulante proporciona. Chagando ao casebre, pegou uma maçã e mordeu-a mantendo a fruta entre os dentes enquanto tirava o abrigo do training por cima de sua cabeça. Estava quente, o Sol sorria como sempre sobre Rio Cercado. Renato vasculhou uma grande caixa de papelão que estava em cima da mesa, retirando algumas latas de ervilha, milho, sardinha... Desde que lhe fora aconselhado não desfilar pelas ruas da cidade, seus víveres eram enviados por seu amigo editor. Há algum tempo um pequeno carro vermelho subia a colina dando uma pequena parada em frente a casa para em seguida descer e abandonar Rio Cercado, saindo com a mesma discrição com que chegava. Além de comida e bebida, deixava também revistas, jornais e alguns assuntos contratuais; cedo da manhã o carro estivera à porta de Renato entregando a remessa que só agora era conferida pelo escritor. O eremita pegou então algo embalado que tinha a forma de um livro e num ato involuntário mordeu a maçã que até então se mantinha em sua boca, prisioneira de sua distração, fazendo com que a fruta mordida caísse e rolasse pelo chão totalmente alheia às atenções do homem. No grosso papel que revestia o livro estava escrito em letras grandes: *Parabéns pelo primeiro filho!* Renato abriu freneticamente o embrulho, enquanto mastigava o pedaço de maçã que agora assumia o sabor de néctar com ambrosia. Seus olhos escancararam a surpresa explodindo no brilho da luz intensa de dois sóis loucos... – Caralho! Meu livro! Meu livro! - Folheou, cheirou, acariciou, conferiu capa, orelha, dobras, parecia que procurava por algum esconderijo por onde letras e palavras poderiam lhe pregar alguma peça! Era difícil acreditar que estavam todas lá! Não fazia muito e elas estavam em sua cabeça numa luta de vida e morte! Mas... Agora eram eternas, para sempre inebriadas pelo aroma daquelas páginas que ele cheirava sem parar. As letras pareciam formiguinhas congeladas na neve branca do papel, apenas à espera de olhos interessados para porem-se em movimento, o infinito movimento dessas incansáveis trabalhadoras das idéias. Formiguinhas que se juntam e se separam na incessante dança das palavras, das frases; formiguinhas trabalhadoras, transportando todas as emoções imagináveis, todos os deleites e pavores, excitações e louvores, todas as alegrias e sentenças! Tudo o que vai para o papel e precisa ser dito! Lá estão elas... As formiguinhas... Carregando as lágrimas dos amores despedaçados e a alegria ruidosa dos excitados; mesmo nos documentos burocráticos elas lá estão, vazias, mas não mortas! Trabalhando, trabalhando, formiguinhas trabalhadeiras na neve branca e fria das páginas. Renato estava emocionado e resolveu rebater o aroma etéreo

daquelas páginas tão novas com uma boa dose de uísque. Serviu-se sem tirar os olhos da capa, até nisso seu editor havia caprichado; estava como o autor havia imaginado e solicitado ao amigo, nela aparecia os olhos do autor sobre a foto de uma pequena cidade, a foto era rasgada por uma adaga. A arte era perfeita e acima desta imagem lia-se em grandes letras: A DECISÃO. Bem embaixo do retrato da cidade estava o nome do autor, em letras de bom tamanho. Era bem verdade que não poderia esperar resenhas e afins, mas não se importava, havia feito uma tiragem para Rio Cercado, nada mais. Este era o seu foco, sabia que sua trilogia estava a serviço da uma obra maior, de uma estética superior. Agora se sentia verdadeiramente como um artista diante de sua obra-prima! O livro fazia parte de um todo, apenas havia iniciado seu trabalho, mas este primeiro passo fora perfeito! Estava orgulhoso e na sua excitação não percebeu um pequeno bilhete que só agora lhe chamava a atenção, estava dentro da embalagem e por pouco não fora rasgado junto; ao lê-lo sua alegria aumentou, nele estava a boa notícia de que seus livros estavam sendo distribuídos na cidade naquela manhã. – Bem, - pensou – então, abram-se as cortinas! O show vai começar!

Dona Carlota foi o vetor das 'más notícias'. A velha alcoviteira nunca fora afeita a qualquer leitura que não estivesse contida em revistas de fofocas ou afins. Porém, não resistiu quando soube de que aquele livro fora escrito pelo 'monstro' indecente que mora com fantasmas. Comprou o livro para descobrir qualquer coisa sobre o misterioso homem e seu passado, enfim, qualquer coisa que se prestasse à fofocas e maledicências, queria ser a primeira a ler e saber de coisas que outros não sabiam para poder verter seu veneno de cobra velha, de quem não tem mais nada a fazer na vida do que se refestelar no sangue existencial alheio numa compensação sinistra; uma espécie de indenização pela sua alma ressequida e morta. Mas a velhota foi pega de surpresa e saiu melhor a 'emenda que o soneto'. Para espanto de sua mente escandalizada a estória do livro deu-lhe o combustível para, por muito tempo, ter de quem falar e endereçar suas pragas, esconjurações e anátemas de boa religiosa. Quando se descobre um inimigo venial, mesmo que este nem saiba de sua existência, pode se dar razão à própria, quando esta é dolorosamente pobre. Poderia agora finalmente, ajoelhar-se e pedir proteção contra um inimigo real; sentiu o sangue fervilhar em suas veias como há muito não sentia. Se Dona Carlota tivesse dois dedos a mais de intelecto, poderia creditar àquele livro uma espécie de ressurreição, a ressurreição que cabe às pessoas reagentes como ela, que incapazes de agir, apenas reagem ao que o mundo apresenta. O autor oferecia para Dona Carlota, em última análise, vida! Não fosse a cegueira mental da idosa e ela faria bem em colocar a imagem do escritor em seu altar, ao lado de tantos outros santos. Ou melhor, faria bem em não misturar as coisas deixando o autor em um lugar isolado, para ser reverenciado em momentos de solidão e êxtase. Dona Carlota se sentia viva! Com uma verve nunca dantes sentida em sua vida morna, pelo menos desde que seu velho marido passou a ser conhecido pela alcunha de 'falecido'. Agora podia oferecer à Rio Cercado um inimigo comum, o monstro finalmente assumia seu contorno de monstro. Dona Carlota leu o livro pulando com afobação por páginas e capítulos, mas tal qual um mosquito

literário, sugou a essência da obra no tocante a sangue! Nada mais importou para a velha se não conteve perigo e morte. Com mãos trêmulas pegou seu melhor amigo, o telefone, e com o indicador dedilhou os números de sempre à procura de ouvidos desatentos ao perigo iminente. Infelizmente, para sua total decepção, muitas outras 'Carlotas' já haviam deixado um rastro de fofocas assustadas e indignadas.
- Sim, sim, Carlota, eu já sei, o Rodolfo me ligou.
- E o que vamos fazer? Precisamos nos proteger desse demônio!
- O Rodolfo me disse que não há nada a fazer, pois é só um livro, não existe crime.
- Ainda! Você quer dizer... Ainda! O desgraçado desse ateu! Ameaçar uma cidade! Você percebeu Angelina, percebeu? Você me diz que é só um livro! Mas minha filha... Só um livro? Você leu? O livro fala de um escritor que mora numa colina em uma pacata cidadezinha. Os habitantes da cidade não vão com a cara dele, nem ele com os habitantes da cidade. O homem é um devasso, ateu! As pessoas acham que ele vive com fantasmas, lhe desprezam e têm medo dele! Falam pelas costas dele dizendo que não tem talento, que é um derrotado, que nunca escreveu nada! O escritor então resolve se vingar, escrever uma trilogia e o primeiro livro se chama A Decisão. Nele o autor revela ter tomado uma decisão: vai matar alguém da cidade. O que você acha? É só coincidência? Mas, minha filha! E se for verdade? Se ele levar a cabo sua intenção? A vítima poderá ser eu ou você... ou Rodolfo! Ou sei lá mais quem... Pode ser qualquer um! Oh! Minha paz! Esse homem roubou minha paz! Como poderei viver, com a sombra da colina em minha casa? Oh, que horror!
- Calma Carlota, calma...

Renato lia tranqüilo seu livro ao som sereno das cigarras quando o carro do delegado Paranhos despontou na estrada levantando atrás de si a velha e boa poeira. Sentado na varanda do casebre o escritor sorriu, era uma visita previsível. Renato retirou os óculos, fechou o livro e levantou-se calmamente para aguardar a ilustre visita. Paranhos parou em frente à casa e saiu do carro com um enigmático sorriso. Subiu os três lances de escada e parou à frente do anfitrião. O estranho sorriso de Paranhos intrigou Renato, que preferiu ficar em silêncio para que o esperado visitante encetasse a conversa, embora já soubesse do que se tratava.
- Não sei se mato ou beijo você! – disse o delegado soltando uma ruidosa risada.
- Prefiro que me mate. – brincou o escritor, ainda sem entender a alegria de Paranhos. Ato contínuo entrou na casa e trouxe uma velha cadeira oferecendo-a ao visitante que prontamente sentou-se e olhou para Rio Cercado lá embaixo. O riso finalmente deu lugar a um semblante que deixava Renato mais à vontade.
- Que vista você tem aqui, - disse o policial com os olhos perdidos no horizonte – não sei realmente como essa gente da imobiliária tem problemas em alugar esta casa. – Renato sentou-se em sua cadeira de balanço – São os fantasmas, delegado, os fantasmas... – agora era a vez do anfitrião ostentar um risinho irônico.
- Tenho de admitir – prosseguiu Paranhos – você tem coragem para ficar à noite neste lugar, principalmente no escuro, pois sei que não acende mais a luz da casa.
- É verdade, faço isso por uma questão de segurança. Se mantiver as luzes acesas à noite me torno um alvo fácil, nunca se sabe o que pode estar escondido nesse mato aí em volta. De mais a mais, não tenho medo do escuro, mais que isto, a escuridão hoje faz parte de mim. Quando a

noite cai, eu, como um bom cavalheiro não lhe ofereço oposição, não seria educado para com uma dama tão linda e misteriosa. Que abra suas asas negras de morcego sobre minha cabeça, é sempre bem vinda em minha casa.
- Poético, muito poético – escarneceu Paranhos – mas ainda prefiro a parte tocante à sua proteção, é com isso que me preocupo, é por isso que estou aqui. Se a coisa já estava complicada, agora fodeu! Você é louco, totalmente louco! Escrever um livro dizendo que tomou uma decisão, a decisão de matar um habitante da cidade! Você tem idéia do que está acontecendo lá embaixo? A população só não subiu aqui com tochas na mão por causa de uma dúvida que não quer calar, você é um criminoso ou um escritor? Seu livro é ficção ou uma vingança fria e inescrupulosa? Os acontecimentos servem como inspiração para sua imaginação ou estamos diante de um assassino frio? Entenda, preciso saber. Preciso levar respostas lá para baixo, sei que em sua ficha criminal não consta nada, tive de conferir, não leve a mal, porém vocês artistas são todos meio loucos.
- Aí está o problema, delegado. Eu sei o que se passa nas cabeças ordeiras de sua aldeia, porém, a aldeia não sabe nada do que se passa na minha, é daí que surge o medo. É daí que surge o medo do escuro! As pessoas morrem de medo do que não compreendem, do que não podem pegar com suas mãos, do que não podem pesar nem medir com suas balanças e réguas. Não me deixo apreender, não por outro motivo que o fato de que nem eu me conheço. Prefiro assim, vivo em uma amplidão de possibilidades, quero experimentar todas, eu não poderia me dar por satisfeito em caber, cabisbaixo, em um perfil claustrofóbico qualquer, em que o olho do outro definisse meus contornos. Este não seria eu. E veja, em Rio Cercado todos têm orgulho justamente de seus contornos, amam serem definíveis, eu acho isso muito pobre. Não posso fazer nada, é o que penso, paciência.
- Isso não está ajudando em nada, – disse um Paranhos com ar desolado – me parece que não poderei chegar a uma conclusão sobre suas intenções com essa porra de livro! O bandido ou o escritor, um dos dois está invisível para mim, só posso ver um de cada vez. Porra! Você está me confundindo e ao povo também! Deixe que lhe diga: se você for o escritor, faça seu trabalho, ganhe seu dinheiro, mesmo às custas do pavor da cidade, mas depois vá embora. Se for o criminoso, saiba, não vou deixar que toque em ninguém em Rio Cercado. Tenha certeza de que se dará muito mal comigo, vou lhe pegar quando menos esperar, até porque, então, estou na frente do assassino mais frio que eu poderia imaginar existir.
- Não tenho como mastigar isto para você delegado, sou um enigma até para mim! – colocar cuidadosamente a dúvida na mente de Paranhos fazia parte do plano de Renato. Era uma linha tênue essa que dividia a dúvida do policial: escritor ou assassino, ou as duas coisas! O 'ou' não podia sair da cabeça do delegado – Me defina apenas como artista! Embora eu não goste de definições. – prosseguiu o anfitrião, dando um tom mais leve à conversa na tentativa de tirar o azedume dos olhos e da voz do visitante. – É uma grande obra de arte que eu quero realizar aqui! Nada mais! Aceita um uísque? – deu esta brusca guinada para quebrar o assunto. Já não lhe importava prosseguir, Paranhos já estava por demais desconfiado.
- Não, estou trabalhando. Outra hora terei prazer em beber com você para conhecê-lo melhor. – disse isto se levantando e antes de encaminhar-se para o automóvel apontou para o volume que despontava ruidoso no bolso de Renato, que também se levantara. – O que é isso? Excitação?
- Talvez, mas não sexual, com certeza. Bem, estou só na colina não estou? Preciso me proteger. –

Paranhos olhou bem nos olhos do escritor e encaminhou-se para o carro, mas antes de entrar voltou-se para o homem que permanecia de pé na varanda: - Você é foda hein? Sabe o que me impede de jogar mais duro? É que penso que você pode estar dando o chamado 'golpe publicitário', seu sucesso é seu salvo-conduto, em duas horas seus livros esgotaram em Rio Cercado! Tomara que uma parte de mim esteja certa e você seja um gênio! Só isso. – entrou no automóvel e partiu, nem reparou no sorriso demoníaco que sua notícia fez brotar no rosto do 'monstro'.

Renato ficara excitado. A notícia de que seus livros esgotaram em duas horas sinalizava de que estava certo em seus planos. Bebeu por boa parte da tarde e quando a noite caiu, resolveu sair para o mato em mais uma de suas incursões noturnas. Há algum tempo havia adquirido esta estranha obsessão: fazer explorações noturnas pelos matos adjacentes. Esgueirava-se pelas matas fechadas em meio a animais sombrios, aves noturnas, estranhos gritos e uivos; misturava-se à sombra, sorrateiro e silencioso. Em noites claras, seus olhos de animal noturno espelhavam o clarão da lua em rápidos reflexos. Reflexo de olhos insanos que caçavam algo que ainda não era possível definir, porém, caçavam com volúpia sangüínea. Olhos que espreitavam qualquer coisa, entre galhos secos, cipós, arbustos, árvores curvadas e estranhas. Era acompanhado por seus amigos; pequenas feras da noite, animais negros e rastejantes, seres saídos de baixo de pedras, uma multidão de pequenos olhos que brilhavam lapsos de lua em meio à noite na floresta fechada. Era bom que ninguém que não fosse animal da floresta cruzasse seu caminho nessas ocasiões; nesses momentos era tomado por um êxtase sombrio e vivo; julgava que aquele mato negro fazia parte de seu quintal, àquela hora tudo ali era seu, e tudo poderia estar sujeito aos seus caprichos, era o dono do escuro! Era puro instinto. Um animal caçador e perigoso, na contrapartida natural do ser solar, sempre tão solicitado a dar explicações ao Sol. Um tormento infindável de uma consciência torturada por dúvidas devoradoras de respostas vazias. Ali não. Ali não havia espaço para dúvidas e nem pensamentos elaborados, filosofias, esquemas; o Sol acondicionado em embalagens medíocres, prontas para o uso de quem não conhece a profundeza daquelas florestas noturnas, profundamente noturnas. Renato ia cada vez mais longe em suas explorações na escuridão e nesta noite chegou bem perto de Rio Cercado. A cidade dormia serena embalada pelas luzes pálidas das ruas e era envolvida por uma leve bruma mortiça. Naquela hora, a calada da noite, mortalmente ferida pelo silêncio dos sonos tranqüilos, Rio Cercado atingia finalmente a metáfora perfeita de si mesma, pensava Renato. Sonos serenos, mas nem tanto depois de que o escritor inoculou o vírus da dúvida e do medo nos pacatos habitantes. Dormiam, agora trancafiados em suas casas, inocentes como nenês, sem perceberem os olhos que brilhavam na escuridão e abarcavam toda a cidade de um só golpe. Olhos perigosos porque enigmáticos. Na loucura daquele olhar podia-se ler em que direção ia seus planos no tocante à cidade. Renato agora era uma estátua de ébano, imóvel, com seu training preto e o capuz enfiado na cabeça, olhos fixos nas luzes pacatas de Rio Cercado. Invisível no escuro. Olhos de sóis loucos que brilhavam na noite, não porque refletissem a fraca luz da comunidade, mas sim, porque refletiam o fogo que explodia em seu interior ardente. A boa e velha sensação de

poder apossou-se dele, a alegria da unidade indivisível, a alegria de si mesmo, a alegria do escravo liberto que observa de longe os grilhões ignóbeis que o aprisionaram por algum tempo com luzes enganosas, luzes que não eram as suas. Sorriu seu sorriso mais satânico, e falou baixinho: - Eu te conheço, cidadezinha dorminhoca, mais do que você pensa, ah, sim... Mais do que você pensa...

A madrugada seguia quieta e fria em Rio Cercado. Mas então um som intermitente, tímido e delicado de sapatos de salto alto quebrou o silêncio naquele fog misterioso que a cidade agora estava envolvida. Era um tic-tac gracioso na calçada. Uma bela mulher, morena, alta, envolta em um belo casaco vermelho caminhava desatenta pelas ruas; dobrou por uma esquina e entrou em uma estreita rua com algumas antigas edificações. A ruela era bem escura, facilitando o mimetismo obscuro de uma misteriosa figura que a seguia aproveitando-se da névoa. A mulher parou de repente e olhou para trás com olhos assustados, farejara alguma coisa. Prosseguiu então temerosa, o tic-tac dos saltos agora era frenético, guiados pela pressa do medo. A rua assumiu contornos assustadores para a mulher, parecia não ter fim, suas pernas pareciam presas pelas amarras do pavor, sim, alguém a seguia, e bem de perto, quase podia escutar a respiração da eminência parda. Maldita neblina! Faltava pouco para chegar em sua casa, acelerou o passo como que de um último e decisivo fôlego, mas foi em vão! Recebeu o impacto brusco de um corpo bem mais pesado que o seu e uma mão firme lhe tapou a boca, fazendo brotar de pronto dois olhos estalados de pavor. Caiu em um chão gramado, o que amenizou o impacto de seu delicado corpo que arcava com o peso do agressor; sentiu a habilidade da outra mão do homem que arredava, por baixo de seu vestido, sua calcinha; arredava o suficiente para, sem tirá-la, enfiar seu pau. A mulher debateu-se com mais desespero, mas foi em vão, sentiu a carne dura e quente do violador, que agora lhe impedia os movimentos com o peso de seu corpo. A mão que tapava energicamente a boca da vítima recebia o impacto doce de sua respiração desordenada, proporcionando mais tesão ao tarado, que não resistiu e sussurrou no ouvido da moça: - Hoje você está demais meu amor, assim vou gozar logo! – a agredida ao escutar aquela voz, parou de debater-se e abriu generosamente as pernas, mais que isso, agarrou-se ao criminoso com sofreguidão e os dois atingiram juntos um gozo extasiante, com gemidos tão altos que algumas janelas na rua se iluminaram; porém quando rostos curiosos olharam para a rua, já não havia mais ninguém, só a nevoa serena e cúmplice.

O pequeno apartamento de Ana era simples, apenas quarto, sala, cozinha, banheiro e uma pequena área, tão familiar a Renato. Os amantes entraram e a mulher acendeu a luz, que iluminou com timidez alguns móveis na sala e uma pequena mesa de jantar com apenas duas cadeiras. Enquanto retirava e jogava seu casaco no sofá, Ana exclamou: - Porra! Você me mata de susto! Andar assim, sorrateiro, pela neblina! Francamente, Renato!
- O que você me aconselha? Ficar batendo punheta na colina? Ora, Ana, ando morto de tesão! E de saudades. A noite e a neblina são minhas cúmplices...
- De que, Renato? – interrompeu a moça. Só então o escritor percebeu um olhar movediço,

arisco, incomum em Ana. Seus imensos olhos negros sempre foram doces e sinceros; agora fugiam aos de Renato. Algo estava fora de lugar, e não era difícil imaginar a causa – Cúmplices de que? – prosseguiu Ana – de um assassinato? – o visitante sorriu, enquanto a mulher foi à cozinha e retornou sem demora com uma pequena faca pontuda. Segurava o pequeno e ameaçador objeto por duas mãos juntas ao peito, como um indefeso pintinho que encontrasse qualquer coisa para defender-se de uma ameaçadora serpente. Aquele olhar assustado da mulher era algo totalmente novo para Renato, porém o medo era justificável. Obviamente seu livro chegara ao bordel da Rosa, ou somente o conteúdo, mas isso agora não importava; Ana era a sua preferida. Com Ana dera-se muito bem, a moça estava sempre disposta a submeter-se às mais bizarras fantasias do escritor, fazendo com que este a procurasse em momentos desordenados, conseguindo assim, para maior conforto de ambos, a intimidade do lar de Ana. Daí surgiu uma amizade e mais de uma vez ele ajudou a prostituta na solução de pequenos problemas financeiros, mesmo temendo que seu dinheiro, por causa desses excessos, acabasse antes do tempo. A mulher também lhe franqueou a casa por ver em Renato alguém de confiança, mas não era só isso; não foi uma nem duas vezes em que não conseguiu dormir atormentada pela dúvida em relação a seu sentimento pelo cliente: estaria excedendo o limite profissional? A verdade é que ela gostava de ficar com Renato e ele com ela. Ana era a única referência de amizade que o autor encontrara em Rio Cercado e era por este respeito pela amiga que ele tentava, agora, não deixar transparecer a hilaridade que sentia causada pela comicidade daquela cena. O problema era que o sorriso que não conseguia desfazer assustava mais a mulher que com as costas coladas à parede suplicou a Renato: - Por favor, vá embora. Deixe-me pensar melhor, estou muito assustada!

- Não, não vou. – disse o homem, aproximando-se lenta e temerariamente da ponta daquela faca. Conseguiu fechar o semblante porque sentiu o que Ana estava sentindo, concluiu finalmente de que aquilo havia perdido a graça. Parou à frente da mulher e percebeu no tremor de suas mãos e no brilho desesperado dos olhos, o efeito devastador de seu livro. – Perfeito! – uma voz autônoma exclamou em sua mente, deixando vazar um sentimento honesto, mas fora de hora. Renato calmamente acolheu as frágeis mãos da moça nas suas e sem se opor às intenções, que sabia, ela não levaria adiante, puxou-as para si fazendo com que a ponta da pequena faca encostasse em sua garganta– Vamos - disse – faça. - a mulher então caiu em prantos e deixando cair a pequena arma, abraçou-se ao amigo. Ficaram abraçados por algum tempo, até o choro compulsivo de Ana cessar por inteiro. O escritor então a pegou no colo; a moça parecia um animalzinho indefeso, levou-a a seu quarto e carinhosamente acomodou-a em sua cama. Acendeu o abajur, sentou-se em uma cadeira ao lado e ficou olhando para Ana, ali deitada, indefesa, frágil. A mulher mantinha os olhos em Renato e sorriu: – Banquei a tola, não foi? – falou com sua voz de choro recém passado.

- Acho que não poderia esperar outra coisa. – respondeu o visitante, com uma voz propositalmente serena; queria dar a Ana todo o conforto que pudesse – Criei uma bomba atômica que explodiu os humores de Rio Cercado; infelizmente, quando lançamos uma bomba não calculamos seu alcance. 'A Decisão' é só um livro, Ana, nada mais. Tem vinho? – Ana foi pega de surpresa pelo pedido, pois já era madrugada alta, porém não costumava negar nada a Renato e talvez fosse uma boa idéia beber algo para relaxar – Tem. – o homem levantou-se e foi à cozinha, depois de dois minutos retornou com uma garrafa aberta de vinho tinto e duas taças;

serviu a amiga, que deu um gole e botou a taça na mesa de cabeceira, em seguida serviu-se deixando a garrafa ao lado da cadeira para onde retornara.
- Sabe, estive pensando... – disse Renato após dar um gole na bebida – tem algo que me causa uma grande curiosidade. Todos esses pacatos cidadãos de Rio Cercado, bem, boa parte deles, passam pela Rosa. Que estranhas manias? Que devaneios e taras? Que fantasias sexuais terão esses pacatos cidadãos de Rio Cercado? Ou você vai me dizer que só eu sou tarado e fantasioso! Não acredito. Tem de haver vida por dentro desses semblantes de túmulo, desses comportamentos tão previsíveis, me é impossível imaginar que esses homens da Cidade se resumam ao que vemos quando olhamos para eles. Em algum lugar eles devem verter o excedente do espírito, se é que esses pacatos cidadãos possuem algum.
- Nos meus peitos... – disse Ana rindo ruidosamente – por que você não pergunta logo sobre as taras dos clientes? Sei que é isso que quer saber... Sim, lá no bordel, entre quatro paredes, eles exercem seus lados mais escondidos. Paranhos por exemplo, 'verte o excedente de seu espírito' em meus peitos. – Renato explodiu em solta gargalhada, o que fez com que Ana pedisse para que ele 'baixasse o volume', pois era muito tarde.
- O que? Paranhos caga em seus peitos? – Renato não conseguia parar de rir.
- Não. Mija. – Ana também ria muito. Renato caiu da cadeira de tanto rir e demorou algum tempo para se recuperar - Se eu soubesse que isso lhe deixava tão alegre, há muito estaria revelando a você as peripécias dos homens de Rio Cercado, adoro lhe ver feliz! – brincou a mulher sem parar de rir. O escritor finalmente 'aterrisava' enquanto enxugava as lágrimas de riso com o próprio blusão do training.
- Me conte, me conte, e o tal Dr. Dorival, que novidades traz para nós?
- O Dr. Dorival é mais discreto, gosta de trepar com uma pica de borracha enfiada no cu! – Renato explodiu em outra crise de riso, desta vez rolando pelo chão. Ana chegou a temer que fosse dar um 'treco' no homem, porém foi contaminada pelas gargalhadas do amigo. Depois de algum tempo ambos recuperaram-se e Ana retomou o assunto: - Tudo muito divertido, mas posso ser sincera?
- Deve. – disse Renato enxugando as lágrimas novamente.
- Essas todas são fantasias inofensivas. Piores são as suas. – Renato sorriu com malícia, levantou-se e deitou-se ao lado da garota sem tirar seus olhos dos de Ana.
- Você quer dizer... Mais emocionantes.
- Querido, para você, sem dúvida! Mas coloque-se no meu lugar, ficar de quatro para um homem enquanto ele lhe enforca com um cinto enquanto fode! Posso lhe ser sincera? Por duas vezes quase perdi os sentidos enquanto você gozava; e se eu morro, porra?
- Se você morre eu morro também, só que de prazer... – a resposta fria do escritor fez gelar o sangue de Ana. A sensação de medo sentida um pouco antes retornava crua; agora ali, deitada e totalmente indefesa, sentiu-se uma presa fácil ante o predador. Restava desarmar os apetites sombrios de Renato, não cogitava servir de bandeja seu corpo para saciar os perigosos apetites do cliente. Não naquela noite. Estava assustada demais, apesar de todos os risos e brincadeiras.
- Sabe, adoro você... – disse a moça – me submeto aos seus estupros de mentirinha, a seus arroubos insanos, seus enforcamentos, seus jorros de porra na minha cara... Afinal, você me paga para isso. Mas se não fosse pelo dinheiro, não me submeteria a suas fantasias mais sinistras. Tenho medo, nunca lhe disse isso, pois estou dizendo. Uma coisa são os homens de Rio Cercado

com seus mijos, merdas e picas de borracha, outra é oferecer a própria vida por uns míseros trocados. Sim, sou puta, mas tenho uma vida pela frente e quero vivê-la! Mas tenho de confessar... Você é o único homem que me dá tesão! Acredite! Até mesmo esse mistério de gelar o sangue que é esse seu olhar... Puta que pariu! Se eu tivesse a certeza absoluta de que não pagaria com a vida, gozaria como uma cadela com suas fantasias, é verdade! Mas tenho que estar vigilante, é instinto. Enquanto você extravasa seus instintos de morte, eu me apego aos de vida. Isso não pode dar certo, pode? Li alguma coisa de psicologia, por isso eu sei dessas coisas, preciso estar precavida quando boto um estranho para dentro de meu quarto. Este é o principal motivo de bebermos com os clientes antes de aceitar o programa, pelo menos lá na Rosa. Se o cara for um filho da puta, dá para descobrir e então eu não topo. Santa psicologia! Ajuda-me muito. Você desperta meu tesão, Renato, mas nunca sei onde você vai parar e isso me preocupa, é difícil gozar preocupada.
- Você tem medo de mim?
- Ainda não decidi sobre isso.
- Então decida. – Renato levantou-se, bebeu o restante de vinho que havia em seu copo e foi à janela, arredou a cortina e sorriu: - Vai amanhecer, o vampiro tem que voltar ao seu caixão. – voltou-se para Ana, que estava encolhida na cama – Foi divertido, estava precisando disto. Voltarei qualquer hora, não tenha medo, você é minha amiga e além do mais, quero fazê-la gozar como uma cadela! Devo-lhe isso.
- Você não me deve nada, sempre pagou por meus serviços e quando não pagou foi porque eu quis. – o escritor apenas sorriu. Ana quis levantar para levá-lo até a porta, mas ele fez um sinal para que ela ficasse na cama, afinal, sabia o caminho. Ana escutou a batida da porta, mas por descargo de consciência levantou-se e inspecionou o apartamento, certificando-se de que o homem partira. Antes de retornar ao ninho, apanhou no bolso de seu casaco o famigerado livro. Deitou-se e cobriu-se confortavelmente, em seguida folheou aquelas páginas sob a luz do abajur, parando em uma página com linhas sublinhadas a lápis. Ali se lia: *‘ Mas havia alguém de quem realmente gostava, uma moça, Lili, do cabaré da Margarida. Com ela passava momentos de rara felicidade, com ela vivia a alegria redentora das fantasias mais instintivas e deliciosas. Chegava mesmo a estranhar que em uma cidade tacanha como aquela pudesse existir alguém de espírito tão generoso; a mulher submetia-se ao escritor entregando-lhe nas mãos a própria vida! Ele sentia que não poderia ser só pelo cachê, existia algo mais, talvez um encontro invisível, imperceptível, misterioso, nos recônditos do inconsciente. Então havia ali uma cumplicidade que, sabia ele, não encontraria em outro lugar, uma cumplicidade invisível a olho nu’* .A mulher flechou o livro, deu um último gole no vinho, apagou a luz do abajur, mas não conseguiu dormir; prisioneira entre um sorriso e uma lágrima, que permaneceram mudos.

Ordem! Ordem! – gritava Paranhos – Vamos nos organizar, se não, ninguém se entende! – parte da comunidade estava reunida no Bom Boi, o maior restaurante e churrascaria da cidade. O local era grande e estava lotado. A maioria dos presentes era de pessoas mais velhas; pequenos empresários, comerciantes, curiosos, etc. Quando os ânimos se acalmaram, Paranhos deu início à assembléia. Estava sentado em uma mesa com um microfone à sua frente, ladeado por Dr. Dorival e Sr. Higino da funerária. As mesas restantes foram arredadas para que os presentes se

acomodassem nas cadeiras de madeira à frente dos palestrantes. Era cedo da manhã, porém não podiam estender demais o encontro para não prejudicar o andamento do restaurante.
- Amigos! – a voz do delegado explodiu nas caixas de som desreguladas, dando um tapa nos ouvidos dos confrades – Baixa essa porra! – esbravejou Paranhos, num ato falho de incontida truculência. Ato contínuo, deu um sorriso sem graça, mas manteve o olhar firme e vigilante de delegado. Reguladas as caixas de som, o homem iniciou a sessão: - Senhores de Rio Cercado, convoquei esta assembléia por conta do rebuliço que o livro de nosso vizinho da colina provocou. Tenho recebido cidadãos desta cidade na delegacia, como nunca! Todos estão assustados, porém, peço calma a vocês! Estive conversando com o autor e lhes garanto, trata-se tão somente de uma obra literária, nada mais.
- È um assassino! – alguém gritou, recebendo apoio incondicional na forma de um burburinho ruidoso.
- Deixem isso comigo, o delegado aqui sou eu! – disse Paranhos de forma enérgica – Já disse e vou repetir, esse homem não fez nada! Absolutamente nada que possa ser considerado crime. Escreveu um livro inspirado na própria condição de habitante de nossa cidade. Ora, todos sabemos de que nunca foi bem-vindo aqui, ele também sabe disso, então o espertinho transformou um limão numa limonada! E deu certo... Esgotou seus livros em duas horas! Isso só prova que o *'homem'* conhece marketing, que podemos fazer? No resto estou de olho, fiquem tranqüilos.
- Ele não vai à missa! – esbravejou outro, recebendo apoio incondicional na forma de um burburinho ruidoso.
- Também não é crime ser ateu! Vivemos num país laico. Percebam, não há nada a fazer, o cara tá limpo! Não posso, na condição de policial, fazer nada inconstitucional, não posso, de maneira alguma, prender preventivamente alguém por causa de um romance, uma ficção! Só posso ficar de olho nele, nada mais.
- Ele não tem medo de fantasmas! – alguém emendou, recebendo apoio incondicional na forma de um burburinho ruidoso.
- Ora, senhores, por favor! Crucificar alguém por não ter medo de fantasmas! Francamente... Bom para ele se quer conviver com seres de outro mundo! Vai ver, é tão solitário que precisa dessas companhias. Vocês têm um ao outro, jogam boliche juntos, jogam baralho juntos, divertem-se juntos, bebem juntos, enterram seus mortos juntos, escutam os sermões do padre Ambrósio juntos. Deixem-no com seus fantasmas.
- É um devasso! – alguém exclamou, recebendo apoio incondicional na forma de um burburinho ruidoso.
- Se freqüentar o bordel da Rosa é ser um devasso, então... – o ar de deboche de Paranhos provocou mal-estar e constrangimento entre os presentes. Assim, ficava tudo subentendido e o delegado não precisava dizer mais nada sobre este assunto.
- Ele não freqüenta os lugares que todo mundo freqüenta! – exaltou alguém, recebendo apoio incondicional na forma de um burburinho ruidoso.
- Se vocês continuarem com esses argumentos vazios, vou me retirar da reunião! Onde está escrito que ele deve freqüentar os lugares que todo mundo freqüenta?
- Está no livro! Ele disse que vai matar um de nós! – Alguém vociferou, recebendo apoio incondicional na forma de um burburinho ruidoso.

- Pela última vez! Vamos separar as coisas! O personagem do livro disse que vai matar alguém na cidade do livro! É ficção! Da minha parte dou como encerrada esta reunião! Ou venham com algo concreto, ou esqueçam tudo isso, que loucura! – Paranhos levantou-se visivelmente irritado, despediu-se dos companheiros de mesa com um rápido aceno e partiu. Dr. Dorival pegou então açodadamente o microfone e solicitou: - Meus concidadãos, não saiam de seus lugares, temos muito que debater! – recebendo apoio incondicional na forma de um burburinho ruidoso.
- Pasmem senhores, - pegou o livro e abriu em uma página adrede marcada – pasmem com este trecho! E leu em voz alta: *'Era divertida para o autor a escolha de uma vítima. Não tinha nada contra ninguém em particular, portanto, qualquer um servia. Poderia ser quem menos se esperasse, alguém mais próximo ou uma pessoa totalmente desconhecida! O certo era que a morte estenderia suas asas invisíveis sobre a cidade. Eles bateriam as cabeças, quem sabe até apostassem quem seria a vítima; dava uma grande satisfação ao escritor imaginá-los em alguma assembléia de cidadãos para debater seu livro, isto lhe causava gargalhadas, demoníacas gargalhadas!'*. – Como pode! Esse filho da puta foi longe demais! Perdoem-me os termos. Está se divertindo às nossas custas e o Paranhos acha que está tudo bem! Ficção, diz ele! Ficção até quando? Até que o monstro mate a mim ou a um de vocês? Ou algum parente que nos é caro? Vamos ficar de braços cruzados? Ele nos vê como uns bananas! Temos de reagir! Temos de pensar em alguma coisa.
- Apoiado! – alguém concordou, recebendo apoio incondicional na forma de um burburinho ruidoso.

Alguns dias se passaram e Renato trabalhava com dedicação total ao segundo livro da trilogia, seu nome: A Escolha. Neste, o 'monstro da colina' definia a vítima a ser morta. O suspense continuaria por conta do segredo que envolveria esta escolha; o escritor da colina já havia decidido quem iria morrer. Esta decisão não tinha cunho pessoal, era aleatória, poderia ser qualquer um naquela cidade, porém não revelaria a identidade da vítima, posto que se o fizesse, não poderia executar seu plano. Mas a 'presa' já estaria na mira do caçador. Se o primeiro livro causou revolta, o segundo causaria aflição. *' Nunca mais duvidem do meu talento'*, pensou, encerrando mais um capítulo. *' Isso vai lhe custar caro, cidade de merda!'*. Estava orgulhoso de si, tudo saíra como o planejado, sem nada fora de lugar. Sentia-se realizar como artista, era o início de uma grande obra e o primeiro passo fora primoroso, a despeito de todos os cuidados inerentes ao jogo a que se propunha. Aumentara sua vigilância, inclusive deixando de lado suas corridas pelo campo, agora a coisa estava séria; porém até isso lhe deixava orgulhoso. Era uma contrapartida justa: ele assustava e era assustado. Isso só embelezaria mais o desfecho de sua obra; puxar para si a atenção de uma cidade não era qualquer coisa. O que lhe tranqüilizava um pouco era o fato de que a violência que poderia advir de Rio Cercado era oriunda de uma força bruta burra. Não via nenhum sinal de acuidade intelectual na turba revolta, eram mentalmente acomodados demais para lhe oporem preocupações mais sérias, porém, a força bruta pelo número era algo em que devia manter sua atenção. Se o medo mantinha longe da colina operações isoladas, muitos medrosos juntos ficariam valentes, é da condição humana; mais que isso: acobertados pelo anonimato da turba, fariam do escritor a vítima, este então deixaria a obra inconclusa e não passaria de uma lembrança patética, de um homem fraco e presunçoso que um

dia habitou a colina. A partir de um evento desta natureza, os habitantes teriam um segredo a partilhar; quando alguém de fora perguntasse por aquele autor louco que outrora habitou a casa assombrada, responderiam: - Partiu misteriosamente, assim como apareceu por aqui. – e uma cova rasa na colina tiraria o sono dos participantes da chacina em noites de chuvarada. Pela manhã, teriam de se encontrar naquele lugar de tão horrendas lembranças para jogar mais terra no tenebroso buraco. Passado muito tempo então, algum novo habitante da colina talvez encontrasse os ossos do escritor pateta que ousou desafiar a valorosa comunidade de Rio Cercado. Que aquilo servisse de lição, uma bandeira macabra tremulando no alto da colina; Rio Cercado então teria vencido. Teria finalmente seu segredo, seu eterno segredo, coisa para ser comentada por netos e bisnetos dos participantes do evento: *'meu avô estava lá quando mataram o monstro.'* Renato sabia que, um deslize seu, e ele seria o *'segredo'* de Rio Cercado. Não podia vacilar, a dúvida entre verdade e ficção, juntamente com a ajuda involuntária do homem que julgava mais lúcido na comunidade, delegado Paranhos, era o fio da navalha em que tinha que se equilibrar. Levava também em consideração as cartas em sua manga que tão graciosamente Ana lhe presenteara. Não pensava em fazer uso dos segredos sexuais dos mais ilustres habitantes da localidade, porém era bom sabê-los, sentia-se mais fortalecido quando podia enxergar para mais além da máscara hipócrita com que estes se apresentavam como defensores da moral ascética de Rio Cercado. O mais engraçado para Renato era que saber das ingênuas perversões desses cidadãos os tornava mais interessantes aos seus olhos, era quase com alívio que constatava que esses seres não eram somente aquelas fachadas exangues com as quais preservavam suas reputações. Para ele, quem se contenta em viver escondido atrás de uma reputação tem uma vida bastante estreita, nem se pode perceber mesmo que ela exista, a vida, tão afinada está com esta tal *'reputação'*. Renato não queria nenhuma reputação, queria a si mesmo, precisava reconstruir-se à sua imagem e semelhança e era agora ou nunca! Ou assumia contornos agradáveis a olhos alheios e abria mão definitivamente de si, ou se assumia, mesmo machucando os olhinhos mais sensíveis. A todas essas, sua vida era mais importante; sempre vivera *'torto'* para caber em moldes inofensivos, desvirilizados, *'bons'*. Moldes que cegam e distraem toda uma existência; - Que sirvam de berço plácido aos *'nenês'* que nunca crescerão! – pensou - Crescer é aumentar em alguma direção, eu vou na minha direção! Seja qual for! E não ser mais uma florzinha singela que *'cresce'* em direção ao abraço morno do velho Platão! Ou de outras filosofias eunucas! Não sei se sou bom ou mau, e nem quero saber... – levantou-se de mesa de escrever, já estava anoitecendo, então se serviu de uísque e perdeu o olhar na paisagem que vazava pela sua porta aberta, continuou o solilóquio: - Todos são tão bonzinhos, encolhidos dentro de si mesmos, pois que se mantenham assim, caralho! Só assim não precisam se olhar em espelhos construídos com as próprias mãos! E sim, em reflexos risonhos e amenos, porém nunca os próprios reflexos, covardes de merda! Oh, habitantes de Rio Cercado, – agora falava como se estivesse representando em alguma ópera buffa – cuidai senhores, ao encurralar alguém entre a parede e a ponta de uma faca! A vítima pode mandar Platão à merda e reagir com a arma mais poderosa que possui: ela mesma!

Na manhã do dia seguinte um carro parou em uma estrada secundária ao acesso principal à

cidade. Ali ficou por algum tempo até a chegada de outro automóvel. Agora eram dois carros parados na estrada deserta; então, um homem alto saiu do primeiro carro e dirigiu-se ao recém-chegado. No segundo estavam quatro habitantes de Rio Cercado, dois eram notórios: ao volante Sr. Higino e no carona Dr. Dorival. O estranho aproximou-se e Higino limpou a testa com seu lenço já molhado de suor; suor de um nervosismo que vazava do clima de tensão que envolvia os homens naquele carro. O desconhecido aproximou-se da janela do motorista. Era um homem alto e magro com boné, óculos escuros, bigode espesso, enfim, tudo de que se precisa para esconder a fisionomia. Um imenso casaco negro de couro contrastava com o calor que já fazia àquela hora, o homem inclinou-se e todos puderam ver aquele rosto pálido e sulcado.
- Quem é Dorival? – perguntou, sem mexer um músculo no rosto de expressão morta - Sou eu. – respondeu o advogado com uma voz sumida, quase empurrada a contragosto para fora da boca.
- Trouxe o dinheiro? – perguntou o estranho enquanto passeava os olhos encobertos em uma pequena platéia intimidada, como se quisesse gravar acintosamente aqueles rostos à sua memória.
- Aqui. – Dorival alcançou um envelope pardo com sua mão trêmula. O homem de rosto morto pegou o pagamento e contou o dinheiro discretamente, dando rápidas olhadas para os lados.
- Certo. Depois do serviço o restante do combinado.
- OK. - disse Dr. Dorival - Aí dentro do envelope o senhor vai achar todas as instruções, não há com o errar, só ele habita aquela casa. Faça à noite, na calada da noite. – o obscuro personagem encarou novamente a todos no automóvel e retornou ao seu carro sem dizer palavra. Entrou, manobrou e saiu em disparada, levantando uma poeira que entrou pelo vidro aberto do outro auto, fazendo com que alguns de seus ocupantes tossissem. Tão logo o visitante desapareceu no horizonte, Higino abriu a porta apressado e ganhou a estrada numa corrida claudicante até alguns arbustos na outra margem, ali se inclinou e vomitou ruidosamente. Dorival atirou duas pastilhas, de um só golpe, garganta abaixo e virou-se para os outros ocupantes no banco de trás: - Ninguém viu, ouviu ou sabe do que aconteceu aqui, certo?
- Claro, claro... Claro! – responderam os demais, com suas vozes se entrecortando nervosas, parecendo cães acuando a um estranho.
- Temos de cuidar de nossos interesses não temos? – insistiu o doutor.
- Claro, claro... Claro! – latiram os cães. – Ótimo... Ótimo... – disse Dorival, perdendo seu olhar pela imensa paisagem dos campos. Sr. Higino retornava finalmente ao carro, limpando a boca com seu lenço empapado se suor: - Que Deus nos ajude... – falou, com uma voz desmaiada, antes de dar a partida e retornar à cidade.

Renato mudara seus hábitos por questões de segurança. Durante o dia pouco saía da casa e aproveitava para escrever e revisar seus manuscritos, sempre acompanhado de generosas doses de uísque – Para salpicar o dia com um pouco de noite. – pensava. Porém não se embriagava, queria escrever com lucidez, se misturasse as coisas poderia desandar sua obra, o *'Gran Finale'* não saía de sua cabeça, além do mais, precisava manter-se vigilante. Farejava no ar uma calmaria incomum. A serenidade daqueles dias lhe preocupava, pressentia de que Paranhos obtinha algum sucesso na supressão daquela indignação popular, mas ações isoladas deveriam

estar sendo secretamente acalentadas sob o calor do ódio. Sentia-se vulnerável de dia, era durante o passeio iluminado do Sol que a tudo empresta cores e contornos, que seu corpo ficava visível, alvo fácil, em seu casebre, em seu ofício. À noite, não. Tudo mudava de lugar e era ele então o amedrontador. Homem perigoso, invisível na sombra e Rio Cercado iluminada por suas luzes singelas, uma presa patética. Esperava com ansiedade a escuridão noturna, vestia-se então com a própria sombra e se transformava em um animal ferino e faminto, numa alegria serena nascida das entranhas mais profundas. Alegrias e prazeres que carregavam só o seu nome, longe da mácula de fantasmas solares. A noite transformara-se no vinho de sua vida, momento dionisíaco e encantador, mais de uma vez dançou nu e embriagado na floresta feito um sátiro lascivo à procura das ninfas indefesas. Nessa autodescoberta o Sol era também um ator, precisava lidar com essa outra metade, embora fosse sob essa luz que seus inimigos escondiam-se - Os inimigos... – concluiu Renato – são pessoas sem noite! – Não tinham esta força secreta, invisível e poderosa que o escritor possuía, mais que isso, não podiam freqüentar o ambiente claro e escuro com a maestria com que ele, Renato, especializava-se. Mesmo prisioneiros do abraço forte de Apolo, muitos são os segredos da condição humana e quem não sabe ser mau, quando é, comete grandes atrocidades. Renato tinha pressentimentos e mesmo durante seu trabalho precisava manter seus mil olhos atentos; pequenos ruídos lhe perturbavam a escrita, porém, sentia cheiro de sangue e quando isso acontecia tomava deste sentimento o vigor para inocular em seu livro. Tornara-se o vampiro de si mesmo, de seus temores, e esta auto-suficiência lhe enchia de alegria. Estava atingindo o clímax de sua estória quando um ruído de motor veio da frente da casa. Retirou os olhos da máquina de escrever e os óculos do rosto, não esqueceu também de retirar os pensamentos em redemoinho de sua cabeça; esta última operação foi-lhe mais penosa. - Puta que pariu! – indignou-se - Que espécie de eremita serei eu para receber visitas periódicas? Ou já serei considerado a pitonisa de Rio Cercado? - ao chegar à porta viu um imenso carro preto, luxuoso, com dois homens negros elegantemente vestidos em seus ternos escuros pra combinar com os óculos, ajudando um senhor gordo, de terno branco, a sair do automóvel. Renato ficou entre pasmo e intrigado; aquele sujeito gordo era Rugosa. Rugosa era o homem mais rico da cidade, dono do jornal e da rádio, além de outros empreendimentos tanto imobiliários como onde mais lhe conviesse enfiar o nariz. Renato havia feito o 'mapa moral' de Rio Cercado e Rugosa aparecia como sendo uma espécie de formador de opinião, uma figura sem a qual até a política local se tornaria impossível. Todo-poderoso e fazedor de benemerências permeadas por segundas intenções, era disparado o principal figurão da comunidade, portanto, não conseguia imaginar o que esse homem queria em sua humilde morada. Rugosa subiu os degraus de acesso à varanda, acompanhado por seus cães de guarda. Arfava e transpirava, fazendo uso freqüente de um lenço principalmente em sua imensa papada; tinha uma cabeça redonda e vermelha, formato que era reforçado pela inexistência de cabelos, parecia um nenê gigante, um nenê de quase dois metros, gordo e rosado. As cigarras cantavam sua eterna canção uníssona, lembrando a Renato o quanto são felizes em seu pequeno mundo, elas e ele, e que não precisavam de mais ninguém para perturbar as tardes pachorrentas no casebre e arredores. Para o escritor tudo conspirava contra aquela presença inesperada e incômoda, seja lá por que motivo fosse. O homem então, mesmo antes de cumprimentar o dono da casa, virou-se para Rio Cercado e elogiou a vista, numa demonstração de empáfia e superioridade; em seguida voltou-se para o escritor: - Meu amigo, acho que não preciso me apresentar, he, he... Você deve saber

quem eu sou não é mesmo?
- Infelizmente não sei quem o senhor é, gostaria que se apresentasse. – disse Renato parado à porta, dando o troco pela impertinência do visitante. Rugosa ficou sem jeito e olhou duro para um de seus seguranças que havia esboçado um sorriso. Em seguida dirigiu-se a uma cadeira na varanda, a mesma que se sentara Paranhos, apontando para ela perguntou: - Posso?
- O senhor quer minha hospitalidade – sorriu Renato – no entanto, ainda somos desconhecidos, o senhor não se apresentou.
- Porra, meu filho! Sou Rugosa, o dono desta bosta de cidade que você vê aqui de cima! – esbravejou o visitante visivelmente traído pela soberba, em seguida respirou fundo, como que querendo recompor-se – Desculpe-me. O dia hoje não está sendo muito bom, estou um pouco impaciente.
- Pode sentar-se, agora já o conheço. – disse o escritor não podendo evitar um sorriso ruidoso. Rugosa sentou-se passando seu lenço na papada trêmula; dava a impressão de que iniciava uma partida perdendo de um a zero. Aquilo era um veneno para um homem vaidoso. Renato sentou-se em sua cadeira de balanço.
- A que devo sua visita, senhor Rugosa.
- Bem, saiba... Sou o homem que controla a opinião de Rio Cercado. Venho lhe propor um grande negócio... Você causou um grande rebuliço na cidade com esse seu livro, eu mesmo não conseguiria fazer melhor se quisesse causar impacto na comunidade. Bem, sem rodeios, somos adultos e gostamos de dinheiro, certo? Sei que não quer fazer mal a ninguém nesta cidade, seu livro é uma grande jogada publicitária, cá entre nós, conheço esses truques e estratagemas para vender. Pois bem, tenho uma editora que não fica sediada em Rio Cercado, aliás, esses bárbaros nem sabem que tenho essa empresa. Em seu fantástico livro você diz tratar-se de uma trilogia... Bingo! Grande sacada! Invejável sacada! Eu, que sou homem de muitos negócios, babei de inveja quando constatei o resultado de sua estratégia; você é um gênio sabia? Então... Podemos ganhar muito dinheiro juntos, você e eu. Deixe que eu cuide de seus negócios, deixe que eu lance seus livros pela minha editora e sugaremos até o último tostão desta cidade! Desgosto tanto de Rio Cercado quanto você, lhe garanto, só tolero essa porra porque é meu ganha-pão, se me entende, he, he... O que acha, lhe faço um cheque agora! Um adiantamento, e logo você estará rico! Palavra de Rugosa. Olhe, farejo um bom negócio a quilômetros de distância, para o povo você é o monstro da colina, para mim, você é o gênio da colina! He, he... Juntos podemos engolir o mundo! – Rugosa estava visivelmente excitado, limpando a papada com mais veemência e acumulando pequenas espumas brancas nos cantos de sua minúscula boca de nenê. Para Renato, não passava de uma figura patética fazendo uma proposta indecorosa. Bastou sentir o cheiro de dinheiro e veio aderir ao escritor. Rugosa deixava escorrer falsidade até nos gestos eloqüentes que acompanhavam o discurso vazio, farejara lucro, nada mais. Pouco importava as intenções literárias do autor, o que interessava ara apenas encher mais suas burras. Embora Renato tenha achado a proposta bem pós-moderna, não tinha a intenção de dividir seu sucesso com um parasita oportunista, embora admitisse que em outros tempos talvez o fizesse, mas agora não, estava trabalhando em uma grande obra artística e nada iria desviá-lo, muito menos aquela lesma gigante à sua frente. Que enfiasse no cu sua proposta! O escritor experimentava a alegria inebriante de vencer sozinho, contra tudo e todos, mais que isto, usando a adversidade a seu favor. Estava orgulhoso, e não imaginava que tão cedo o capital viesse tentar roubar-lhe os louros em

troca de tostões. Renato gostava das coisas que o dinheiro podia comprar, com dinheiro poderia realizar muitos planos, não via nenhuma vantagem viver uma vida de penúria, mas queria ganhá-lo como uma remuneração justa por seu gênio e não através de conchavos comerciais em que ele entraria com a bunda e o investidor com a pica! Na fase que o autor estava passando, de autoconhecimento, aquela bobagem do interlocutor à sua frente cheirava a uma comédia de mau gosto – E então meu filho, vejo que você está pensativo, sim, eu sei que é uma proposta irrecusável! He, he... – a pequena armadilha de Rugosa, embutida na frase, quase fez saltar a gargalhada que Renato mantinha a muito custo sob custódia. Resolveu provocar um pouco e olhou calmamente para o grande nenê dos pés à cabeça, deixando bem visível o ar de desprezo.
- Sabe, senhor Rugosa...
- Rugosa, só Rugosa, sócio, he, he... – interrompeu o empresário, afoito, pressentindo uma possível negativa. Queria esticar os tapetes que fossem necessários para o tão esperado 'sim'.
- Rugosa... Pois bem, Rugosa; não vejo realmente onde poderei obter alguma vantagem dividindo meu sucesso. Dividindo meu dinheiro, que é fruto de minha imaginação, minha arte e meu sacrifício. Fui solitário na penúria e infortúnio, por que deverei dividir os frutos nascidos dessa árvore? Reguei com meu sangue os jardins de rosas vermelhas para colhe-las e sentir o aroma doce de seus perfumes, por que deveria eu querer ver outras mãos que não as minhas na hora da colheita? O senhor me procurou porque farejou o sucesso de minha obra; ora, porque deveria dividi-lo? Ainda mais com um desconhecido? Não, Rugosa, não sou ingênuo, sei que ganharia mais dinheiro com sua participação, porém, quero mais que dinheiro: quero minha liberdade! Minha autonomia! Não quero vínculos, muito menos de negócios. Agradeço por sua proposta, mas prefiro seguir só.
- Acho que você não entendeu – o tom de voz do 'grande nenê' voltou à empáfia inicial, deixando claro o caráter da visita puramente interesseiro – eu mando nesta cidade, se eu quiser ninguém mais vende seus livros, você vai mesmo querer fazer queda de braço comigo, garoto?
- Quero, estou precisando fazer exercício para os membros superiores – virou-se para um dos seguranças – tragam o banquinho de madeira que está ao lado da porta para colocarmos os cotovelos. – a brincadeira irritou Rugosa que se levantou e quieto, encaminhou-se para o carro acompanhado de seus fiéis escudeiros. Antes de entrar, encarou o homem de pé na varanda: - Você não sabe com quem está brincando! Não sabe! – entrou no luxuoso automóvel, o segurança bateu sua porta e entrou também, o outro estava ao volante e já havia ligado o motor, sem demora partiram levantando a velha e boa poeira da estrada.
- Idiota... – disse o homem só, de pé, na varanda.

Aquela noite estava incrivelmente fechada. Sem estrelas no céu, o breu era total na colina e a casa havia desaparecido na escuridão, nenhuma luz, alguma referência de claridade, nada. Um carro parou em meio à estreita estrada, apagando os faróis. Escuridão total. Um feixe de luz surgiu então, oriundo de uma lanterna; era uma luz nervosa que subia pela via poeirenta e pousava em pequenos barulhos na floresta circundante, mais de uma vez esta luz ofuscou olhos atentos de animais noturnos como corujas e pequenos ferinos. A luz subia a colina escura, pousando aqui e ali, era um raio certeiro e potente, atingia longe e atingiu o casebre no topo da

colina. O aspecto da velha casa assim, abandonada na escuridão, era sinistro, mas a luz da potente lanterna não conseguia fixar-se na casa, tantos eram os ruídos que mereciam sua atenção nessa caminhada na escuridão. Finalmente, a luz cruzou a pequena porteira escancarada e entrou no quintal da casa; era conduzida por um homem alto, magro, de feições mortas; na mão esquerda a lanterna e na direita uma pistola ponto quarenta e cinco. A luz fustigou a pequena horta e arredores. Silencioso, o homem circundou a casa e voltou ao ponto de entrada, estancou então a claridade redonda da lanterna na porta do casebre; calmamente subiu os lances de escada e ganhou a varanda, um pequeno ruído lhe chamou a atenção, fazendo com que iluminasse com um gesto brusco a cadeira de balanço que incrivelmente balançava sozinha; reparou o homem, de que havia pequenas e serenas rajadas de vento, atribuiu a isso aquele movimento. Voltou a atenção de sua lanterna para a porta e percebeu de que esta estava entreaberta, a arma na mão direita estava em prontidão e acompanhava o alvo da luz. O invasor empurrou calmamente a porta que fez um leve ruído, entrou e fechou-a atrás de si; a luz da lanterna começou então a encontrar os poucos pertences do escritor: a máquina de escrever, uma garrafa de uísque pela metade, copos vazios e livros. O silêncio era mortal, o homem entrou nos quartos, na cozinha, banheiro; retornando à saleta parou em frente aos livros e foi iluminando as obras uma a uma que estavam dispostas em total desorganização sobre uma mesa de canto. Uma pareceu chamar-lhe a atenção, pois pousou a luz mais demoradamente: Hamlet. – *'Ser ou não ser, eis a questão!'* – uma voz quebrou o silêncio e fez com que o homem soltasse um grito de susto e horror, a luz da lanterna agora procurava nervosa o homem que pronunciou a frase – *'Acaso é mais nobre a cerviz curvar aos golpes da ultrajosa fortuna, ou já lutando, extenso mar vencer de acerbos males?'* – o invasor procurava freneticamente a origem daquela voz, que vinha de todos os lugares e de lugar nenhum – *' Morrer, dormir, não mais. E um sono apenas, que à carne a herança de nossa dor eternamente acaba,'* – apavorado, o sujeito grudou as costas na parede e apontava a arma para todos os lugares em desconexão com a luz da lanterna. – *'Sim, cabe ao homem suspirar por ele. Morrer, dormir... Dormir? Sonhar, quem sabe!'* – agora se agachava apavorado, costas coladas na parede, mãos trêmulas. - *'Aí, eis a dúvida. Ao perpétuo sono, quando o lodo mortal despido houvermos, que sonhos hão de vir?'* – o invasor deixou cair a lanterna e a arma e pediu clemência: - Pare! Pare! Quem é você! Piedade! – *' Pesá-lo cumpre...'* – o zunido de uma navalha cruzou o ar. Em seguida o homem dava seus últimos estertores no escuro com a mão segurando o pescoço cortado. Renato apanhou a lanterna e focou o moribundo, este tinha os olhos estalados de pavor e assim expirou, com a mão na garganta rasgada, estirado em uma poça de sangue. – Hora errada e lugar errado, irmão. – disse o escritor calmamente, mas um barulho inesperado veio de fora da casa, pondo-o em alerta. Apagou a lanterna e escondeu-se novamente. A luz de uma outra lanterna, vinda da porta começou a tatear timidamente o interior do casebre e quando encontrou a terrível cena de morte foi largada ao chão provocando um baque no piso de madeira, ato contínuo Renato pegou por trás o novo invasor tapando-lhe energicamente a boca, pois pressentia o grito. Na verdade não era um invasor e sim uma visitante, Ana. Prensou Ana contra a parede de madeira e agarrou-a com força. – Não grite, Ana. Não vou lhe machucar. Esse homem tentou me matar e eu acabei com ele, só isso. – Renato sentiu a respiração ofegante da mulher em sua mão, Ana estava de costas e ele sentia sua bunda no pau. Da mistura explosiva daquela respiração em sua mão com a adrenalina em seu sangue surgiu um tesão incontrolável e extasiante. Virado em um tigre, o

homem meteu a mão pela frente da mulher abrindo os botões de suas calças, puxando-as imediatamente para baixo juntamente com as calcinhas, baixou também suas calças do training e enfiou seu pau duro na boceta de Ana com a pressa que o tesão exigia. Sem tirar a mão de sua boca começou a fodê-la com sofreguidão. A luz da lanterna caída iluminava o morto, que a tudo assistia inerte. Na intimidade do escuro, na cumplicidade da sombra, a moça cedeu a seus próprios instintos e começou a mexer sua bunda enlouquecendo mais o escritor que urrava de tesão. A mulher entregou-se àquele momento único e se não fosse a mão forte de Renato em sua boca, estaria gritando de prazer. Naquela batida ruidosa e frenética de bunda e pélvis os dois gozaram alucinadamente e Renato não agüentando, gritou de tanto tesão. Tão logo cessaram os orgasmos, os dois permaneceram nas mesmas posições até as batidas desordenadas em seus corações acalmarem-se. Havia tudo por fazer depois deste orgasmo. Renato retirou a mão da boca de Ana e ambos olharam, ainda na posição da foda, para o cadáver. A mulher teve então uma crise de choro e Renato procurou consolá-la: - Foi inevitável, Ana.
- Eu sei. – a resposta intrigou Renato. Os dois continuavam na mesma posição, o homem atracado às costas da mulher.
- Sabe? Como assim, sabe!
- Foi por isso que eu vim, me arriscando pela escuridão. – disse a moça se recompondo do choro
- Hoje à noitinha um cliente meu lá na Rosa bebeu demais e deu com a língua nos dentes, você sabe muito bem que as putas são as confessoras preferidas das consciências pesadas. O cara me disse que contrataram um matador para dar cabo de você, o serviço seria hoje então eu vim correndo avisá-lo. Mas vejo que sabe se defender muito bem. – o homem sorriu e virou carinhosamente a mulher para ficar de frente com ela, então a beijou com calma uma, duas vezes; Ana enlaçou o amante e correspondeu ardorosamente, mas logo perceberam que tinham de aterrisar, havia um cadáver na sala. Finalmente separaram seus corpos e a mulher apanhou a lanterna que permanecera acesa durante a trepada, iluminou o rosto de Renato e um frio lhe subiu pela espinha; nunca vira na vida um brilho tão forte e insano como o daqueles olhos. Mas uma coisa lhe intrigou mais, a felicidade que eles irradiavam. Iluminavam, em meio a olheiras, um rosto pálido sem nenhum sinal de remorsos e harmonizavam com perfeição com aquele sorriso enigmático, parecia de satisfação, um sorriso demoníaco.

No meio da manhã Renato cuidava de sua horta quando delegado Paranhos estacionou seu carro em frente à casa – Porra! – pensou – Definitivamente devo ser o oráculo de Rio Cercado. Quanta visita! – continuou trabalhando na terra quando o delegado chegou com um sorriso nos lábios. Parou diante da horta e comentou: - Essa terra remexida assim até parece... Diga-me, quem você enterrou ai, Monstro da Colina! - A brincadeira pegou Renato de surpresa; este então cravou no delegado um olhar que deixou o policial sem jeito – Ora, não se irrite, foi só uma brincadeira entre velhos amigos...
- São essas brincadeiras que estão acabando com minha reputação nesta cidade.
- Você não tem reputação nesta cidade, he, he... E pelo que me consta, se quisesse ter uma, tenho certeza, optaria pela pior possível. – disse Paranhos em tom amistoso.
- Está me conhecendo muito rápido, delegado, sempre me considerei mais misterioso que isso...

Fico desapontado comigo, mas me diga, ao que devo esta honrosa visita? – o escritor continuava remexendo a terra com uma pequena pá enquanto conversava.
- Vim ver como o futuro assassino confesso está se comportando. Estes dias houve uma assembléia na cidade, eu mesmo a convoquei, para tratar exclusivamente de seu assunto, você está muito importante. Mas devo confessar, não é fácil manter a atenção da cidade fora da colina.
- É... Eu sei. – comentou Renato sem tirar os olhos das hortaliças.
- É de admirar que você não tenha recebido alguma visita indesejável, porém ninguém está faltando em Rio Cercado. Sim, digo isto porque realmente acho que se alguém subir esta colina para se meter com você não voltará para a cidade, pelo menos andando com as próprias pernas. – Renato sabia que não podia entrar na provocação do delegado, mas começava a sentir o desconforto da desconfiança. Será que Paranhos tinha conhecimento da contratação do matador de aluguel e estava rondando sua consciência? E se o matador fosse uma isca bem planejada para pegá-lo? E se houvesse se comportado como um tolo, fazendo o jogo alheio, um jogo mais inteligente que o seu? Precisava se manter frio. Não era isso que pôde depreender da conversa que tivera com Ana depois da limpeza da cena do crime. Ela dissera que o cliente bêbado ao resvalar a língua, incriminou Dr. Dorival, era tudo idéia dele, - Aquele filho da puta! Ah, ele me paga! - bem, a seguir pelas informações do 'boca grande', Paranhos não poderia nem sonhar com a manobra macabra arquitetada por Dorival. Mas então por que esta visita inesperada logo hoje? O defunto ali, a cinco palmos de Renato e a dois metros da policia! - Que bizarrice! – pensou - E se Paranhos resolver finalmente lembrar daquele uísque que ficou para um outro dia? Se quiser entrar no interior da casa para beber? O assoalho que ainda não secou e a parede molhada, no mínimo seriam suspeitos.
- Quando lança seu próximo livro? – perguntou o delegado, parecendo querer desviar a atenção do escritor para sua direção. Renato finalmente se deu por vencido, não conseguia manter a atenção no que fazia, na verdade estava refazendo o plantio dos legumes, obrigado que fora a remover aquela terra para enterrar ali o cadáver do invasor. Por essas coisas do destino, tinha de fazê-lo na presença de Paranhos. Levantou-se e limpando as mãos com um pano respondeu: - Em breve. Por quê? A cidade não pode mais esperar a continuação do romance? O mandaram aqui para me pressionar a acabar logo com isso? – brincou.
- Pergunto isso porque não tenho mais sossego. Recebo as mais diversas ligações, são senhoras que escutam barulhos no quintal. Senhores perseguidos pela rua à noite. Gente de todo o tipo sendo espionada pelo *'monstro'*, todos afirmam de que serão certamente as vítimas. Cada um com sua convicção *'sim, senhor delegado, lhe afirmo, o monstro está atrás de mim, tenho certeza de que serei eu o morto!'*, você é visto em todos os lugares e situações, caralho! Um dia meu saco explode! Termine logo com isso! Lance os livros restantes e vá embora pelo amor de Deus! Antes de você isto aqui era um paraíso de calmaria, o máximo de incômodo que eu tinha era apartar alguma briga de bêbado, agora... Caralho, irmão! – Renato ria ao escutar o relato dos infortúnios de Paranhos e este mesmo falava em tom de gracejo. Tinha ao delegado mais como um aliado de que um inimigo, Paranhos parecia um homem justo e havia botado a mão em seu ombro, garantindo assim que terminasse sua obra o mais rápido possível para recuperar o sossego perdido. No entanto, as visitas de Paranhos não pareciam apenas uma supervisão inocente de seus trabalhos no intuito de acabá-los logo e partir. O delegado deixava transparecer

sutilmente a preocupação com as reais intenções do escritor: *'escritor ou assassino?'*. Afinal, sobre ele pesaria essa decantada morte se acontecesse, zelava pelo seu trabalho, nada mais. De repente, o aparelho celular de Renato chamou. Este fez um gesto para Paranhos e saiu meio de lado, apanhou o aparelho no bolso de sua calça de abrigo e atendeu: - Alô. Ah, sim. – do outro lado era Ana, esta lhe passava o endereço do escritório de Dr. Dorival, conforme uma combinação feita na madrugada. Renato havia pedido para Ana descobrir e lhe passar este endereço em seus pormenores, pois queria fazer uma 'surpresinha' para o respeitável advogado. A ironia, mais uma vez, era de que o telefonema chegava justamente na presença do delegado – Sim, entendi perfeitamente, vou achar com facilidade... O que estou fazendo? Estou tratando da horta, também estou tendo a honra de receber a visita do delegado da cidade... Isso mesmo. Um abraço. – Renato desligou o telefone e dirigiu-se a Paranhos: - Meu editor. Acho que serei obrigado a satisfazer seus anseios, delegado. Tenho de voltar ao meu livro, acabá-lo o quanto antes, motivos contratuais, o senhor sabe...
- Vou deixá-lo trabalhar, termine logo isso e tomaremos alguns tragos para celebrar, certo? – Paranhos voltou ao seu carro, Renato acompanhou-o. Despediram-se e o policial partiu pela estrada empoeirada. O escritor olhou para aqueles campos e florestas. – humm, hoje há de ser noite de serração forte.

À tarde o autor tratou de sua estória batendo freneticamente em sua velha máquina, sempre acompanhado de generosas doses de uísque. Quando seus amigos grilos iniciaram suas sinfonias noturnas a casa já estava abandonada, Renato iniciara mais cedo sua expedição pela floresta. Quando a noite já ia alta e a neblina ofuscava as luzes da cidade lá embaixo ele retornou à casa escura. Uma espécie de fogo corria em suas veias, só tinha uma coisa em mente, mostrar aos tolos com quem haviam se metido. Mandaram um matador, ora essa! Um matador de aluguel! Imaginou o que agora estaria pensando Dr. Dorival, o monstro seguia vivo, muito vivo! Mais vivo do que nunca! Na certa o idiota do Dorival imaginava que o homem pegou o adiantamento e desapareceu, ganhando assim, o dinheiro mais fácil de sua vida. Tinha de mostrar a Dorival que estava enganado. Que o assassino o encontrara e ao fazê-lo selara seu destino. Tinha de mostrar o que acontece com quem invade sua escuridão sem ser convidado! Sua escuridão, esse território perigoso e negro! Seu reino! Sua força! Nesse terreno sombrio não havia laços morais, as grades solares desapareciam deixando à solta sua individualidade mais profunda, perigosa delícia das profundezas, embriaguez demoníaca! Sim, eles vão ver com quem se meteram! O escritor entrou na casa e saiu portando uma imensa e afiada faca, andava com profundo conhecimento do local, mesmo na escuridão total, deslocando-se como se enxergasse nitidamente os recantos de seu habitat. Parou em frente à horta. Agachou-se e começou a remover a terra juntamente com as hortaliças, fazia com rapidez como se fosse uma espécie de toupeira. Logo um odor cadavérico brotou da terra e então Renato tateou o rosto do cadáver, as pontas de seus dedos sentiram a textura dos olhos abertos do defunto, encobertos pela terra úmida. Pegou a pequena pá de remexer terra que estava cravada ao lado e cavou em volta da cabeça, só parando quando esta estava toda de fora. Indiferente ao fedor do cadáver, pegou a faca e encostou o fio no pescoço do morto, em seguida botou o pé para deitar o peso de seu corpo sobre a arma branca e

começou a forçar; sem demora escutou espatifar-se a cervical e o hióide. Repetiu a operação algumas vezes até sentir a cabeça deslocar-se definitivamente, então com a afiada faca, cortou peles e músculos até levantar-se com a cabeça em uma mão e a faca na outra. Deixou o objeto macabro sobre um toco e recuperou com maestria a horta, botando tudo em seus devidos lugares, mesmo em completa escuridão. Depois disso, apanhou a cabeça e entrou na casa, onde já havia um saco plástico preparado para embalar a monstruosidade, acondicionou-a no saco e fechou bem com um barbante. Pegou uma mochila, tudo no escuro, e enfiou o saco com a cabeça dentro, em seguida a colocou às costas e saiu da casa; trazia nas narinas o cheiro do defunto. A neblina quase fazia desaparecer as luzes da cidade lá embaixo. Renato então se encaminhou para Rio Cercado, mas não pela estrada e sim por onde gostava de andar, através da negra floresta com todos os seus personagens noturnos e familiares. Seguia pelo mato fechado, fogo nas veias e no olhar, aproximando-se perigosamente da pacata cidade. Inocente e amedrontada cidade. Dormia serena, embora preocupada, alheia à aproximação de seu algoz e o souvenir macabro que trazia. Àquela hora não havia ninguém pelas ruas encobertas da cidade, era fácil para o *'monstro'* encontrar o endereço do escritório de Dorival. Renato perdeu precioso tempo tateando através do fog espesso, mas enfim achou o local. Esgueirou-se por um muro atrás do prédio de dois andares, tinha a seu favor o fato de saber que não encontraria dificuldade para entrar no escritório do advogado. Rio Cercado era uma localidade onde arrombamentos não existiam. Ao subir no muro já estava com livre acesso à janela do segundo andar-fundos; subiu no parapeito e deu um soco no vidro da janela, próximo à tranca, estava com luvas de couro grosso e o barulho do vidro quebrado lhe alertava para a rapidez com que tinha de realizar a operação. Botou a mão por dentro e abriu seu acesso ao interior do imóvel, entrou e rapidamente pegou na mochila a cabeça, rasgou o plástico e largou-a na mesa do doutor. Guardou a sacola plástica vazia novamente na mochila, botou esta às costas e saiu pulando no muro e do muro ganhando o solo e a invisibilidade da neblina. Quando novamente na floresta, não podia deixar de sentir a hilaridade ao imaginar o notório Dr. Dorival encontrando a singela lembrancinha que o *'monstro'* deixara para ele. Estará manietado, terá de livrar-se da cabeça sem levantar suspeitas, afinal, é a cabeça do matador de aluguel contratado por ele. Não poderá se socorrer de Paranhos nem de ninguém, talvez só mesmo seus comparsas cúmplices no crime poderão ajudá-lo, mas até disso Renato duvidava. Na verdade o respeitável Dr. Dorival estava, a parir de agora, com um grande e sinistro pepino nas mãos.

Dr. Dorival era um homem de hábitos. Gostava de chegar cedo ao escritório, antes de sua secretária, assim preparava metodicamente os assuntos pertinentes ao dia e melhor organizava as ordens a serem exigidas à ajudante. Naquela manhã não foi diferente. Porém, logo ao abrir a porta do conjunto que era composto de uma sala de visitas, onde ficava também a mesa de sua secretária, uma pequena cozinha, banheiro e a sua sala propriamente dita, deparou-se com um forte cheiro podre. De imediato atribuiu a algum rato morto, mas antes mesmo de começar a procurar o pequeno cadáver, percebeu que o fedor vinha de sua sala, que tinha a porta entreaberta. Ao entrar na sala soltou um grito, enquanto uma máscara de terror assumia suas feições sempre tão neutras e inexpressivas. Via a cabeça em sua mesa, de costas para si, que

estava parado à soleira da porta; a cabeça estava de frente para a janela, onde também estava sua cadeira de espaldar alto, pois sentava de costas para a janela numa demonstração explícita de que não havia nada a temer, homem impoluto que era. Afrouxou a gravata que começava lentamente a lhe sufocar e começou uma lenta trajetória em direção às feições do rosto defunto em sua mesa de trabalho. Seus olhos então estalaram, surpreendidos com aquela cabeça que ele conhecera há alguns dias, as feições mortas do matador encontravam a razão de ser, finalmente. Acometido pelos torpores do pânico, Dorival encontrava dificuldade para concatenar suas idéias, porém, a primeira coisa que conseguiu raciocinar foi de que a secretária logo chegaria e ele não poderia correr o risco de qualquer desconfiança sobre algum envolvimento seu com aquele morto. Precisava livrar-se daquele horror. Foi então à mesa de sua funcionária e digitou um número no aparelho telefônico que havia ali. Aguardou alguns segundos respirando fundo, alguém atendeu no outro lado da linha e ele então se recompôs: - Alô, Marialva? Veja, Marialva... Veja, quero tirar o dia para trabalhar sozinho, não me faça perguntas apenas obedeça, certo? Não venha para o escritório hoje, não venha, é uma ordem! Hoje quero ficar só, quero me concentrar em um grande problema! Amanhã conversamos. – desligou o telefone sem dar chance de qualquer contrapartida à mulher. Ato contínuo, foi à porta de entrada e a chaveou, voltando imediatamente às coisas da secretária na mesa; ali conferiu sua agenda do dia e começou a realizar ligações para clientes, desmarcando compromissos. Finalmente, quando percebeu que estava livre de qualquer intromissão, deixou-se desabar na cadeira de Marialva. Parecia que estava vivendo um pesadelo e queria acordar a todo custo, chegou mesmo a se beliscar; mas a realidade é inexorável. Passados alguns minutos, tempo suficiente para arrepender-se de planejar uma ação desastrada, levantou-se e ficou frente a frente com a terrificante realidade. Voltou à sua sala, abriu um armário e retirou uma grande maleta de plástico que continha seu material de pesca; abriu-a e virou despejando no chão, carretilhas, molinetes, rolos de linhas, iscas artificiais e outros apetrechos. Ao voltar-se para a cabeça na mesa, pôs-se a imaginar de como faria para jogá-la na maleta. Tinha certeza de que não conseguiria tocar no macabro objeto, porém, tinha de fazê-lo e então uma náusea lúgubre provocada pelo fedor e pela presença sinistra lhe provocou uma golfada de vômito que foi obrigado a atirar dentro da maleta de pesca. Recomposto, postou-se à frente da face do ex-matador, só então detalhou os pormenores daquela cabeça suja de terra; tinha os olhos abertos embaçados pela morte e sujos de terra úmida, o cabelo grudento de um lado sugeria sangue, a boca estava entreaberta abaixo do bigode engruvinhado; Dorival vomitou novamente. Depois, foi para o outro lado da mesa e numa coreografia bizarra esticou sua perna por cima do móvel, empurrando a cabeça com a sola do pé em direção à borda e em seguida a monstruosidade caiu dentro da maleta no chão. O advogado sem demora trancou a maleta, como se desse a descarga do vaso sanitário, sentia agora um alívio por não esbarrar mais seus olhos naquele monstro. Sentia um certo orgulho por ter conseguido realizar a primeira etapa de seu plano para conseguir livrar-se daquilo, sentia que o sangue lhe voltava à face, começava a raciocinar com mais clareza. Sentou-se em sua cadeira, havia terra em sua mesa, mas a cabeça não estava mais ali, então procurou respirar fundo. Girou-se na cadeira e bateu de frente com a janela quebrada – Então foi por aqui que o filho da puta entrou! – pensou. Procurou raciocinar com mais calma, e até imaginou prestar queixa a Paranhos, mas daí um frio lhe correu pela espinha. O evento tomaria proporções gigantescas e o que aconteceria quando seus comparsas reconhecessem aquela

cabeça? Ora, se não existe segredo entre duas pessoas imagine entre mais! Até imaginou Higino – Aquele cagão! – dando com a língua nos dentes e arrasando a sua carreira e reputação. Não. Definitivamente, tinha de livrar-se daquilo quieto, sozinho e sem riscos. Os companheiros de tramóia pensariam que o matador pegou o dinheiro e sumiu, se sentiriam lesados, mas reclamar para quem? Era isso, não havia volta. Escancarou a janela para que o ar entrasse e varresse o fedor funéreo, pegou a maleta e olhando para a mesa decidiu que a limparia na volta, pois urgia livrar-se da cabeça defunta. Saiu de seu escritório e desceu apressado pelas escadas temendo que o fedor vazasse da maleta de pesca; ao sair do prédio em direção a seu carro um conhecido seu que passava por ali brincou: - Vai pescar, Dr. Dorival? – traído pela consciência pesada, Dorival não levou na esportiva: - Vai ver! Vou pescar de terno e gravata! Ora... eu escuto cada uma! – o conhecido fechou a cara e seguiu seu caminho enquanto o advogado abria o porta-malas de seu automóvel, acondicionando com cuidado a maleta, em seguida entrando no carro e arrancando. Saiu da pequena Rio Cercado pela avenida principal e logo ganhou uma estrada secundária, de terra, para mais adiante acessar uma outra mais estreita e por ela dirigir por quase meia hora. Quando julgou estar bem isolado parou o carro e desceu olhando insistentemente para os lados, abriu o porta-malas e retirou a maleta, pegou também uma pequena pá que sempre mantinha ali para utilizá-la em suas pescarias. Enveredou pelo mato que ladeava a estreita estradinha e quando concluiu que estava em local ermo e seguro, largou sua pequena carga e começou a cavar. Cavou por vinte minutos e quando o buraco já estava profundo o suficiente para abrigar a sinistra mala, acondicionou-a no fundo e tapou sem demora a pequena sepultura. Retornou ao carro e ao sentar-se ao volante apanhou no porta-luvas aquele maldito livro, folheou até achar uma passagem que dizia: *'(...) divertia ao escritor imaginar quais máscaras cairiam ao chão e que rostos seriam desvelados, que feições finalmente ficariam visíveis. Uma vez sem as máscaras, em que espelhos poderiam mirar-se? Teriam a coragem suficiente para encararem as verdadeiras fisionomias? Muitos deles seriam obrigados a isso (...)'*. Dorival fechou o livro, jogou-o com força pela janela e desabou em copioso choro. O cheiro podre continuava impregnado em suas narinas, tinha certeza de que nuca mais sairia de seu olfato. Nunca mais.

Naquela manhã Renato estava especialmente alegre. O divertia muito imaginar de que maneira Dr. Dorival iria livrar-se do mimo que o monstro tão carinhosamente lhe presenteara. Além do mais, estava terminando seu segundo livro, 'A ESCOLHA', e estava ansioso para remetê-lo ao seu amigo editor. Agora passava o dia inteiro escrevendo, estava perigoso andar lá fora durante a passagem do Sol, reservava-se assim, às delícias noturnas. Se os olhos dos habitantes de Rio Cercado eram míopes durante o dia, durante a noite eram totalmente cegos; já Renato, enxergava no escuro, portanto ansiava pela escuridão. Andarilho das sombras, rondava deliciosamente os segredos dormentes da cidade, invisível, perigoso; os segredos do pequeno burgo cabiam em sua pupila dilatada quando fitava aquelas luzes mortiças embaçadas pela névoa cúmplice. Reminiscência da noite, aquela cabeça morta que Dorival recebera deveria lembrar a este dos perigos que implicam meter-se com um animal noturno. – Quem não tem sombra deve temer a noite, assim deve ser – pensou Renato. Que petulância! Mandar um matador de aluguel entrar em sua sombra! Por certo em troca de algumas míseras moedas; é pouco, muito pouco

para encarar o monstro. Mas não havia de ser nada, sua obra prosseguia e em breve viria a apoteose de seu empreendimento artístico. Pensava sobre estas coisas quando escutou passos na varanda, rapidamente empunhou seu revólver, que mantinha ao lado da máquina de escrever por segurança e por julgar uma bela metáfora, correu a refugiar-se ao lado da porta de entrada que mantinha aberta. Ana ultrapassou a soleira e recebeu a frieza do cano da arma na cabeça. Renato ao perceber a garota recolheu a mão armada num impulso instintivo. – Porra, Ana. Você chega sorrateira! Do jeito que eu ando 'espiado' você corre sério risco! – exclamou indignado.
- Calma meu amor, você não vai matar sua putinha fofoqueira, vai? – divertiu-se Ana, que estava com um training azul-claro e com as calças deste totalmente sujas com as mais variadas tonalidades da cor verde – Olhe isto! – disse a moça apontando para as manchas verdes – Esse seu celular sempre desligado! É foda meu amor, subir a colina pela floresta! Sim, porque eu não sou louca de vir a pé pela estrada e deixar a cidade saber que venho fofocar para você o que os meus clientes dizem.
- Opa! Temos novidades? – disse Renato colocando a arma no bolso da calça de seu abrigo.
- Temos. Um cliente me confidenciou que Rugosa esteve aqui lhe fazendo uma proposta de negócio e você não aceitou. Sendo assim, proibiu, ou melhor, solicitou, o que dá na mesma, ao comércio de Rio Cercado que não vendam seu próximo livro; parece que muita gente fez cara feia, porém, é o Rugosa. Fazer o que? É o homem que manda nesta porra de cidade.
- Bom, isso não me causa nenhuma surpresa. Depois que essa anomalia desse nenê gigante esteve aqui me propondo essa palhaçada e eu não aceitei, já esperava por isso. Já tomei providências, não vai ser por causa disso que vou deixar de alimentar a morbidez da cidade. Meu segundo livro será vendido queira o nenezão ou não!
- Bem... – disse Ana enquanto dirigia-se ao quarto do escritor – então faça valer a pena todo este meu sacrifício... – Renato sorriu guloso. Seguiu a garota que já estava no interior do quarto tirando suas roupas e então um pequeno mal-estar passou por seu pensamento: e se Ana estivesse fazendo uma espécie do jogo duplo? E se quando estivesse trepando a casa fosse invadida por seus algozes? Poderiam lhe pegar nu, de bunda para cima, pateticamente indefeso. O que era um mal-estar tomou corpo e transformou-se em real preocupação, nem tanto por uma suposta traição da garota, mas porque efetivamente ela poderia ser seguida por gente desconfiada e violenta.
- Você não vem? – disse Ana já deitada na cama de Renato, abrindo e fechando as pernas vagarosamente como que dando pequenas amostras da boceta saborosa que o aguardava. Renato esticou-lhe a mão e a garota pegou-a carinhosamente, ele então fê-la levantar e acompanhá-lo pelada até uma janela com visão para a estrada e a floresta. – Veja que vista linda... – disse. A moça rendeu-se empinando sua bunda na direção do amante, que estava atrás dela. Este, sem demora baixou as calças de abrigo, não sem antes retirar seu revólver do bolso e deixá-lo ao seu lado, na mesa de canto. Em seguida enfiou seu pau já bem duro na boceta úmida de Ana. A mulher enlouqueceu de tesão, remexendo sua bunda freneticamente enquanto o escritor dividia seu prazer com a atenção necessária; olhos na paisagem a mãos firmes nas ancas da mulher, puxando-a para si com força e em gestos ritmados. A vigilância foi ficando de lado, e aos poucos foi se entregando as delícias daquela foda inesperada e matutina. Os dois corpos então entraram em uma conjunção febril que resultou em um gozo mútuo e gritado aos quatro ventos. A mulher ainda esfregava-se em seu pau que já havia pulado para fora da boceta, quando Renato acordou

novamente para a realidade lá fora. Arredou o cabelo da moça e beijou-a na nuca embora os olhos estivassem novamente vigilantes. Ana virou-se e ambos beijaram-se demoradamente, Renato mantinha os olhos atentos, um prejuízo notável àquele beijo tão quente, mas era o preço a ser pago para evitar surpresas. Ana então foi tomar um rápido banho enquanto o homem ainda ofegante servia-se de uísque. Estaria ficando paranóico? Melhor assim. Sabia que a amante entendia seus motivos e mais que isto, começava a ter em Ana uma importante aliada, ou seria cúmplice? A mulher presenciara um assassinato e tinha ajudado Renato a encobrir o crime; Ana foi quem lavou a casa enquanto o escritor enterrava o corpo do miserável e inadvertido invasor. O que ela não sabia era que Renato levara a cabeça do defunto para Dorival. Quando havia pedido o endereço do advogado dissera apenas que iria dar um susto no homem, para não se meter mais com ele, nada mais.

- E o tal susto no Dorival, quando você vai dar? – disse a moça, saindo do banheiro e secando-se com uma toalha de Renato. Parecia lhe ter lido os pensamentos.

- Bem... Não sei, tudo ao seu tempo. – julgou que já seria demais contar sua peripécia macabra à garota. Embora tenha encarado o assassinato com relativa normalidade, Ana poderia chocar-se com o epílogo da história, e aí sim, questionar a sanidade do escritor e por medo botar tudo a perder; melhor que não soubesse de nada. Ademais, Renato tinha certeza de que o assunto morreria na forma de um segredo pessoal do advogado, Dorival não tinha outra saída.

- Bem, agora tenho de vestir a minha roupa suja de mato e descer pela floresta. Saiba que só por você faço isso. – disse a moça dirigindo-se ao quarto de Renato.

- Não existe 'sujeira' no mato. – replicou o homem – O mato será sempre mais limpo do que nossas roupas, por mais lavadas que estas estejam. Nada, Ana, nada pode ser mais limpo do que a Natureza nua; pobre de nós que precisamos de vestimentas para poder nos postar à frente dos outros, e quanto mais pudermos impressionar com nossas roupas, maior nos será o ganho. O ganho tolo da aprovação do olho alheio, sempre tão cioso na captura das almas, talvez mesmo, só quem não possua uma lhe possa ser invisível, perigosamente invisível. Este será considerado um ser demoníaco porque não se deixa capturar, não se presta a reduzir sua existência ao tamanho da vista alheia. Capturar a Natureza é impossível Ana, se captura as almas, mas a Natureza nunca. Deixe que os galhos e arbustos lhe acariciem as vestes, talvez eles só queiram saber do que são feitas, uma vez que estas lhes são totalmente incompreensíveis. A Natureza não usa máscaras, com a 'honrosa' exceção da raça humana sem as quais não poderia prosseguir, ela apenas é! Bem, ontologicamente falando... Porque até este 'é' talvez não caiba na Natureza. É pouco para vesti-la, essa indomável! É por isso, acho eu, que ando tão feliz. Foi preciso me isolar nesta colina para descobrir a minha própria natureza; rasgar a alma, picotar a alma, fazer em pedaços essa impostora! Essa agente secreta do olho alheio, essa trabalhadeira da utilidade e do medo da vida! Pois agora sou o monstro! E quem me poderá tirar esta alegria? Esta alegria de monstro! Esta alegria monstruosa! Esta alegria da solidão! Pois é, Ana, foi preciso vir para o lugar que a cidade mais teme para descobrir a delícia da autodescoberta! A prisão moral jaz ali no chão, agora sou apenas eu, nada mais. Ah... Se as pessoas lá embaixo soubessem o bem que a colina faz! Mas o pensamento coletivo as impede de enxergar, pobres coitadas... Só vêem a casa mal-assombrada, a escuridão, os fantasmas, enfim, tudo o que lhes ensinaram a temer para que ficassem bem longe da colina. É bem verdade, e você é testemunha, querida, que tenho que me manter atento e vigilante para seguir trabalhando em minha obra, do contrário já estaria morto.

Mas não sou mais o mesmo de quando aqui cheguei, agora eu mato! Portanto não tenha medo do mato! Eu mato, quando no mato! Mato e mato! Se me perdoa o mau trocadilho... – sorriu enquanto bebia mais um gole de uísque. Ana saiu do quarto vestida e prendendo o cabelo – Sim, meu amor, que você mata eu não tenho dúvida, que ama o mato, também. O que me assusta é que me sinto à vontade com um assassino frio. Tenho nas mãos também, o sangue deste crime, nunca em minha vida eu poderia imaginar ser cúmplice de um assassino! Uau! Que feitiço é esse? Não sinto culpa, não sinto nada! E mais, tenho sempre a impressão de que você faz as coisas certas, faz as coisas que tem de ser feitas, tomara que eu não esteja errada, porque me atirei de cabeça na sua história.

- Cuidado com esse negócio de certo e errado, existe aí um ilusionismo moral que serve somente para nos afastar de nós mesmos. Agora tenho meu certo e meu errado, e você? Está pronta para ter os seus próprios conceitos? Está madura para dizer 'sim' e 'não' sem estar em consonância com os demais? Da minha parte espatifei as máscaras, sou um homem cru! Tenho a minha cara! E ela é perigosa. Fazer o quê? Este sou eu. – Renato deu mais um gole – Não é mole quando se descobre que os fantasmas que assustam todas as gentes moram aqui dentro – apontou para a própria cabeça – e que danço as cirandas mais demoníacas com eles! O que assusta a cidade é para mim, toda a minha alegria! Minha força! O vinho no meu sangue! Sim querida, sou um assassino e serei outras vezes se julgar necessário, sou o dono da minha vida e serei sempre perigoso para quem quiser me tirar isso. São instintos de preservação. Também não me furtarei a saborear o vinho da vingança se assim julgar necessário. E que assim seja! Afinal é a luta solitária de um *'mau'* contra os *'bons'*. – Ana abraçou Renato dando alguns rápidos beijos em sua boca – Espero que esse homem mau não tenha perdido a capacidade da amar. – disse. O escritor sorriu e retrucou: - Continue sendo essa mulher maravilhosa, cúmplice e descubra você mesmo. - Ana sorriu, deu uma apertadela no pau do amante e partiu sob o olhar vigilante deste, que só voltou à sua máquina de escrever depois que a mulher desapareceu na floresta.

O ‘Bem’ me faz 'Mal!’

CAPÍTULO 03 Livro dois - A ESCOLHA

A disfarçada proibição de Rugosa foi em vão. A imensa caminhonete que naquela manhã entrou em Rio Cercado anunciando em seus alto-falantes a chegada do segundo livro da trilogia, A Escolha, causou alvoroço no povo. Todos acorriam por onde o carro passava acotovelando-se para adquirir um exemplar. Não foram poucas as vezes que o automóvel teve de parar, forçado pela multidão. Talvez Rugosa em algum lugar estivesse esbravejando, pois sua sanção ao escritor falhara redondamente. O empresário também proibiu qualquer alusão ao livro ou seu autor em seus meios de comunicação, mas Renato já havia despertado os sentimentos dos habitantes da cidade: medo, indignação curiosidade mórbida, revolta; sim, já não poderiam viver sem o desfecho daquela estória e, sobretudo, o receio de cada um em ralação à mão invisível da morte. Com dona Carlota não foi diferente. Se a velhota escandalizara-se com o primeiro livro, agora, depois de realizar sua leitura *sanguinolenta-dinâmica*, vestia o espírito da aflição, como se a escolhida para morrer fosse ela. A velha havia rezado piedosamente para que o homem da colina morresse ou fosse embora, que voltasse às profundezas do inferno de onde saiu. Dona Carlota tinha uma suspeita que lhe tirava o sono, imaginava que o escritor, sendo um ser satânico, poderia ler seus pensamentos e descobrir os desejos mórbidos que permeavam suas orações. Sendo assim, ela bem poderia ser a escolhida para perecer nas mãos do autor assassino; este pensamento agora torturava a mente simples da mulher. Pegou o telefone e dedilhou um número, nervosa. Uma voz de mulher atendeu do outro lado: - Sim, Carlota, fale...
- Como você sabe que sou eu? – surpreendeu-se a velha.
- Ora, quem mais poderia ser... o livro acabou de chegar à cidade...
- Sou eu, sabia? Sou eu...
- É você o que, Carlota?
- Sou eu quem o monstro vai matar!
- Como pode ter certeza de que é você? O Rodolfo me ligou, disse que o homem não diz quem vai ser o morto, ou morta sei lá! De onde tirou isso Carlota? Por que seria logo você?
- Porque ele lê pensamentos, tenho certeza disto! Ele é um homem satânico! Sim, ele sabe o quanto orei para que morresse, para que caísse um raio naquela casa e destruísse com ele!

- Ora, Carlota... Por favor! O Rodolfo me disse que o homem não passa de um espertalhão se divertindo e ganhando dinheiro às nossas custas, nada mais.
- Pois saiba que o Rodolfo está enganado! E quando vocês estiverem à beira de meu caixão, lembrarão de que avisei ser eu a vítima!
- Calma, Carlota, calma...

O carro vermelho deixou a casa de Renato, levantando poeira na estrada. Havia deixado jornais, alimentos, bebidas e a notícia de que seus livros esgotaram-se em poucas horas. O escritor postara-se na varanda a olhar calmamente para Rio Cercado, imaginava a confusão em que deveria estar mergulhada a cidade, deveriam estar se perguntando quem haveria de ser o escolhido ou escolhida para morrer. O autor deixara bem claro de que era uma escolha totalmente aleatória, portanto qualquer habitante de Vale Dourado, nome da cidade em que o escritor fictício morava, poderia ter sido escolhido. Renato entrou na casa e remexeu sua caixa de papelão, retirou o livro, a capa era a mesma, tudo igual só o titulo mudara. O escritor sorriu satisfeito, folheou rapidamente seu 'filhote' e embeveceu-se com o cheiro do papel recém impresso, em seguida remexeu bem no fundo da caixa retirando um pequeno embrulho, olhou para fora da casa através da porta que estava totalmente aberta e retornou sua atenção para a pequena encomenda, abrindo-a - Porra, tem maconha para um ano aqui! – exclamou. Havia pedido a seu amigo editor que lhe mandasse um pouco da droga, precisava 'soltar a cabeça', precisava viajar dentro de si, vasculhar e remexer seu subconsciente atrás de mais vestígios de si mesmo. Precisava dar mergulhos maiores e mais profundos, estava se sentindo muito 'careta' naquelas dias, precisava desamarrar a mente, transbordar sua criação, inundar a cabeça por pensamentos impensados e impensáveis, enfim, queria dar asas à sua cabeça e que ela voasse para onde quisesse, pousando quem sabe nos recônditos do infinito. Tomara que aquela maconha fosse boa, estava precisando disso como quem precisa de água no deserto. Sentia que seus pensamentos endureciam durante o dia, embora à noite sentisse a delícia da *'liberdade escura'*, conceito com que batizara seus sentimentos noturnos. Pegou a seda que veio junto e começou a esfarelar a maconha em cima deste fino papel. Fechou então um imenso baseado e resistiu à tentação de fumá-lo naquele momento, tinha de ter calma, logo mais a noite cairia e então poderia relaxar suas armas para dedicar-se a seus apetites hedonistas. A vigilância que o dia empunha lhe cansava a mente, porém era um preço justo a pagar pela feitura de sua obra-prima. Além do mais, tinha como certa alguma visita, possivelmente Paranhos. Talvez viesse lhe contar os estragos desta segunda bomba atirada sobre Rio Cercado, talvez até viesse às gargalhadas e chamasse Renato de gênio, um gênio do marketing. – Sou um gênio do *'malketing!'*- responderia o escritor – Do *'malketing'* porra, não confunda! Sim, talvez até tivesse fundado uma nova abordagem de negócios, o *'marketing do mal'*, o *'malketing'*. E quem poderia duvidar da eficiência de sua estratégia? Renato então olhou para a máquina de escrever, sorriu e disse: - Querida, é chegada a hora de escrevermos o *gran finale* desta história!

Embora? Como assim, foi embora? – perguntou Paranhos a Higino. O agente funerário estava na delegacia sentado à frente do delegado. Entre eles uma mesa com papéis rigorosamente organizados em pequenas pilhas e outros objetos, todos em seus devidos lugares sugeriam a organização do policial, a despeito de uma a aparência um pouco desleixada. Paranhos era um homem corpulento embora uma barriga impertinente lhe arruinasse de vez a silhueta, o rosto moreno e redondo era amenizado por um fino bigode preto, tal qual seu cabelo cortado rente à cabeça. A indefectível corrente de ouro ficava à mostra através de uma camisa estampada aberta quase até a metade do tronco do homem. Os olhos miúdos e amistosos acompanhavam a aura simpática do delegado; Paranhos recebia a todos na delegacia e sempre tinha uma solução para os comezinhos casos dos habitantes da cidade, mas aquela notícia trazida por Higino pegou-lhe realmente de surpresa. Como assim, Dorival abandonou a cidade sem mais nem menos? Estranho.

- Como, foi embora?

- É o que lhe digo Paranhos, ele me ligou e disse que iria embora e só voltaria quando o monstro da colina partisse. Foi-se com a esposa para a casa de sua filha na cidade grande. Deixou seus processos a cargo de um amigo advogado. Estava muito nervoso ao telefone e me afirmou de que o morto seria ele! Não sei de onde tirou tanta certeza, ele acha que saindo da cidade não correrá risco, pois o escritor assassino do livro afirma que matará alguém de Vale Dourado, logo, se Dorival não estiver por aqui, estará a salvo.

- Surtou, o coitado! – Paranhos deu uma sonora gargalhada – Esse filho da puta da colina deve estar rindo muito! Olha a confusão que arrumou! Veja, Higino, o cara escreveu dois livros a arruinou a paz da cidade, caralho! Era tudo que ele queria! Sei de outras pessoas que abandonaram temporariamente Vale... Perdão, Rio Cercado; o homem é esperto, disto não há dúvidas, vende livro que nem água e se diverte, tenho de tirar o chapéu para ele. Tem mais, o sujeito não cometeu crime algum, apenas encontrou em nossa cidade a inspiração para sua ficção. Então vamos todos com calma...

- Pode ser, mas eu mesmo estou apavorado, sou o dono da funerária! E se o monstro escolheu a mim! Justamente para satisfazer seu senso de humor doentio! Se o agente funerário morre, é porque foi picado pelo seu próprio veneno... Ele é irônico você sabe... Bem, vou tentar acreditar em você, mas tenho de admitir que tenho perdido o sono.

- Fique tranqüilo, Higino. Tenho monitorado o *'monstro'*, mas tenho que reconhecer de que ele trouxe um pouco de diversão para esta aldeia, isto aqui sempre foi muito chato.

- Essa sua calma... Às vezes penso que você sabe algo que não sei – Higino passava o lenço em sua cara vermelha, tinha a consciência tranqüila por conta de o assassino contratado ter desaparecido com o dinheiro – *'Já não se pode confiar em ninguém!'* – havia dito ele quando Dorival lhe convenceu deste fato. Sendo assim, sentia-se à vontade na frente do delegado, com a *'consciência limpa'* - Como pode? Parece até que você se diverte com tudo isso! Se alguém morrer vai estourar em suas costas! Você sabe bem disto...

- Pode ser – disse Paranhos rindo com ar de deboche – mas veja pelo lado bom, não sendo você o morto, será você o único a lucrar com o defunto, mais um caixãozinho vendido hein?

- Ora, agora chega! – levantou-se o papa-defuntos indignado, enquanto o delegado ria às gargalhadas – Reze para estar certo, Paranhos! Não gostaria de receber o pagamento de um caixão feito pelas mãos de sua esposa, a *'viúva do delegado'*. – Paranhos interrompeu o riso e

encarou Higino com agressividade nos olhos – Vá com calma aí, compadre, não lhe faltei com o respeito. Mais uma brincadeirinha destas e lhe garanto que vou ficar nervoso, você já me viu nervoso? – Higino fez um sinal qualquer e partiu. O sorriso voltou aos lábios do delegado quando novamente ficou sozinho em sua sala – Imbecil! – falou em tom baixo enquanto abria uma gaveta da escrivaninha, em seguida o livro A Escolha veio em sua mão; abriu-o em uma página marcada e leu*: - ...o delegado Simão era alguém de quem o escritor realmente gostava, pelo menos era honesto, parecia ser a única cabeça lúcida em Vale Dourado, uma lucidez de policia é verdade, mas uma lucidez. Simão rondava o autor em busca de algum vestígio de suas reais intenções, porém, no fundo tudo isso divertia o delegado; alguma coisa finalmente acontecia em Vale Dourado... Uma brincadeira de gato e rato. Era bom para o policial sacudir o pó dos dias mortos e se pôr a pensar: afinal, assassino ou escritor? Tinha agora um enigma a desvendar... –* Paranhos fechou calmamente o livro e perdeu o olhar pela janela aberta – Qual é a sua, malandro? Qual é a sua?

Quando a noite caiu serena sobre Rio Cercado encontrou Renato ansioso para fumar seu imenso baseado. Já havia bebido bastante, mas era um homem extremamente forte para bebidas. Adorava a sensação de caos que lentamente o álcool lhe proporcionava na mente, era o incontrolável deus Dionísio desfazendo os trabalhos de Apolo. Cada coisa em seu lugar, o estado vígil diário, cada vez mais penoso ao escritor, cedia lentamente seu lugar a sentimentos mais puros vindos do inconsciente de onde podia colher os frutos de sua imaginação. Pulsões noturnas, perigosas e ardentes, sim, um patrimônio que podia chamar de seu, só seu! Trazia as impressões digitais de sua existência, trazia deliciosamente à tona o que o Sol diurno ofuscava. Queria mais. Aquele baseado que agora acendia tinha o objetivo terapêutico de desatar de vez os nós dourados em sua mente, e que nada finalmente prejudicasse o mergulho solitário e prazeroso em direção aos seus demônios; esta experimentação etérea de si mesmo, mergulho em direção aos recônditos de sua profundidade. Seus demônios, sua força, sua alegria! Tão logo os primeiros torpores suaves da droga se fizeram sentir, Renato despiu-se. Estava envolto por sua amiga escuridão, esta escuridão em que só ele podia enxergar. Sentindo uma sensação inebriante de liberdade, saiu nu para a floresta, o sorriso mais demoníaco do que nunca harmonizava com olhos esbugalhados e insanos, olhos que brilhavam o reflexo de uma lua minguante pendurada no céu negro. Logo se embrenhou pelo mato e sentiu a felicidade do encontro com seus amigos animais noturnos, sentia a sensação clara de que os bichos saudavam sua chegada com uma alegria ruidosa, alegria de mato! O cheiro da floresta entrava pelas narinas do escritor feito uma seiva de vida, sentia circular em seu sangue o vinho extasiante da noite. Noite selvagem da floresta, com seus sátiros e suas flautas lascivas, egipãs, silenos, ninfas fujonas e toda a fauna pagã da alegria e desmesura dos sentidos em êxtase! Renato corria pelo mato como se conhecesse cada meandro de seu *'lar'*, era acompanhado pela bicharada invisível e negra: pequenos rugidos, pios, gritos, roncos, sons esganiçados; adorava sentir nos pés aquele solo selvagem e úmido. Lá pelas tantas parou e dançou. Uma dança xamânica, permeada por um delírio nunca sentido. Demônios risonhos acorreram alegres ao chamado extasiado do homem da floresta negra, todos os espíritos da Natureza sorriram para o dançarino; este sorriso se fazia

sentir através do aroma doce das folhas orvalhadas. A floresta entrou em êxtase! Renato então deu um uivo, um uivo lancinante, um uivo de amor, amor incondicional à floresta. Agora, totalmente alheio às coisas do Sol, entregava-se à noite selvagem, sua irmã gêmea *noite selvagem*. Dançou e dançou, em delírio, em alegria, em gratidão pelo seio negro tão umbroso e alimentício. Dançou e dançou, até cair, exausto, no solo úmido da mata. Exaurido de prazer, adormeceu calmamente, quase podia jurar que escutava ao longe as deliciosas gargalhadas das bruxas; muitos animais então se achegaram e ficaram em sua volta como que velando seu sono. A madrugada então serenou. A floresta seguiu com seus ruídos, suas pequenas escaramuças, animais sobreviventes e predadores noturnos, milhares de olhos que enxergam no escuro e o sereno orvalho que pingava das folhas. De repente um estampido ao longe! Alvoroço entre os bichos; Renato desperta de supetão, um pouco assustado pela sensibilidade com que a droga fez chegar aos seus ouvidos o estúpido barulho. O homem levantou-se nu, tendo algumas folhas grudadas em seu corpo – Isso foi um tiro! – raciocinou. Ficou estático por alguns instantes, então lentamente seus olhos foram assumindo um ar sombrio, a luz mortiça da lua minguante vazou por entre os galhos das árvores que balançavam embaladas por um vento tranqüilo; luz que iluminou um olhar sanguíneo e mortal, um olhar que expelia raios de ódio. – Caçadores! – disse entre dentes o escritor – Não. Não na minha floresta! O que esses ogros querem entre meus amigos bichos? Matá-los? O que esses seres rastejantes e sem alegria querem em um santuário de vida? Abatê-la? O que homens do dia querem entre seres da noite, exterminá-los? Vocês estão em minha casa seus filhos da puta! Receberão então as honras que merecem! – ato contínuo, Renato saiu em disparada pelo mato em direção ao barulho do tiro, este veio de uma área onde havia um pequeno lago. Correu por algum tempo e parou quando avistou o pequeno vale em que se situava o lago, nele podia ver com clareza as luzes fortes das lanternas, eram três. Os caçadores seguiam sorrateiros pelo mato, pisando em galhos, com suas espingardas prontas para o disparo, as lanternas estavam acopladas às armas, portanto se o foco de luz atingisse Renato, e este fosse reconhecido era grande a chance de ser abatido. Possivelmente os caçadores voltariam para a cidade aclamados como heróis, para júbilo dos habitantes. Mas o escritor não seria a caça, não ali, em sua amada floresta, ali, os caçadores aram as presas e Renato o predador, era até uma questão de lógica. Aqueles ogros e suas botas grosseiras, pisando e machucando o solo generoso do mato! Aquelas luzes estúpidas violando a calma escuridão da mata à procura da qualquer coisa viva para transformar em qualquer coisa morta. A metáfora perfeita, imaginou Renato, para a vida morta daqueles homens, inimigos figadais de tudo que está em movimento, tudo que anda, tudo que respira, tudo que pensa! Tudo que sorri! Inimigos do sangue e da seiva! Inimigos do escuro! Inimigos de Renato! Três civilizados na mata crua, isso não combina! – São inimigos na minha casa, caralho! Como ousam violar o escuro com suas luzes artificiais! – indignou-se – Como ousam arrastar suas vidas artificiais e doentes entre os seres vivos e sãos da floresta! Infectando a pureza da noite com suas presenças apodrecidas e suas armas engatilhadas para matar seres que são partes de mim! Que petulância! Mas, saibam homens-lixo, que não permitirei que toquem com a ponta de seus projéteis o sangue de meus irmãos... Homens-lixo! – as idéias se confundiam em sua cabeça indignada. Os homens prosseguiam em silêncio e nem perceberam quando uma presença nua e invisível se juntou ao grupo. O escritor acompanhava de perto, logo atrás do último dos três caçadores, se este se virasse de repente daria com um par de olhos alucinados e assassinos; o homem andava com sua arma pronta para um disparo, porém

não poderia adivinhar de que sua sorte já estava selada. A boa distância entre eles facilitava a ação de Renato que já mantinha nas mãos um pedaço de cipó, sabia que tinha de ser ágil e traiçoeiro. E assim foi. Num gesto rápido passou o cipó pelo pescoço do caçador e esganou-o sem chance de que fosse emitido um grunhido sequer. O homem largou sua espingarda e debateu-se com energia, mas mãos com força descomunal apertaram cada vez mais o garrote; em seguida o caçador parou de mexer-se, Renato ainda apertou mais e mais e o corpo emitiu os estertores daquela vida exangue. O homem nu então deixou o corpo caído no chão úmido, pegou a arma e em seguida pendurou-a em um galho, para que sua luz continuasse incidindo na floresta fechada, numa sinalização aos outros caçadores de que seu amigo encontrava-se ali, assim não despertando suspeitas. Depois disto, partiu em direção ao outro, repetindo a operação, tudo rápido e mortal. Por fim, liquidou o último. Foi tão rápido e eficiente que os homens não tiveram a mínima condição de dar um grito sequer, apenas morreram silentes e sem saber o que aconteceu. O homem então quebrou um galho seco e ficou na mão com o que parecia uma afiada faca de madeira, depois foi em cada um dos corpos e 'esfaqueou-os' no pescoço para que o sangue vertesse; queria que os animais da mata farejassem o cheiro de sangue. Deixou também as respectivas espingardas ao lado dos corpos. Depois deste arranjo, foi embora andando lentamente e lá pelas tantas sorriu, quando escutou ao longe a algazarra que os animais noturnos faziam ao devorarem o saboroso banquete.

Pela manhã Renato entregou-se totalmente à sua tarefa de escrever, porém, sabia que Paranhos não tardaria a visitá-lo. Era certo de que o desaparecimento dos caçadores iria repercutir rápido e rápido também seria a localização dos corpos ou pelo menos o que sobrou deles. Imaginava que não deveria ter sobrado muita coisa. Uma sensação de surpresa se apossava de seus pensamentos sistematicamente, mais uma vez cometera um crime, no entanto não sentia nenhum lapso de remorso pelo acontecido. Sabia que àquela hora da noite, naquele lugar, ele era o homem mais perigoso do mundo; além do mais, aqueles imbecis queriam matar seus irmãos animais da floresta. Não tinham eles armas potentes nas mãos? Não entraram na mata com o fito de lambuzar seus projéteis no sangue de criaturas inocentes? Ora, receberam o que deviam! E isso era tudo. A consciência tranqüila do escritor estava acompanhada de uma sensação de prazer; havia matado mais uma vez, desta vez três homens armados e o fez de mãos limpas, ou quase, apenas munido de um pequeno pedaço de cipó. Estaria mentindo para si mesmo se não admitisse que sentira um prazer quase lascivo quando das quatro execuções que praticou, era um prazer acompanhado de uma inigualável sensação de poder. È aí que julgava a coisa interessante, havia se transformado em uma arma humana! Uma perigosa e destruidora arma humana. Era este o fato que lhe tranqüilizava quanto a sua sobrevivência na colina; tornara-se um homem mortal, podendo assim descansar à sombra destes novos hábitos, pois ninguém mais lhe faria mal, antes disso seriam sumariamente eliminados. O fato de ter se tornado um assassino, mais que isto, um *serial killer*, lhe proporcionava as garantias de vida que precisava até terminar sua obra. Mas sentia que não era só isso. Estava sentindo uma estranha felicidade, uma felicidade sombria, talvez a felicidade por não esbarrar em nenhuma barreira moral, antes, durante e depois de seus atos criminosos, apenas agregava tudo aquilo a seu poder pessoal; crescia à

sombra, crescia sob sua própria noite, uma noite sinistra. Agora se alimentava de tudo que era sinistro em si mesmo, tudo que há muito jazia invisível em sua escuridão; porém agora era um mergulhador das sombras e não havia de faltar pérolas no fundo desse mar infinito e misterioso. Concluiu então, que a felicidade que sentia era pelo fato de estar sendo honesto consigo mesmo pela primeira vez em sua vida, não sentia remorsos porque aquele era Renato, sempre foi Renato, um Renato que era mantido, até então, imerso sob a aparência branda do homem que era; um homem indefeso e penitente das coisas da vida, um fraco. Arrastara sua vida antiga até ali para sacrificá-la no altar da colina, sacrificá-la a um deus saído dos recantos mais sombrios, um demônio ou talvez o próprio diabo! Sim, agora sabia disto. Foi a melhor escolha que já havia feito em sua vida! Ir morar naquela colina. Naquela casa *mal-assombrada*. Agora ali, chegava à conclusão de que a assombração que lhe projetou a tenebrosa sombra durante toda uma vida, encontrou naquela solidão escura o momento certo para assumir seu verdadeiro lugar: o corpo de Renato! Sendo este o verdadeiro corpo dessa assombração. O impostor não era a sombra, a sombra queria somente o que era seu de direito, queria existir, mostrar-se ao Sol, nem que para isso tivesse de empurrar para fora da cama o ser patético que lhe obstruía a existência plena! E conseguiu. Renato levantou-se e postou-se à frente do espelho, seu olhar não era, definitivamente, o mesmo de quando ali chegou. Agora havia uma acuidade de águia que traduzia nos olhos o resultado desta mudança; o escritor não era mais um homem *'bom'*, agora era apenas Renato. Perdera os contornos artificiais, já não cabia no olho do outro, já não era alguém definível, limitado em si mesmo, já não se deixava capturar ingenuamente pelos conceitos comuns, havia extrapolado para muito além de tudo isso, agora era apenas Renato, o verdadeiro, não o impostor. Não havia dúvidas de que se justificava plenamente sua felicidade, a felicidade de estar postado finalmente em si mesmo; não haveria moral que pudesse lhe remover de onde estava; não, nunca mais. De repente um ruído de motor chegou aos ouvidos do 'monstro'. Tal qual previra, o delegado agora estacionava seu automóvel em frente à casa. Renato se obrigou a botar os pés no chão, perdido que estava em seus pensamentos, e logo foi à varanda recepcionar Paranhos, tinha um sorriso meio debochado, pois já sabia de que tema se ocuparia a conversa. Tão logo o delegado Paranhos chegou na varanda, reparou que a bonomia costumeira do visitante havia dado lugar a um ar preocupado e ansioso.

- Bom dia, delegado, vai aceitar meu uísque hoje? – largou na frente Renato.

- Sim, hoje vou, estou precisando.

- Vamos entrar. – o anfitrião recuou para que o policial entrasse primeiro no casebre. Quando no interior, reparou que os olhos de Paranhos resvalavam rápidos por todos os cantos da acanhada sala, como se quisessem descobrir qualquer coisa que pudesse lhe incriminar. Renato serviu dois copos com pequenas doses – Gelo? – Sim, obrigado – botou duas pedrinhas de gelo no copo do policial e posteriormente no seu – Sempre tem o gelo assim à mão? – perguntou Paranhos – Você bebe pela manhã?

- Bebo sempre que me dá vontade, não tem horário. – Paranhos caminhava lentamente pela sala e dirigiu-se à porta de um dos quartos, dando uma espiadela para o interior deste, depois espiou a cozinha e retornou ao meio da sala parando em frente à escrivaninha de Renato; inclinou-se para melhor ler o que estava escrito no papel acondicionado na velha máquina de escrever.

- Quer saber o final da estória, delegado? – disse o autor, desviando a atenção do policial.

- Tenho medo de saber o final desta estória... – decididamente o delegado não aparentava bom-

humor – Três caçadores foram encontrados mortos lá para os lados do lago. Porra... Logo cedo pela manhã me cai esse mistério no colo... Eu conhecia bem os caras, eram uns beberrões e encrenqueiros, mas não eram más pessoas – deu um gole no uísque – estou realmente muito intrigado... Eram experientes nesse negócio de caçadas, no entanto, foram devorados por animais selvagens. – Paranhos parou em frente à janela e fixou os olhos na floresta. Renato decifrava tudo isso como uma espécie de insinuação muda, uma fala que não podia ser dita, uma inquietação plausível e estéril ao mesmo tempo, com a qual o delegado tinha de lidar por absoluta falta de provas – Animais selvagens... – prosseguiu o policial, sem tirar os olhos da daquela mata, ali, tão próxima à casa – veja você. Três homens armados. Isso sim, é um grande mistério... Acho que os bichos só não comeram as roupas e os relógios – disse, virando-se finalmente para o escritor – bem, gostaria de saber se você viu ou escutou algo de anormal para os lados da floresta nesta madrugada.

- Sou um suspeito, não sou? – disse Renato com um sorriso perigosamente zombeteiro.

- Suspeito? – Paranhos finalmente desamarrou o semblante – Suspeito de quê? De devorar os caçadores? Duvido que sua fome chegue a tanto. Na verdade não há nenhum crime e é isso que me deixa 'encafifado'! Ademais, duvido que você possa chegar ao lago saindo daqui sem ser devorado pelos bichos noturnos. Não, não creio que possa. Ao mesmo tempo, fico pensando que antes de você vir para cá nada disso acontecia. Aqueles pobres coitados tinham família, é foda, compadre, é foda! Com o que sobrou dos corpos não dá nem para procurar um furo de faca ou de um projétil, o máximo que se poderá fazer é procurar algum chumbo na carniça.

- Mas, me permita, delegado, acho que luzes artificiais, suponho que eles deveriam ter lanternas, não são bem-vindas na floresta. Aquele é um lugar que deve ser preservado aos seres que enxergam no escuro e a mais ninguém! Luzes artificiais não combinam com a noite na mata, quem precisa delas para ver no escuro não pertence à escuridão, é um intruso, portanto não me espanta o acontecido.

- humm... Essa é mais uma de suas filosofias? – Paranhos deu um último gole e colocou o copo sobre a mesa – ou você é mais um desses ambientalistas? Sim, porque se for pode ter certeza de que ninguém mais porá os pés na mata para caçar. Este povo é cagado com qualquer coisa, duvido que haverá algum machão que arriscará seu pescoço depois do ocorrido. Bem, me parece que você não viu ou escutou nada, certo?

- Caramba! Moro muito longe do lago para perceber alguma coisa, é como o senhor disse: seria devorado pelos animais selvagens se me atrevesse a alguma incursão noturna por esse mato todo. Mais uma dose?

- Não, para mim está bom. – Paranhos começou a olhar novamente para vários lugares na sala, como se ainda não se desse por convencido de que o escritor não tinha nada a ver com o monstruoso acidente na floresta – Vou indo, qualquer coisa, por favor, me avise. – ambos saíram da casa e Renato ficou na varanda observando o policial entrar no carro e acomodar-se; no entanto não partiu, em vez disso pegou o livro A Escolha que estava sobre o banco do carona. Abriu em uma página marcada e leu: *...estava maravilhado com este novo hábito. Sair pela floresta à noite tornara-se um vício para o escritor, já não podia viver sem isto. Era uma visita fantástica realizada sob uma escuridão apenas permeada carinhosamente pela luz serena da Lua. Quando o dia finalmente partia para iluminar o outro lado do mundo, era quando podia conviver com seus irmãos animais selvagens no interior negro da mata, momento lúdico e de ruidosa alegria*

instintiva, também ele, era um animal noturno e perigoso da floresta... – Paranhos fechou o livro e botou seu rosto redondo para fora da janela: - Parece que seu personagem gosta de freqüentar a mata quando a noite cai, será que ele não tem alguma coisa a ver com o acontecido? – disse com um sorriso forçado.
- Acho que o senhor teria de encontrá-lo na floresta e perguntar diretamente a ele. – brincou Renato. Paranhos fechou novamente o semblante e arrancou. O homem na varanda sorriu.

A morte dos três caçadores causou grande alvoroço na pequena cidade, ao mesmo tempo em que anunciava um grande mistério. Ninguém encontrava alguma explicação para o estranho ocorrido, afinal, eram homens acostumados às caçadas noturnas, hábeis matadores de animais e além do mais, fortemente armados. Com o pouco que sobrou dos corpos não havia outro remédio que não o de enterrá-los imediatamente. A cidade consternada lotou o pequeno cemitério naquela tarde para o velório coletivo com caixões fechados e bocas abertas. Um imenso burburinho se alastrou do campo santo para toda a região e era de se esperar que as versões mais absurdas brotassem, sendo a mais corrente a de que os homens teriam sido atacados por um lobisomem. Obviamente Renato Daemon era o principal suspeito. Agora muitos encontravam as explicações que há muito procuravam; ora, como aquele homem vai morar só, na colina, além do mais cercado de fantasmas? Todos sabiam, também, que à noite o estranho não acendia as luzes da casa, tudo se encaixava; porém, não faltou quem alertasse de que não era noite de lua cheia, mas, quem sabe este não era um lobisomem diferente? Um lobisomem da minguante? Quando se quer encontrar um culpado não se poupa esforço nem criatividade e em Rio Cercado não era diferente, principalmente quando os dedos indicadores tendem a apontar para o mesmo lugar: a colina. Paranhos via naquele alarido intenso um grande problema: como desmotivar a crescente e nova crendice popular. O delegado não acreditava que o escritor pudesse estar por trás daquelas mortes; não, ele não sobreviveria entre os animais noturnos da floresta, tinha esta convicção, mesmo a despeito de coçar insistentemente a imensa pulga que fora parar atrás de sua orelha após ler o livro. Era só a imaginação do autor e quem sabe mesmo um profundo desejo de freqüentar a escuridão daquela mata; coisa de maluco, porém, não conseguia imaginar o Renato de carne e osso nos recônditos sombrios daquela imensidão negra e selvagem, vagando impune. O grande enigma para o delegado ficava por conta de como aqueles homens experientes e armados se deixaram devorar pelos bichos do mato. Revirara a floresta naquela manhã com seus homens lá para os lados do lago e não encontrara nada, absolutamente nada, a floresta seguia serena como sempre, com seus ruídos e sons canoros. Mesmo alguns ossos para montar o sinistro quebra-cabeça não foram encontrados, por certo os bichos carregaram para as entranhas mais fechadas da selva para roê-los em paz e em júbilo. Aquelas três mortes deram uma sacudida na cabeça de Paranhos, como que anunciando que nem tudo era tão simples quanto parecia e uma estranha sensação tomou conta dos nervos do delegado, uma sensação de que algo pior estava por acontecer em Rio Cercado e este 'algo' teria ligação direta com a colina. O policial sentia uma clara sensação de desconforto, sabia que enquanto o estranho novo habitante da cidade continuasse naquela casa, um sentimento geral de indignação e ódio iria aumentar pouco a pouco até atingir níveis perigosamente insuportáveis. Agora, parado à porta da

capela apinhada, Paranhos observava com crescente indignação o padre Ambrósio à frente dos caixões fazendo um desserviço ao seu trabalho contemporizador, dizia o padre em suas exéquias: - Há algum tempo o Mal estendeu suas asas negras sobre nossa cidade, não é de estranhar então que coisas tais aconteçam. Espero sinceramente que nosso rebanho não sucumba às anomalias que por ventura por aqui aportem; somos muitos, estamos juntos, nada poderá nos acontecer! Oremos irmãos... – Paranhos retirou-se discretamente com o semblante indignado e remoendo baixinho: - Isso não pode dar certo, não, não pode...

- Ele vai me matar! Ele vai me matar! – gritava Dona Santa em um ataque histérico. Dentro de sua lanchonete, varias pessoas acudiam a mulher que se contorcia numa espécie de fúria epilética. – Ela está *endemonhada!* – alguém gritou. O incidente era o reflexo direto pós-enterro dos caçadores. Uma imensa turma havia saído do cemitério, capitaneada pela comerciante que convocara todos à lanchonete para uma grande reza, visando a proteção dos habitantes ante a imensa maldição que se abatera sobre a cidade. Porém, bastou por os pés em sua bodega para entrar em surto. – Ele vai me matar! – não parava de gritar a velha; alguém então pediu em altos brados: - Busquem o padre Ambrósio! Dona Santa está possuída! – ato contínuo, muitos fizeram o sinal da cruz e retiraram dos pescoços seus crucifixos e santinhos jogando em seguida na mulher, que a esta altura encontrava-se deitada no chão contorcendo-se. Ao perceber a chuva de objetos religiosos a velha começou a gritar histérica, mas religiosa que era, deveria abandonar a encenação patética sob pena de ir contra suas próprias crenças, no entanto, movida pela especial atenção a ela dedicada, preferiu prosseguir. Levantou-se adotando uma expressão na fisionomia que assustou a todos; a cara vermelha do velho porquinho assumia feições tão grotescas que dois dos presentes tiveram de sair correndo acometidos de ataques de riso. A encenação era de uma ‘canastrice' constrangedora, mas cegos pelo respeito até então dedicado à velha comerciante, a maioria dos presentes estava entre o medo e o espanto, eram, enfim, obrigados a acreditar em tudo aquilo sob pena de verter ao léu as próprias convicções religiosas. A velha arregalou os olhos e com o dedo em riste, vociferou: - Eu sou o diabo! Agora eu moro na colina! Ha,ha,ha... Vim para esta cidade para matar vocês! Separar vocês! Vim trazer a morte! Ha,ha,ha...

- Sai desse corpo! – alguém gritou com voz medrosa.

- Não saio, não saio, não saio! – disse Dona Santa com veemência, batendo com o punho fechado na palma da outra mão repetidas vezes. Uma mulher em um canto explodiu em uma gargalhada, fez um sinal qualquer a todos num gesto de desculpas e com a mão na boca saiu correndo da lanchonete lotada.

- Tem gente que não está me levando a sério! – disse a velha, adotando agora um inesperado ar professoral. Porém, em seguida adotou as feições bizarras de antes e prosseguiu, apontando o dedo para um homem à sua frente: - Vou matar você! – num gesto rápido apontou para outro, agora um senhor de alguma idade - Ou você! – depois para uma senhora – Ou você! Pode ser qualquer um! Já decidi quem vai morrer, não leram no livro? Mas não digo, ha,ha,ha... Sou muito mau! Não vou à missa, diabo não vai à missa! E eu sou o demônio! Ha,ha,ha...

- Padre Ambrósio está chegando! – alguém gritou. A mulher arregalou os olhos e ficou pálida, em seguida, simulou um desmaio. O padre abriu caminho entre a pequena multidão e postou-se

ante a velhota caída ao chão – Pode levantar-se Dona Santa, acabou. – disse o religioso. A mulher abriu os olhos como se despertasse de um sono profundo, havia agora um silêncio de tumba no local, a comerciante levantou-se com a ajuda do padre e olhando-o com espanto perguntou: - O que houve padre Ambrósio?
- O que houve? O que houve é que mais uma vez a senhora não tomou seus remédios...

As estrelas finalmente brilharam sobre o céu escuro da cidade. No quarto de Renato Daemon dois corpos nus beijavam-se, lambiam-se e rolavam em êxtase pela cama, alheios a tudo. Estavam entregues a um tesão embriagado, lascivo, incontido, que aflorava puro, após alguns uísques e um enorme baseado. Em completa escuridão, os dois amantes guiavam-se pelos instintos mais loucos e prazerosos; Ana gemia como uma gata ao sentir a língua do amante em sua boceta desabrochada no desfrute etéreo e despreocupado daquela intimidade. Sentia a língua quente em seu clitóris, Renato agora fechava as pernas da mulher deixando sua cabeça no meio, ficando entregue às delícias daquela xoxota molhada. Quando percebeu que o gozo de Ana se aproximava, retirou seu rosto do meio das pernas da mulher e num gesto brusco virou-a de bunda para cima, em seguida puxou-a deixando-a de quatro. Ana pressentiu as intenções de seu homem. Era o momento mais temido pela mulher, que nem teve tempo de pensar, pois em seguida sentiu o cinto do escritor enlaçar seu pescoço. Através da fivela fechava-se o pequeno laço que lhe sufocava, logo sentiu o pau pulsante de Renato invadir afoito sua boceta escancarada. Era agora cavalgada perigosamente e sentia a pequena forca de couro lhe tirando vagarosamente o fôlego. Ali, entregue à paixão e ao perigo, resolveu finalmente soltar as amarras se seu tesão, e embalada quem sabe pela paixão, pela droga e pela total escuridão, mergulhou de cabeça para a morte; uma doce morte, agora já não havia escolha. Não tinha como sair daquela sombra sinistra, quem sabe então, dar-lhe todo seu tesão não seria a única saída?... Sentiu espantada que quanto mais era sufocada, mais se excitava. Por um breve momento, ficou amiga íntima da morte, agora flertavam num sinistro *ménage a trois*, a morte, ela e Renato. Quando finalmente sentiu que suas forças iriam extinguir-se totalmente, escutou o gozo louco do amante, que lhe fincava o pau em gestos fortes enquanto a cinta lhe esganava o delicado pescoço. De súbito um gozo incontrolável brotou de suas entranhas, mas só pôde abrir sua boca, não havia como emitir nenhum som e entregou-se à doce morte do gozo, parecia que ia explodir e expelir sua vida pela boceta, pulverizando totalmente o amante e cúmplice, matando-o também e espalhando suas cinzas no infinito. Deixou-se levar, prisioneira entre o pavor e o gozo. – Então a morte é isto? – exclamou baixinho, enquanto despertava e dava-se conta de estar em uma imensa e escura floresta.
- Sim, também é isto.
Sentiu a voz de Renato quase colada à sua. Percebeu em seguida que era carregada no colo pelo homem. Ambos estavam nus e o escritor carregava-a por entre imensas e frondosas árvores que dificilmente podiam ser divisadas pela moça. – Você não conhece esta mata, não é? – prosseguiu o homem – Quer dizer... Não conhece a noite desta mata, pois durante o dia você já subiu por ela até mim. Minha querida, minha cúmplice... Pois agora lhe ofereço a escuridão desta floresta. Aqui é onde sou feliz! Não há outro lugar. Quero dividir com você esta alegria, esta alegria vital,

selvagem, noturna. Ana deu-se conta de ruídos estranhos, eram bichos da noite, que acompanhavam a serena caminhada do homem com a mulher nos braços, incrivelmente a moça não sentia medo. No colo de seu amado, segura, Ana sorriu de alegria e espanto ante os rugidos, gritos de corujas, grunhidos estranhos e outros temerosos sons que acompanhavam o casal. Então Renato Daemon parou e pediu para que Ana ficasse em pé e sentisse a frescura daquele solo. A moça pisava e tocava em tudo, deslumbrada, como se pela primeira vez sentisse a textura de plantas e cascos de árvores. Sentia a umidade serena do orvalho enquanto era observada por inúmeros olhos do mato, tudo numa cumplicidade muda e incrivelmente escura. Talvez aqueles olhos curiosos observassem para certificar-se de que a moça era merecedora daquele paraíso negro. A mulher então, subitamente ficou séria e postou-se à frente de Renato, que tinha um pequeno foco de luz incidindo sobre seus olhos, luz que vazava das estrelas por entre aquele emaranhado infinito de folhas das árvores.
- Foi você, não foi?
- Fui eu, sim, Ana. Não havia outra coisa a fazer. Você consegue conceber homens armados aqui? Para estraçalhar a vida na mata? Com suas luzes tolas, num paraíso de escuridão? Meu paraíso? Ora, Ana... – a mulher botou seu dedo na boca do amante para que parasse, não havia por que continuar, ela compreendia. Então se beijaram e deitaram-se naquele solo tépido dando início a carinhos mais íntimos, mas antes da coisa esquentar, a mulher passou sua mão nos cabelos do escritor e disse: - Vamos embora desta cidade, Renato, isto que você começou não vai terminar bem...
- Calma, meu amor, não pense que me agrada saber que você recebe o mijo do Paranhos em seus peitos. Mais um pouco, querida, só mais um pouco...

- Agora a conversa é séria – disse Paranhos com a cara fechada – você não pode mais ficar em Rio Cercado. Se for esta sua intenção, conseguiu. A cidade é uma panela de pressão, pode explodir a qualquer momento. Já não posso garantir sua segurança, se é que me entende. – a visita do delegado cedo da manhã surpreendeu o escritor, mas era de calcular o impacto daquelas mortes na pacata cidadezinha. Porém, sair agora não estava nos planos de Renato, precisava esticar sua estadia.
- Não me diga delegado, que o povo acredita que matei aqueles homens, mais que isto, os devorei. Que espécie de monstro seria eu? Posso imaginar realmente o peso desses acontecimentos na crendice da população, mas não me entra na cabeça o fato de não podermos contornar isso. – ambos estavam sentados na varanda do casebre e Paranhos tinha os olhos fixos na cidade lá embaixo.
- Não é tão fácil assim. Coisas estranhas estão acontecendo, ontem você falou através da boca de Dona Santa, a velhota lá da lanchonete. Porra, imagine só! – olhou finalmente para Renato - A que ponto chegamos! Não fosse o padre Ambrósio desmistificar a encenação da velha e ontem mesmo a turba subiria a Alameda do Arvoredo para incendiar sua casa, com você dentro é claro. – esta informação fez brotar uma gargalhada no anfitrião e o policial prosseguiu – É bem verdade que o próprio padre levanta suspeitas sobre a maldição que vem da colina, e depois tem de arcar com as conseqüências do que diz. A credulidade deste povo é uma areia movediça que

engole qualquer coisa, temos de cuidar o que jogamos nessa areia. Veja, você era considerado um diabo, agora, depois do que aconteceu, deverá ser guindado a lobisomem! Ou coisa pior, sei lá! Você é o monstro! Você é a concentração de tudo de ruim aos olhos de Rio Cercado. Veja: não é o que penso, porém temos de levar em conta esse ódio gratuito. Também! Quem mandou vir morar com fantasmas? Se você não tem medo das coisas que eles têm, então você é diferente e em uma cidade como esta não se tolera diferentes, muito menos, mancomunados com fantasmas. Saiba, não acredito em fantasmas, creio mesmo que você é um grande injustiçado nesta história, mas a cidade é assim, fazer o quê?

- Eu sei muito bem como é a cidade, delegado. O que me espanta é sua lucidez, me parece que você conseguiu manter uma boa visão entre os caolhos. Isso não é muito normal.

- Ora, afinal sou a Lei, não sou? – divertiu-se Paranhos.

- Por isso mesmo, a Lei me é algo meio nebuloso. Não consigo entender direito uma entidade que só olhe para um lado, o lado das 'Rio Cercados' da vida, como se estas fossem as vestais da existência. Nunca fiz nada para esta cidade, no entanto, me odeiam porque não sou igual a eles, não tenho medo das coisas que eles têm. Não tenho apego às coisas que eles têm. Não me ajoelho perante as coisas as quais eles se ajoelham. É, delegado, melhor mesmo ter minhas próprias leis. Você acaso já pensou se houvesse uma lei que obrigasse todos a serem iguais a todos? Puta merda, que penúria! Portanto, viva a diferença! São pessoas de Bem, mas o *Bem* é meu Mal!

- Porra, você é um filósofo mesmo, hein? – brinco o policial – Mas aceito o elogio, bem, procuro ser justo, só isso. Mas sou foda, compadre, sempre deixei claro que se você fizesse algo com algum habitante desta porra de cidade iria se ver comigo, sou duro no cumprimento da Lei. É por isso, meu amigo escritor, que peço a você que parta o quanto antes; até aqui deu para controlar, a partir de agora já não sei...

- Delegado... – Renato agora ficara extremamente sério – Preciso concluir minha obra. Você me diz que é zeloso com seu trabalho, pois permita que eu seja zeloso com o meu. Lancei dois livros que se esgotaram em questão de horas, o segundo, a despeito da proibição desse ente repugnante que atende pelo nome de Rugosa. Pois saiba, delegado, assim como você é coerente no que faz, também eu o sou, esse senhor, Rugosa, me veio aliciar com seu dinheiro para pegar carona em meu sucesso. Não levou. Então, colocou as pedras que encontrou em meu caminho, mas foi tarde demais, pois eu já havia atingido a medula da cidade; pois é, meu caro homem da Lei, agora não tem mais volta, todos querem saber quem será o morto. E isso depende do último livro da trilogia.

- Uma trilogia macabra, não? – o delegado também fechara o semblante – A prosseguir o seu 'trabalho' devo imaginar que haverá um morto. Ora, deixe como está, você já faturou uma bela grana! A partir de agora sinto cheiro de tragédia; não, não, não, isso não pode terminar bem!

- Não é pelo dinheiro. È pela Arte! Minha arte! Rio Cercado faz parte de um todo, de uma grande obra! Essa obra precisa ser finalizada, delegado Paranhos, seria como um coito interrompido, deixá-la para trás. Nunca me perdoaria, até porque já fui longe demais com isto. Mas acho que podemos fazer uma troca justa, veja: você quer a garantia de que não matarei ninguém em Rio Cercado, e eu quero a garantia de poder lançar o último livro da trilogia. Portanto, eu tenho um plano, escute-me com atenção...

Meia hora depois de Paranhos partir, um automóvel estacionou em frente ao casebre. Renato levantou-se de sua mesa interrompendo sua escrita à contra-gosto, era um carro desconhecido e o homem que dele saltava também. O escritor empunhou sua arma e observou o estranho através da janela. O homem parecia bastante nervoso, parou em frente ao pequeno portão escancarado e chamou: - Escritor! Escritor! – em seguida puxou um lenço branco de um bolso detrás de suas calças e acenou com ele num gesto patético e constrangedor. Poderia ser um embuste e Renato, desconfiado, gritou de dentro da casa: - O que você quer? – o homem então, remexeu em um bolso e tirou alguns documentos, acenando em seguida com estes – Tenho meus documentos – gritou patético – posso provar! Sim, posso provar que sou um habitante honesto de Rio Cercado! Tenho um comércio, você pode comprovar! Quero conversar com o senhor! Por favor, me receba! – Renato então apareceu na porta com a arma apontada para o estranho, pensou naquele carro estacionado, pensou que poderiam saltar homens armados daquele carro e então mandou o intruso levantar os braços, no que foi atendido prontamente. Encaminhou-se lentamente em direção ao visitante, descendo com calma as escadas da varanda; mantinha os olhos cravados nos do outro e conseguia ler uma espécie de súplica naquele semblante ignóbil. Botou a arma bem próxima ao rosto amedrontado, depois olhou com atenção para dentro do automóvel – Abra o porta-malas – ordenou. O homem apressado obedeceu, sempre com a arma em sua cabeça e transpirando muito – Abra esse porta-malas com muita calma, irmão! – recomendou o escritor. Estando tudo limpo, Renato então revistou o estranho, e finalmente relaxou. – Meu nome é Jacinto, senhor escritor. Jacinto.

- Muito bem, senhor Jacinto. Não leve a mal minhas precauções, são estas que me mantêm vivo na colina. Vamos subir e sentar ali na varanda. – os dois subiram e sentaram, porém Renato manteve a arma em seu colo.

- Senhor Renato Daemon! Que felicidade conhecê-lo! Sou seu fã, li todos os seus livros. O senhor não tem idéia de quanto gosto de seu trabalho, pois tenho um pequeno comércio de armas e lhe digo: desde que o senhor lançou sua grande obra, digo mais, desde que o senhor agraciou a cidade com sua arte imortal, meu negócio disparou! – Jacinto transpirava e arfava numa demonstração clara de um medo latente – Foi Deus que lhe trouxe a Rio Cercado! – esta frase arrancou uma risada de Renato – Veja – prosseguiu o comerciante de armas – graças aos seus livros, vendi trinta e seis revólveres calibre trinta e oito! Esta cidade nunca comprou revólver! Só caçadores compram espingardas, mas veja, quanto dura uma espingarda? Então tenho que me conformar em vender munições. Mas agora não! Foi todo o meu estoque!

- Ótimo, fico feliz. E o senhor veio aqui me agradecer, ora, que gentileza!

- Bem... Não só agradecer... Vim... Na verdade lhe propor um bom negócio.

- Caramba! Como não pensei nisso antes! – exclamou Renato em tom de deboche – É claro que o senhor me proporia um grande negócio! Afinal, percebo que para propor negócios os habitantes da cidade perdem o medo do monstro da colina, não é mesmo, senhor Jacinto? – o homem enrubesceu, mas não desistiu.

- Não me leve a mal, por favor, apenas escute minha proposta...

- Estou ansioso... – o escritor inclinou-se em direção ao visitante para melhor escutá-lo.

- Bem, veja... o senhor prometeu uma trilogia, sei que 'trilogia' são três livros, então quando o

senhor lançar o terceiro, bum! acabou. Jacinto vai ficar triste, Jacinto vai ficar triste – o homem imitou uma cara de choro e Renato só não explodiu numa gargalhada por conta de seu crescente espanto com a situação. Jacinto era um sujeito bem insignificante, magro, com o cabelo preto e ralo que balançava ao sabor do vento na cabeça de rosto envelhecido de olhos pretos e esbugalhados, os olhos de Jacinto pareciam querer pular no colo do escritor e o fariam se com isto garantisse o negócio proposto. – Jacinto vai ficar tristinho! – insistiu. A cena era tão patética que Renato levou a mão à arma e olhou para a floresta e para outros locais que poderiam acobertar alguns algozes. Sim, só faltava aquele verme fazer parte de algum plano para surpreender o autor, *' Jacinto vai ficar tristinho!'* ora, onde já se viu! Vá se foder! Tinha que terminar logo com aquela comédia de mau gosto, mas foi surpreendido pela voz rachada de Jacinto: - Dou-lhe dez por cento do valor das armas vendidas se o senhor escrever mais dois livros nesse apaixonante estilo. O que acha?

- Jacinto vai ficar tristinho! Pois não estou interessado.

- Olhe, pense bem eu...

- Seu tempo acabou senhor Jacinto. – disse Renato absolutamente sério – Não me interessa fazer nenhum tipo de negócio, nem com o senhor nem com ninguém! Vou escrever o último livro e partir. Isso é tudo. Agora, o senhor não repare, mas preciso continuar meu trabalho.

- Claro, claro! Perdoe-me a intromissão. Mas tinha de tentar, sou um comerciante, o senhor entende... – Jacinto inclinou-se diante do anfitrião num gesto respeitoso e em seguida encaminhou-se ao seu carro, tudo isso monitorado por um atento Renato. A visita daquele sujeito pesou no astral do escritor; agora ali, ao vê-lo partir em seu automóvel sentia um grande alívio. Agora só, pensou de como existem pessoas com o 'dom' de sugar energias, vampiros psíquicos que vagam pelo mundo para puxar para si qualquer coisa, nem que seja o ar que a outra pessoa respira. Aquele tal Jacinto tinha isso, em uma breve visita, tirou até a vontade de escrever do autor. Ora, que tipo de pessoa pode propor uma excrescência dessas? O comerciante vendeu trinta e seis revólveres, concluindo de que o alvo era o escritor, assim mesmo veio propor ao alvo que lhe ajudasse a vender os dardos! - Tudo pelos negócios, hein?- Renato ficou parado na varanda com os olhos perdidos em Rio Cercado e por fim sorriu. – Você é patética!

’13 de agosto, a madrugada fatal!’

CAPÍTULO 04 Livro três - A EXECUÇÃO

Algum tempo se passou em Rio Cercado e foram estes os mais conturbados. Tão logo souberam da partida repentina do escritor, a população revoltada subiu a colina e incendiou a casa. Pisotearam ruidosamente a horta de Renato, porém o defunto decepado não estava lá. Renato havia se precavido, antevendo a selvageria que a notícia de sua partida provocaria. Antes então,

removeu o cadáver, entregando-o aos seus amigos da floresta. Da casa não sobrou nada além de escombros e cinzas, a turba enlouquecida com paus, pedras e fogo, deu vazão a seus instintos mais primitivos; tudo aos gritos alucinados *'morra monstro!'*, *'morra lobisomem!'*, *'morra ateu!'*. Naquela noite histórica, a gigantesca fogueira no alto da colina podia ser vista em toda a cidade que, embevecida através dos olhos lacrimosos da emoção de seus habitantes, purgava a desatenção de aceitar em seu seio, um verdadeiro monstro. Não, isso nunca mais aconteceria. A cidade agora purificada pela experiência nefasta, seguiria serena através de sua sina, ou seja: seguiria na mansidão serena da rotina, aliás, de onde nunca deveria ter saído. A comunidade, com aquele incêndio de fogo purificador, ressurgia limpa e beata, longe de desvios e devaneios sinistros capazes de desvirtuar a atenção de seu pacato e ordeiro povo; era de um perigo avassalador o que emanava de um homem solitário e destemido. Que esta lição ficasse para sempre nos anais da comunidade – A força está em sermos muitos – afinal, repetia sempre padre Ambrósio. E foi a força *'dos muitos'* que arrasou a casa. Aquela noite ficou sendo chamada de *' A Noite do Expurgo'*, e ficou convencionado também, que por muitas gerações seria passada aquela história. A história gloriosa de uma cidade do Bem, que há seu tempo, expulsou o algoz, o inimigo número um, o demônio. Sim, e fez isso antes que ele lançasse o livro fatal, o último de sua satânica trilogia! Alguém saiu vivo de tudo isso, e poderia ser qualquer um, portanto, a partir do afastamento do macabro escritor, todos poderiam se autodenominar sobreviventes. Exorcizado o diabo, todos voltaram aos seus afazeres mornos, porém, agora com uma história, *a história de como quase morremos*! Muitos absurdos também afloraram, como era de se esperar. Alguns afirmavam de que o próprio autor lhes havia revelado serem eles as vítimas. Outros juravam que o demônio lhes surgia em sonhos avisando de que a hora fatal aproximava-se. Padre Ambrósio vangloriava-se de que teve de pedir muito a Deus para que o diabo se afastasse de Rio Cercado e que, enfim, fora atendido. Os mais desabusados vangloriavam-se de terem criado verdadeiras geringonças em suas casas com o fito de detonar o monstro, tão logo pusesse os pés no interior destas. Uma coisa era quase unânime, cada um afirmava ser a vítima. Outros por sua vez, acalentavam um traço de decepção, Jacinto era um, Higino era outro. Rugosa não perdeu tempo e estampou em seu jornal: *'Monstro aceita proposta de Rugosa, após corajosa visita deste, e abandona Rio Cercado'*. Dorival, neste ínterim, retornou aliviado à cidade, e em algum lugar Ana vertia, através dos olhos inchados, o sangue cristalino do coração despedaçado.

Mais uma manhã ensolarada na pequena cidade. Na praça principal, Paranhos olhava insistentemente para seu relógio de pulso, impaciente. Botou um chiclete na boca e começou a mascar freneticamente. Os transeuntes o cumprimentavam com desenvoltura, no que eram correspondidos através de um sorriso automático que raramente era acompanhado pelos pequenos olhos do delegado que se mantinham teimosamente na avenida principal. Lá pelas tantas, um imenso caminhão despontou sonolento. Era gigantesco, e quando se aproximou da praça, Paranhos pôde ler em seu imenso baú: 'A Execução', e logo abaixo, Renato Daemon. Curiosamente, vários carros o seguiam vagarosamente e em escancarado 'businaço'; também vinham pessoas a pé, algumas correndo e outros de bicicleta. Tão logo o caminhão parou na

praça, uma pequena multidão começou a formar-se ao redor. Pessoas com notas de dinheiro nas mãos pediam aos brados ao homem que acabara de descer da cabina: - Me dê um! Me dê um! Um 'povo' agora acorria ruidoso ao local e Paranhos mastigava seu chiclete atento a tudo, numa observação minuciosa e paciente. Higino se aproximou do policial com ar indignado: - Mas, o que é isso, Paranhos?

- Isso? Ora, é o último livro da famigerada trilogia de Renato Daemon, você não está vendo?

- Não se faça de sonso, Paranhos... Não sou cego! Porra, Paranhos! Pensei que estávamos livres desse maluco! Por que você não proíbe esse absurdo?

- Absurdo? He,he... Olhe você mesmo, parecem piranhas em um boi!

- O sujeito foi embora, acabou! Não precisamos mais disso...

- Cale a boca, Higino! – interrompeu o delegado com veemência – Você deveria estar me agradecendo pelo fato de o escritor ter saído da cidade! Pois se não sabia, agora está sabendo! Fiz um trato com ele, foi por isso que partiu.

- Você o quê? – Higino arregalou os olhos.

- Fiz um acordo – o policial virou-se totalmente para o agente funerário e o encarou nos olhos – ou você acha o quê? Que ele simplesmente abriu mão de seus planos e partiu? Assim, de uma hora para a outra? Não seja ingênuo, Higino, foi a melhor maneira que encontrei para evitar o pior. Em compensação, ele lançaria tranqüilamente se último livro em Rio Cercado. E é o que está acontecendo.

- Você é mais louco do que eu pensava! – exclamou Higino, em um tom e altura de voz que sugeriam a intenção de que, se ouvida por outros, estes viessem a se juntar à indignação do papa-defuntos – O que lhe faz crer que esse maníaco não volte para cumprir seu plano assassino? Como você pôde confiar naquele homem? Sim, você é um louco! Você será o responsável direto pela morte que com certeza vai acontecer! – Paranhos cuspiu o chiclete, sem tirar os olhos de seu interlocutor e em seguida voltou-se calmamente para a multidão que se acotovelava em torno do caminhão, Higino continuou: - Veja, Paranhos – disse, agora com a voz mais calma – aqui pelo menos você poderia monitorá-lo, mas agora, agora – Higino passou a mão pelo seu cabelo amarelo, começara também a transpirar, fazendo reluzir o imenso rosto vermelho – não há mais garantias.

- Há, sim. A minha palavra.

- Ora, a sua palavra! Como você pode dizer uma asneira desta! Você confia realmente nesse sujeito? Mesmo a ponto de submeter os habitantes desta cidade às vaidades assassinas desse monstro? Esta cidade, que você conhece tão bem, tão boa, pacata, ordeira...

- Ordeira é o caralho! – interrompeu Paranhos irritado – Covardes de merda! Isto é o que são! Covardes de merda! Bastou chegar aos ouvidinhos ordeiros de Rio Cercado a notícia de que o *'terrível monstro'* partira, para que subissem a colina e depredassem com tudo! Numa irresponsabilidade à toda prova, não bastassem os atos de pura selvageria, ainda poderiam ter incendiado toda a floresta, esses ordeiros! Então, não me venha com sermão, Higino, porque lhe garanto, realmente quem está de saco cheio sou eu! – o delegado virou as costas e saiu – Higino ficou parado esbravejando algumas coisas consigo mesmo.

Na delegacia, Paranhos não tirava os olhos do livro A Execução. Sentado tranqüilamente em sua mesa, mantinha o olhar fixo nestas poucas palavras: *...e o autor fixara uma data para a execução de seu plano, 13 de agosto, a madrugada de 13 de agosto, sim, essa era a madrugada fatal...* Um subordinado entrou então em sua sala, afoito: - Delegado Paranhos, tem uma multidão aí na porta da delegacia, dizem que o senhor sabia que o monstro lançaria o último livro e assim mesmo deixou o cara ir embora! O senhor precisa acalmá-los! – o delegado fechou calmamente o livro, retirou os óculos e fez um sinal para o ajudante, em seguida levantou-se e em passos calmos encaminhou-se à porta do recinto; pelo caminho conseguia divisar bem os olhares curiosos dos demais policiais, agora, ele mesmo sentia-se uma espécie de monstro. Chegou à porta da delegacia, e encarou a pequena multidão.

- E agora, o que querem? – falou enérgico.

- Explicações! – esbravejou Higino – Você nos enganou!

- Nunca enganei ninguém, seu filho da puta! – disse o policial com o dedo em riste. Aquilo era algo inusitado. Pela primeira vez naquela calma cidade, policiais mantinham as mãos em suas armas frente aos seus habitantes, três agentes estavam logo atrás do delegado e olhavam para os revoltosos com cara de poucos amigos. O delegado continuou: - Vocês é que enganam a vocês mesmos! Se deixassem esse homem em paz nada disto acontecia, mas ele não acredita em fantasmas, não vai à igreja e o caralho! Então ele é um monstro! Ora vão se foder! Estou cheio de tudo isso! Vocês acham que é mole, visitar o cara periodicamente para conhecê-lo e investigar as suas reais intenções, convencê-lo a deixar a cidade em paz e ver na capa do jornal que foi o filho da puta do Rugosa quem fez isto? Vocês acreditaram mesmo? Afinal, o que são vocês?

- Somos a população e é sua obrigação nos proteger! – alguém gritou.

- E o que vocês acham que eu fiz até agora? Porra, caralho! Vocês são cegos?

- Ele vai matar na madrugada! – alguém gritou – treze de agosto, o que você vai fazer?

- Ele não vai matar ninguém, fiquem tranqüilos...

- Sim! – interrompeu Higino – fiquem tranqüilos, o monstro prometeu ao delegado de que não nos fará mal, e o delegado acreditou, pois acredita mais no monstro do que em nós! Quem poderá dormir na madrugada do dia treze; minha gente, é daqui a três dias! Quem de nós será o cadáver do dia treze! Sim, porque o bandido está em algum lugar incerto e não sabido, agirá à vontade, tudo graças ao nosso benevolente delegado, tão cioso quando o assunto é nossa segurança. – Paranhos caminhou lentamente entre a turba e postou-se à frente de Higino, que encarava o policial com um medo crescente nos olhos – Olhe para mim, seu merda! – disse entre dentes – Se você fosse um homem, não estaria agarrado nas barras de minhas calças pedindo proteção. Por que não subiu a colina? Por que não disse o que pensa na cara dele? – neste momento Higino não pode deixar de lembrar a contratação do matador.

- Sou um homem de Deus – respondeu o agente funerário – não fica bem ter com o demônio, não concorda? É para isso que lhe pagamos.

- Sim, me pagam para encarar o diabo, afinal, sou um policial. Então, tenham um pingo de respeito por quem faz o que vocês não fazem! Sim, fiz o que julguei o mais adequado para a proteção da cidade, alguém tinha que fazer alguma coisa não é verdade? Vocês não fazem porra nenhuma, mas são rápidos para criticar os que fazem. Ora, vão para suas casas, não vai acontecer nada! Acreditem em mim, é só um livro! Nada mais. Dou minha palavra a vocês! –

houve um burburinho, mas aos poucos começaram a dispersar, o delegado encarou Higino com desprezo e em seguida retornou para o interior da delegacia. Sabia que a partir de agora estava com um grande e satânico pepino nas mãos. E ainda faltavam três dias.

- Ele não disse para onde ia?
- Não. – Paranhos seguia tranqüilamente vestindo suas calças no acanhado quarto do Cabaré da Rosa – Por que esse interesse todo, Ana?
- Bom, ele... sempre foi um bom cliente. Sempre foi generoso, sei lá... vou sentir falta... – aquelas palavras saíam doídas pela boca da mulher. Ana disfarçava a paixão pelo escritor a muito custo, tentava descobrir algo, fingindo que não estava quebrada por dentro. – Comprei o último livro, não lhe preocupa sua possível volta à cidade na madrugada do dia treze?
- Não. – respondeu lacônico, enquanto vestia sua camisa.
- Você acredita realmente de que se trata apenas de um livro? Nada mais?
- Ana, - finalmente Paranhos encarou a mulher – eu vi com que rapidez este último livro foi devorado pelos habitantes desta porra de cidade. Era um caminhão cheio e foi tudo! Caralho, foi tudo! Eu vi! Raciocine, mulher! O homem vai virar um escritor comentado em todo o país, duvido que não venda milhões dessa famigerada trilogia depois de tudo que causou em Rio Cercado. Se matar alguém realmente, poria tudo a perder, sua carreira, sua vida... Não, realmente ele é um cara inteligente, não cometeria uma loucura desta; ademais, duvido que seja um assassino. – Ana soltou um risinho involuntário.
- Que foi Ana? Não me diga que você acredita que ele possa matar alguém? – o policial agora se olhava no espelho penteando o pequeno bigode com uma escovinha de passar rímel em cílios.
- E eu vou saber? – a moça sentia uma estranha sensação de felicidade pelo fato de dividir com Renato segredos impensáveis. *'Minha querida, minha cúmplice...'* lembrou; eram palavras do escritor que não lhe saíam da cabeça. O sumiço repentino de seu amado não deveria ter sido à toa, quem sabe um dia ele voltaria para buscá-la e os dois poderiam finalmente ser felizes em algum lugar bem longe de Rio Cercado. Mas se não voltasse? Este era o pensamento que lhe magoava o coração. Deveria ela então se contentar em acompanhar o sucesso do autor lá mesmo, daquele fim de mundo, relegada talvez a uma vaga lembrança na cabeça de Renato. Uma putinha com a qual dividiu segredos terríveis e a cumplicidade de um assassinato. Talvez contasse às amigas, no futuro, que a Lili dos livros era ela, talvez não acreditassem, mas então paciência... o segredo seguiria eternamente em seu coração, e era o que lha bastava.
- Oh, Lili, oh, Lili! – brincou Paranhos voltando-se para a prostituta.
- Fala, meu caro delegado Simão! – brincou a garota, mas então algo aconteceu. Um choro involuntário brotou na mulher, que botou as mãos no rosto e começou a soluçar. Paranhos sentou-se ao lado da moça na cama, intrigado.
- Você está apaixonada por ele, não é? – mas Ana não respondeu, apenas manteve as mãos cobrindo o rosto, o choro saía compulsivo.
- Ora, ora, não tenha vergonha, querida, o cara até que é interessante. Não, minha flor, não vou lhe fazer perguntas, se é isso que você imaginou; acabaram-se as perguntas, minha investigação acabou, só nos resta esperar a madrugada do dia treze – o delegado então, perdeu o olhar no nada

e prosseguiu – e enquanto isso, suportar este gosto amargo de fim de festa na boca...

A tenção voltara com toda intensidade à pequena comunidade. Dorival partiu apressado novamente. Todos estavam envoltos em grande alvoroço. Porém, agora havia um componente novo, o medo-pânico que acometia os participantes da Noite do Expurgo; cada um tinha consigo que o monstro não perdoaria os que fizeram aquilo com sua morada. Como consolo, a fiar-se no segundo livro: A Escolha, o defunto já estava escolhido, porém, só na cabeça do autor; ora, que garantias tinham de que ele não poderia mudar de idéia? Afinal, coisas graves aconteceram após sua partida, ele deixaria de vingar a destruição de seu antigo lar? Mais que isto, não estaria ele observando àquela destruição, de algum ponto escuro da floresta, sorrateiro e mimetizado na escuridão selvagem daquela mata fechada? As horas passavam pesadas em Rio Cercado. A madrugada do dia treze, era o assunto que mais se tocava em qualquer lugar onde se pisasse; outro assunto era a indignação geral com o delegado Paranhos, afinal, que trato esquisito foi esse? Confiar no inimigo número um da cidade? Onde o policial tinha a cabeça? Logo Paranhos! Um dos homens mais respeitados da comunidade!O delegado experimentava uma rejeição, quase repúdio, a qual nunca imaginara. – Fode-se! – pensava. Estava realmente cansado de Rio Cercado – Cidade ingrata! Cidade de merda! – experimentava momentos de viva indignação. Será mesmo que aquelas pessoas um dia mereceram seu zelo e sua dedicação? Sentia-se um estranho na tacanha comunidade, e pela primeira vez sentiu uma fina linha de identificação com o monstro. Mesmo quando lia seu último livro, sentia que alguns pensamentos de Renato bem podiam ser os seus, agora parecia uma criança que finalmente abre os olhos para a realidade em sua volta. Chegou a rir quando leu esta passagem: *'...a comunidade não podia saber se o escritor era o autor dos crimes na floresta, mas isto não importava, a sentença estava dada, então o monstro vestiu a carapuça e contou com detalhes como cometera os assassinatos ao delegado Simão; este ria aos borbotões e dizia: - Meu caro, sua imaginação é ótima!.'.* Paranhos não engolira o incêndio na colina. Sabia perfeitamente do que o povo era capaz, mas ao se deparar com a fria e dura realidade, sentira um peso no coração. Há sempre uma esperança de que se esteja enganado, mas esta foi engolida pelas chamas daquela casa simples. Naqueles dias, algumas palavras de Renato não lhe saíam da cabeça: - *Preciso terminar minha obra! Minha arte!* – O que seria isto? Por mais que raciocinasse não encontrava nexo; principalmente após o trato. Esgotara seus livros, eles se esgotariam de qualquer maneira, por que então fixar aquela data macabra? - Treze de agosto! Caralho! Pra que isso? – tudo estaria resolvido se o último livro não contivesse este selo fatal. A fixação dessa data incendiou Rio Cercado, tal qual como a turba havia feito com sua velha casa. O escritor bem que poderia botar um ponto final nessa contenda, mas não, resolveu levar até o fim sua 'obra'. Era difícil ao delegado imaginar que coelho sairia dessa cartola, não tinha outro jeito, que chegasse a madrugada do dia treze.

Quando a noite do dia doze de agosto caiu serena, encontrou uma cidade quase deserta. E quanto mais se aproximava a meia-noite, mais as precauções eram conferidas. Muitos verificavam se

as madeiras pregadas nas janelas estavam bem firmes, conferiam suas trancas, outros lubrificavam suas armas, havia também muita reza por parte das mulheres, ajoelhadas em frente à velas e santos dos mais variados. Dona Carlota, trancafiada em seu pequeno apartamento, tremia, perdida em orações debaixo das cobertas. Dona Santa brigava com seu velho marido, aquela merda de espingarda devia estar há muito enferrujada – Vamos morrer, Olegário! Se depender dessa bosta! – esbravejava a velha – Por que você não o encarna novamente? – respondeu irritado o velho Olegário – Assim poderei matá-lo com uma porretada! – e assim prosseguiam as coisas. Rugosa bebia uísque, nervoso, com seus capangas espalhados em pontos estratégicos sobre o extenso a alto muro de seu castelo de senhor feudal. Dorival, mesmo longe, transpirava e olhava insistentemente para o relógio. Higino apenas esfregava as mãos, sentado em sua poltrona. Jacinto dizia que estava tristinho. Ana, em seu apartamento, pois não houve expediente no cabaré da Rosa, lia um pequeno trecho do livro A Execução: *'... o escritor sentia saudades de Lili, mas este era um sacrifício por um ideal maior: concluir sua arte, sua obra; haveria de ser fantástico! Esperava sinceramente que ela compreendesse seus motivos, pois tudo aconteceria a seu tempo...'*. Na delegacia, tudo seguia tranqüilo, Paranhos bebia uísque sentado à sua mesa com os pés sobre esta. Olhava sorrindo para o relógio de parede e exclamou: - Quase meia noite! Haja papel higiênico, putada de merda! Ha, ha, ha... – alguns policiais aproveitavam a ocasião de alerta para trabalhar em alguns assuntos burocráticos, como se nada estivesse para acontecer. Quando enfim, estava para bater as doze badaladas, Paranhos reuniu os colegas à frente do relógio para uma contagem regressiva, parecia mais uma festa de fim de ano. – Vamos lá! Todos juntos! Cinco, quatro, três, dois, um, bingo! Ha, ha, ha... – todos caíram na risada e beberam um pouco de uísque. O delegado voltou à sua mesa, estava levemente embriagado. Sentou-se e começou a falar com seus botões: - Cidade de merda! Cagalhões! É isso que são, essas bestas! – mas, vencido pelo torpor do álcool reclinou-se na cadeira entregou-se a um cochilo, e do cochilo foi para um sono profundo, porém, logo um subordinado acordou-o afoito – Acorde, delegado, acorde!Aconteceu! Caramba, aconteceu! – Paranhos levantou-se de supetão, a delegacia estava em alvoroço – Não acredito... – falou baixinho. Enquanto seus poucos homens saíam apressados e com o semblante do pavor nos olhos, Paranhos calmamente dirigiu-se à cela da delegacia que ficava em um cômodo dos fundos, parou em frente às grades e encarou Renato Daemon, atirado desleixadamente na cama da cela. O delegado não disse nada, apenas não conseguia tirar seus olhos miúdos dos de Renato, que se levantou com um sorriso de Monalisa nos lábios. Paranhos abriu a porta da cela sem dizer palavra e o escritor saiu, apressado e quieto.

Desceu a Alameda do Arvoredo, como há muito não fazia. Os galos faziam sua cantoria de sempre, estava com saudades daquele cheiro matutino de mato e terra e naquela manhã estava especialmente feliz. O Sol começava a despontar em Rio Cercado, sentia o cansaço natural de quem ficou tanto tempo sem praticar, era bom escutar a batida de seus pés naquele chão irregular e poeirento. Logo chegou à cidade e dobrou a esquina, reduziu então a velocidade de suas passadas, pois ia passar à frente do pequeno comércio de Seu Haroldo, aguçou os ouvidos e abriu um sorriso; Seu Haroldo abanou como sempre com seu ar bonachão, embora um pouco

triste naquela manhã, em seguida escutou no velho rádio: *...a cidade amanheceu consternada e deveras horrorizada! Um cataclismo se abateu sobre Rio Cercado, uma tragédia! Até agora foram contados trinta e seis assassinatos! Nesta madrugada que entrará para os anais da cidade como a mais triste e macabra da história. Grandes veículos de comunicação estão chegando em nossa comunidade, espantados com esta onda repentina de crimes. Vinte e duas pessoas já foram presas...* Renato seguiu tranqüilo sua corrida pela avenida principal ostentando um sorriso de diabo em seus lábios ressequidos. A cidade estava em completa confusão, havia gente correndo por todos os lados, também pessoas acudindo outras, algumas casas comerciais estavam cheias de gente consternada. De repente um carro parou ao seu lado, era o carro funerário, ao volante estava Higino, que tinha um indisfarçável ar de alegria; dirigiu-se então a Renato: - Ora, ora, ora, se não é nosso caro escritor! É bom vê-lo novamente! – o escritor ficou correndo no lugar sem dizer palavra, o homem prosseguiu – Hoje eu fico rico! He,he, - ao perceber de que Renato não achara graça, Higino recuou – Quer dizer... estou muito triste com o que aconteceu nesta madrugada, mas é o meu trabalho não é? dar um enterro digno a essas pessoas... Bem... tenho que ir... é a Dona Carlota, coitada, levou seis tiros! Você a conheceu? Bem... um abraço, até mais. – Renato prosseguiu sua corrida em direção à saída da cidade e a partir daquele dia nunca mais foi visto por aquelas bandas. Ana também.

O tempo passou e o Sol quente das manhãs de Rio Cercado voltou a sorrir despreocupado e rotineiro, mas a cidade nunca mais foi a mesma. Desde aquela fatídica madrugada, mesmo durante as cansativas homilias de padre Ambrósio, na segurança da pequena igreja, olhares eram cruzados com desconfiança, embora disfarçados. A comunidade perdera uma certa inocência, que, todos sabiam, não voltaria nunca mais. Tudo estava novamente em seus devidos lugares, mas estes já não tinham o conforto ingênuo de antes. Algumas pessoas se cumprimentavam na rua e depois de cruzarem-se não era raro olharem para trás com o semblante azedo. Numa coisa todos concordavam, era preciso esquecer definitivamente a colina se quisessem conviver com a felicidade novamente, embora fosse impossível apagar o passado. O episódio também fez com que a comunidade perdesse uma de suas mais notórias figuras, delegado Paranhos, que dias após o ocorrido pediu transferência para não se sabe onde, havia quem dissesse que ouviu o delegado dizer: - Para o mais longe possível deste inferno! – o policial deixou saudades. Alguns hábitos corriqueiros também mudaram. Agora as casas já não ficavam com as portas escancaradas à noite; não, agora era melhor trancá-las bem, e as janelas também não era bom escancarar. Durante a noite a cidade voltou a ter seu sono tranqüilo, embora alguns olhos se mantivessem abertos na escuridão dos quartos. Mas uma coisa gelava o sangue dos habitantes de Rio Cercado; era nas noites de lua cheia. Nestas noites surgia o uivo de um lobo que vinha do topo da colina, um uivo lancinante e selvagem, que não deixava a população dormir. Havia quem dissesse que era o escritor, em forma de lobo, que voltava para sua casa no topo da colina e não a encontrando uivava anunciando sua dor e prometendo vingança. Mas já havia quem dissesse que, quem sabe, o escritor voltara na forma de um lobo e uivava para a lua, na colina, somente para lembrar ao povo de Rio Cercado de que a misteriosa, selvagem e escura noite, nada mais é do que o outro lado do morno, claro, e civilizado dia.

FIM